

O Catolicismo Romano



Laurence A. Justice

O Catolicismo Romano

Índice

| | |
|--|------------|
| Catolicismo – INTRODUÇÃO – | página 1 |
| Capítulo 1 - CATOLICISMO & A PALAVRA DE DEUS – | página 7 |
| Capítulo 2 - O CATOLICISMO & A IGREJA – | página 15 |
| Capítulo 3 - CATOLICISMO E O PAPADO – | página 25 |
| Capítulo 4 - CATOLICISMO E MARIA – | página 35 |
| Capítulo 5 - O CATOLICISMO E O SACERDÓCIO – | página 43 |
| Capítulo 6 - O CATOLICISMO E O BATISMO – | página 53 |
| Capítulo 7 - O CATOLICISMO E A MISSA – | página 61 |
| Capítulo 8 - O CATOLICISMO E A IDOLATRIA – | página 69 |
| Capítulo 9 - O CATOLICISMO E A SALVAÇÃO – | página 77 |
| Capítulo 10 - O CATOLICISMO, A IGREJA E O ESTADO – | página 85 |
| Capítulo 11 - O CATOLICISMO E A PERSEGUIÇÃO – | página 93 |
| Capítulo 12 - O CATOLICISMO E O ECUMENISMO – | página 101 |
| Capítulo 13 - NOSSA RESPOSTA AO CATOLICISMO – | página 111 |
| BIBLIOGRAFIA SOBRE O CATOLICISMO ROMANO – | página 119 |

O Catolicismo Romano

INTRODUÇÃO

Há várias razões importantes para escrever este livro:

1. O Catolicismo é a maior denominação cristã no mundo;
2. A maior parte da população da Kansas City é católica romana;
3. O tremendo poder religioso, político e econômico que a Igreja Católica possui no mundo;
4. A constante propaganda disseminada na mídia americana, especialmente em relação às viagens do Papa;
5. A grande ignorância da maior parte dos americanos em relação aos ensinamentos e às práticas do Catolicismo;
6. A responsabilidade dos pregadores de alertar as pessoas sobre falsos profetas e lutar prudentemente pela fé uma vez dada aos santos;
7. A recente experiência pessoal que tive com adeptos do Catolicismo em uma viagem ao México.

Minha intenção neste livro não é criticar, atacar ou difamar o Catolicismo demasiadamente. É informar às pessoas e alertá-las dos perigos do Catolicismo em relação ao destino eterno de suas almas. Usando seus próprios escritos, tendo documentado várias afirmações sobre crenças católicas. Tenho procurado deixar Roma falar por si própria.

Pastor Laurence A. Justice

Capítulo 1

CATOLICISMO & A PALAVRA DE DEUS

“Mas, em vão me adoram, ensinado doutrinas que são preceitos dos homens” Mateus 15.9

O QUE O CATOLICISMO ENSINA SOBRE A PALAVRA DE DEUS

O Catolicismo ensina que há três fontes de autoridade em se tratando de fé e práticas. A primeira, dizem eles, são as Escrituras, mas, na seqüência, dizem que nem tudo está contido nas Escrituras.

A segunda autoridade para a religião, dizem os Católicos, são as tradições da Igreja Católica. O *Catecismo Católico Romano de Baltimore*, Confraternity Edition, diz, na página 298, que “nem todas as verdades reveladas por Deus encontram-se na Bíblia; algumas são encontradas exclusivamente na tradição Divina”. O *Catecismo para Adultos*, Vatican II Edition, de James Alberione, diz, na página 93, “O que é a Sagrada Tradição? A Sagrada Tradição é a doutrina revelada ao respeito à fé e às morais, não escrita na Bíblia, mas transmitida de forma infalível época após época de uma maneira especial pelo Pastorado da Igreja”.

Outra vez, O *Catecismo de Baltimore* diz, na página 299: “A Tradição Divina tem-se o significado das verdades reveladas ensinadas por Cristo e seus apóstolos, que foram dadas à Igreja somente oralmente e não pela Bíblia, mesmo que foram escritas principalmente pelos pais da Igreja”.

Então, segundo a tradição católica, que eles dizem tem a autoridade para as questões de fé e ordem são as verdades reveladas por Deus aos apóstolos mas não foram escritas por eles. Ao invés de serem escritas pelos apóstolos, essas verdades foram transmitidas oralmente até que fossem escritas pelos líderes da Igreja Católica. O *Catecismo para Adultos*, na página 100, diz: “Conseqüentemente, não é apenas nas Escrituras Sagradas que a Igreja obtém a certeza sobre tudo o que foi revelado. Por isso, tanto a Sagrada Tradição quanto as Sagradas Escrituras devem ser aceitas e veneradas com a mesma lealdade e reverência”. O *Catecismo de Baltimore* diz, na página 299, “deve-se crer na Tradição Divina tão firmemente quanto se crê na Bíblia, porque ela também contém a Palavra de Deus”. As Tradições da Igreja Católica são colocadas por eles no mesmo nível, senão superior, em que estão as Sagradas Escrituras e nessa perspectiva as Escrituras são vistas como insuficientes ou inadequadas!

Robert Belarmine, um dos mais famosos teólogos e cardeais católicos, disse em seu livro *A Palavra de Deus*, capítulo 4, seção 1, parágrafo 6: “As Escrituras sem a Tradição não são nem simplesmente necessárias nem suficientes, mas as Tradições não escritas são necessárias. A Tradição sozinha é suficiente, mas as Escrituras sozinhas não são suficientes”.

A terceira fonte de autoridade para o Catolicismo é a própria Igreja. Roma alega que a Palavra de Deus precisa de um intérprete e que somente a Igreja Católica tem o direito de interpretar as Escrituras. Veja-se o que diz o *Catecismo de Baltimore* sobre isso, na página 299. “Podemos conhecer o verdadeiro significado das doutrinas contidas na Bíblia e na Tradição Divina através da Igreja Católica, que foi autorizada por Jesus Cristo para explicar suas doutrinas. A especial assistência do Espírito Santo a preserva de cometer erros nessa tarefa”.

O *Catecismo da Igreja Católica*, de 1994, diz, na página 27: “a tarefa de interpretação tem sido confiada aos bispos em comunhão com o sucessor de Pedro, O Bispo de Roma”. A *Enciclopédia Católica* diz, no volume 15, “quanto à interpretação bíblica propriamente dita, a Igreja é infalível no sentido de que, se o Papa, ou Conselho ou pelo seu ensino atual, por decisão fidedigna, disser que determinada passagem das Escrituras tem certo significado, deve observar-se esse significado como o verdadeiro sentido da passagem em questão.”

A *Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina*, escrita pelo Vaticano II, diz: “Portanto, tanto as Escrituras quanto a Tradição devem ser aceitas com igual sentimento de devoção e reverência. A Sagrada Tradição e as Sagradas Escrituras formam uma unidade, o sagrado texto da Palavra de Deus entregue aos cuidados da Igreja. Dessa forma, fica claro que a sagrada tradição, as Sagradas Escrituras e o magistério da Igreja são, pelos mais sábios decretos de Deus, tão proximamente ligadas e associadas que uma não subsiste sem as outras duas e o todo e cada uma na sua própria maneira, sob o estímulo do Espírito de Deus, contribuem de forma eficaz para a salvação das almas”.

Em outras palavras, o Catolicismo sustenta que as Sagradas Tradições da Igreja, o corpo da Igreja chamado o magistério, que se junta para decidir o que a Bíblia realmente significa, e a própria Bíblia, juntos, são eficazes para a salvação das almas, e que a Bíblia não se sustenta sozinha, mas essas três coisas, a palavra de Deus, a tradição Católica e a Igreja Católica ou permanecem ou derrocam juntas.

O Conselho de Trento estabeleceu que ninguém pode interpretar as Escrituras se essa interpretação for contrária a da Igreja Católica. “Para restringir qualquer espírito petulante, ninguém, confiando em sua própria habilidade, a respeito de fé e ordem pertencentes à edificação da doutrina cristã, deverá presumir interpretar as Sagradas Escrituras num sentido contrário aquele significado que a sagrada Igreja Mãe sustenta, qual tem o direito de julgar o verdadeiro sentido e interpretação das Sagradas Escrituras”.

Hoje, um homem comum pode interpretar e entender a Palavra de Deus por si? O Catolicismo diz: Não! Apenas a Igreja Católica pode dizer o que a Palavra de Deus quer dizer.

Até recentemente o Catolicismo não deixaria as pessoas lerem a Palavra de Deus. Hoje, pelo menos nos Estados Unidos, por causa da pressão dos não-católicos, os leigos podem ler a Bíblia, todavia suas interpretações devem estar em harmonia com a da Santa Igreja Mãe. A palavra final é, portanto, não a Palavra de Deus, mas a Igreja Católica já que ela é a única qualificada para interpretar a Palavra de Deus.

Para ser mais claro, o católico é governado, não pela Palavra de Deus, não pela Palavra de Deus e a Tradição, mas pela Igreja, que estabelece a tradição e diz o que isso significa. Tradição é o que a Igreja Católica diz que ela seja. A Palavra de Deus significa aquilo que a Igreja Católica diz que ela signifique. Para o Catolicismo, a Palavra de Deus não é a autoridade máxima. O que importa é o que a Igreja diz. A Igreja Católica coloca-se acima da Palavra de Deus.

Por que o Catolicismo atribui tamanha autoridade à tradição e à Igreja Católica? Porquê ela tem que, de alguma forma, justificar suas doutrinas e práticas, as quais não têm nenhuma base na Palavra de Deus.

A manutenção de Roma sobre essas três fontes de autoridade religiosa ajuda a explicar a forma como ela tem tratado a Palavra de Deus historicamente. Em toda a história, até os tempos modernos, o Catolicismo tem privado o homem comum da Palavra de Deus.

Ela manteve a Bíblia em latim por mil anos, de tal forma que as pessoas não a podiam ler. Ela fez que fosse uma ofensa capital durante a Idade Média a fato de possuir uma cópia da Palavra de Deus. Durante oitocentos anos, até a Reforma, ela manteve a Bíblia acorrentada ao púlpito em Igrejas Católicas, de tal forma que ninguém a podia ter em casa. No ano de 1229, a Igreja Católica listou a Bíblia no *Índice de Livros Proibidos*. João Wycliffe, que traduziu a Bíblia para o Inglês, para que os homens comuns pudessem ler,

morreu em 1384, mas, em 1415, a Igreja Católica desenterrou seus ossos, queimou-os e os jogou no Rio Swift por ter feito aquela tradução. O Papa Clemente XI, em 1713, na sua Bula Unigênito, declarou: “Proibimos estritamente (o leigo ou o homem comum) de ter os livros do Velho e do Novo Testamento numa (língua secular)”. Em 1816, O Papa Pio VII disse, em outra bula papal, preocupado com a distribuição da Palavra de Deus por sociedades bíblicas, que isso é “um instrumento malevolente para minar os fundamentos da religião”. Você pode imaginar como podem essas afirmações contra a Palavra de Deus vir de uma igreja que professa ser cristã?

A AUTORIDADE MÁXIMA EM QUALQUER QUESTÃO RELIGIOSA É A PALAVRA DE DEUS

A Santa Palavra de Deus é a única regra de fé e ordem para o cristianismo neotestamentário. Essa é a diferença básica entre os Batistas e os Católicos. Os Batistas observam unicamente a autoridade da Palavra de Deus enquanto que os Católicos observam as tradições de sua Igreja. A autoridade máxima em qualquer questão de fé e ordem são as próprias Escrituras.

Vejamos alguns versículos que nos dizem isso. Primeiro veja Isaías 8.20. Aqui Isaías está dizendo ao povo de Judá para não procurar pelo oculto para se aconselhar e ajudá-los em seus problemas. Ele diz que qualquer coisa que não se conforma à lei e ao testemunho, isto é, às Escrituras, a Palavra de Deus, não há luz nela. “A lei e ao testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles”. Isso se aplica obviamente a tudo, incluindo a tradição ou o que quer que seja. A Palavra de Deus é superior à Igreja Católica e tudo mais em autoridade.

Nossos antepassados Batistas estabeleceram uma postura bíblica perfeitamente quando disseram, na *Confissão de fé da Filadélfia*: “O supremo juiz pelo quais todas as controvérsias religiosas serão resolvidas, e todos os decretos de conselhos, opiniões de velhos escritores, doutrinas dos homens e espíritos ocultos serão examinados, e na sentença dele descansaremos, não pode ser nenhum outro senão as Sagradas Escrituras que foram entregues pelo Espírito Santo, à qual Escritura a nossa fé é finalmente resolvida”.

Outro parágrafo importante nessa confissão, em relação ao mesmo assunto, diz: “A regra infalível de interpretação das Escrituras são as próprias Escrituras e, sendo assim, quando há uma questão sobre o verdadeiro e completo significado de qualquer parte das Escrituras, isso deve ser pesquisado em outras passagens que falam mais claramente”. Em outras

palavras, o intérprete apropriado das Escrituras não é a Igreja, mas as próprias Escrituras!

A Palavra de Deus é completa e perfeita! Deus não dá autoridade a ninguém para acrescentar algo a Sua palavra ou mudá-la. Jesus diz, em Apocalipse 22.18: “Porque Eu testifico a todo aquele que ouvir as palavras da profecia deste livro que, se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus fará vir sobre ele as pragas que estão escritas nesse livro”. Nenhuma vez sequer Cristo ou os apóstolos disseram ou sugeriram que a tradição deveria ser somada às Escrituras!

Mais uma vez nossos antepassados batistas, nos primórdios da América, escreveram na Confissão da Filadélfia que eles acreditavam concernente a integridade e perfeição da Palavra de Deus. ***“Todo o conselho de Deus*** concernente a tudo o que é necessário para sua própria glória, a salvação e a vida ***está ou expressamente fixado ou necessariamente contido nas Sagradas Escrituras; a qual nada, em tempo algum, pode ser acrescentado,*** seja por novas revelações do Espírito ***ou tradições dos homens”***.

A Palavra de Deus é suficiente. Ela nos informa sobre tudo de que precisamos saber para a vida e salvação. II Timóteo 3.15-17 diz: “E que desde a tua meninice sabes as Sagradas Escrituras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus. Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça; **para que o homem de Deus seja perfeito** (ou espiritualmente completo) **e perfeitamente instruído** (literalmente, completamente equipado) **para toda** (absolutamente toda) **a boa obra”**. Não precisamos de tradição ou novas revelações. A Palavra de Deus é o suficiente para suprir nossas necessidades.

O homem comum pode entender e interpretar a Palavra de Deus? O Catolicismo ensina que as Escrituras devem ser entendidas sob a interpretação da Igreja. Mas a Palavra de Deus é clara e pode ser entendida por qualquer um que a lê e a deseja entender. Chamamos isso de ***perspicuidade*** das Escrituras. A Palavra de Deus é claramente entendida pelo homem comum, quer dizer, por todas as pessoas.

Os profetas do Velho Testamento falavam da Palavra de Deus aos homens comuns com freqüência e contavam que eles a entendessem. Em I Reis 22.28, o profeta Micaías disse: “ouvi, povos, todos”. Em Deuteronômio 6.4, Moisés disse: “Ouve, Israel”. Essas mesmas palavras escritas há muito tempo obviamente podem ser entendidas pelos leitores de hoje!

O Senhor Jesus não endereçou sua pregação à elite e aos intelectuais, mas ao homem comum. Marcos 12.37 diz: “e a grande multidão o ouvia de boa vontade”. Eles não teriam ouvido de boa vontade se não entendessem o que o Senhor dizia!

Atos 17.11 diz que os Bereanos, cidadãos comuns da cidade de Beréia, foram nobres porque estudaram a Palavra de Deus o dia todo para ver se aquilo que Paulo pregou era verdade. “Estes foram mais nobres do que os que estavam em Tessalônica, porque de bom grado receberam a palavra, examinando cada dia nas Escrituras se estas coisas eram assim”. Todas as cartas do Novo Testamento são endereçadas às congregações, aos santos e a todos aqueles que clamam pelo nome de Jesus Cristo, nosso Senhor.

Há várias passagens das Escrituras que ordenam que o povo de Deus faça estudo bíblico individual, como João 5.39, onde o Senhor Jesus disse aos seus ouvintes: “**Examinai as Escrituras**, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam”. I Pedro 2.2 diz aos cristãos: “Desejai afetosamente, como meninos novamente nascidos, o leite racional, não falsificado, para que por ele vades crescendo”. Em Apocalipse 1.3, o Senhor Jesus diz: “Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas”. A Palavra de Deus jamais sugere que a sua interpretação pertence a um indivíduo ou a uma igreja.

APLICAÇÃO DO NOSSO TEXTO À VISÃO CATÓLICA DA PALAVRA DE DEUS

Condenar a tradição religiosa foi a única coisa que o Senhor Jesus fez ao se referir a ela. Nosso texto é uma declaração máxima do nosso Senhor na seguinte situação. O Senhor Jesus ficou indignado porque os Fariseus tinham elevado sua tradição religiosa acima da Palavra de Deus. Embora o quinto mandamento requeira honra ao pai e à mãe, o que significa tomar conta deles nas suas velhices, os Fariseus seguiam uma tradição que os permitia burlar a lei de Deus, a qual se referiam usando a palavra *Corban*. Quando diziam *Corban*, estavam dizendo que tinham dedicado todos os seus recursos financeiros a Deus e, por isso, de forma alguma estavam obrigados a cuidar dos seus pais idosos.

O Senhor Jesus disse aos Fariseus: “**Em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos dos homens**”. O Senhor Jesus censurou os Fariseu porque fizeram o mesmo que o Catolicismo faz hoje, colocando a tradição como sendo igual ou superior à Palavra de Deus.

No versículo 6 desse mesmo capítulo 15, O Senhor Jesus diz que a tradição religiosa anula os mandamentos de Deus. ***“E assim invalidastes, pela vossa tradição, o mandamento de Deus”***.

A tradição invalida a Palavra de Deus. Veja-se um exemplo em relação ao Catolicismo. I Timóteo 2.5 diz: “Porque há um só Deus, e ***um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo*** homem”. Mas a tradição Católica vem com toda espécie de mediador entre Deus e os homens; Maria, os santos, o padre e os anjos, invalidando o ensinamento de I Timóteo 2.5, que diz haver ***só um mediador***, e esse mediador é Jesus Cristo.

Em nosso texto, o Senhor Jesus diz que apresentar a tradição como uma autoridade doutrinária torna a adoração vã. “Em vão me adoram, ***ensinando doutrinas que são preceitos dos homens*** (ou ensinando às pessoas doutrinas dos homens como se elas fossem doutrinas entregues pelo próprio Deus)”.

O Catolicismo, hoje, assim como aqueles Fariseus do tempo de Jesus, acrescentou doutrinas e tradições de sua própria invenção e desígnio, mas sua adoração foi vã ou sem propósito. É indiscutível o fato de que todas as doutrinas predominantes pelo Catolicismo estão baseadas na tradição e não na Palavra de Deus.

Onde, na Palavra de Deus, é ensinado que o sacrifício de Cristo é oferecido toda vez em que a missa é ministrada? Onde a Palavra de Deus menciona sacramentos? Onde a Palavra de Deus menciona que Pedro foi o primeiro Papa? Onde a Palavra de Deus diz que o Papa é infalível? Onde a Palavra de Deus menciona oração à Virgem Maria ou aos Santos? Onde a Palavra de Deus diz que Maria subiu corporalmente ao céu? Onde a Palavra de Deus diz que podemos adorar imagens? Onde a Palavra de Deus menciona confissão de pecados a um padre? Onde a Palavra de Deus menciona o purgatório? Onde a Palavra de Deus diz que uma igreja soma-se à Palavra de Deus? Onde a Palavra de Deus diz que crianças podem ser batizadas? Onde a Palavra de Deus diz que o Papa deve ser chamado o santo pai? Onde a Palavra de Deus diz que Maria é mãe de Deus? Onde a Palavra de Deus diz que há um oficial na igreja chamado padre?

Se você procurar na Palavra de Deus por alguma dessas doutrinas, encontrará uma grande contradição nelas, não um silêncio absoluto. Essas coisas são todas tradições da Igreja Católica, e não da pregação autoritária, completa e suficiente da Palavra de Deus.

CONCLUSÃO

Em Colossenses 2.8, o apóstolo Paulo alerta aos homens que não sejam enganados pela tradição quando ele diz: “***Tende cuidado***, para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a ***tradição dos homens***, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo”.

Querido leitor, afaste-se de todas as tradições e volte-se para a infalível Palavra de Deus em relação a tudo o que envolve fé e ordem! Baseie sua crença e práticas na sólida fundação da Palavra de Deus! Você tomará partido a favor da Sagrada Palavra de Deus, em tua fé e prática, ou das tradições dos homens?

Capítulo 2

O CATOLICISMO & A IGREJA

Mateus 16.13-18, “E, chegando Jesus às partes de Cesaréia de Felipe, interrogou os seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens ser o filho do homem? E eles disseram: Uns, João o Batista; outros, Elias; e outros, Jeremias, ou um dos profetas. Disse-lhes ele: E vós, quem dizeis que eu sou? E Simão Pedro, respondendo, disse-lhe: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. E Jesus, respondendo, disse-lhe: Bem aventurado és tu, Simão Barjonas, porque to não revelou a carne e o sangue, mas teu Pai, que estás nos céus. Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.”

A palavra *eclesiologia* significa o estudo da igreja. Nesse capítulo veremos a eclesiologia católica e a compararemos ao que ensina a Palavra de Deus. Sendo a igreja a única instituição deixada por Jesus Cristo para fazer a sua obra nessa terra, é essencial que não cometamos erros quanto ao tipo de instituição que ela deve ser. Nossa pressuposição básica nesse estudo sobre o Catolicismo, assim como em todas as questões que envolvem fé e ordem, é que a Palavra de Deus, apenas a Palavra de Deus, é nossa autoridade máxima.

A FUNDAÇÃO DA IGREJA

A Igreja Católica Romana está baseada na assunção de que, em Mateus 16.13-18, o Senhor Jesus apontou Pedro como o primeiro Papa e que, portanto, fundou sua igreja sobre Pedro. Veja-se o versículo 18 de nosso texto: “Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”.

Os católicos adoram citar Mateus 16.18 como prova de que a igreja foi fundada sobre Pedro. É um fato que a Igreja Católica Romana baseia sua inteira existência e autoridade sobre essa passagem, ou, pelo menos, sobre a interpretação que dá a ela.

Digamos, de início, que, se a visão católica sobre essa passagem é correta, então, todos os verdadeiros cristãos devem tornar-se católicos. Se, ao contrário, a visão católica sobre essa passagem está errada, então, toda a religião católica é falsa e deve ser rejeitada pelos verdadeiros cristãos!

Veja-se aqui a declaração do próprio catolicismo sobre a fundação da igreja. Ela é tirada do *Catecismo de Baltimore*, Confraternity Edition, questão #159.

“A igreja verdadeira é apostólica porque Cristo fundou-a sobre os apóstolos, *especialmente sobre Pedro que ele chamou a pedra sobre a qual a igreja seria edificada*”. Mateus 16.18 é dado como referência bíblica aqui.

Mas isso é o que a Palavra de Deus diz realmente? Vejamos. Aqui está o que o Senhor diz em Mateus 16.18. “Pois também eu te digo que tu és **Pedro**, e sobre *esta pedra* edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”.

As palavras gregas usadas pelo Senhor Jesus aqui são essenciais para o que Ele quer dizer. A palavra grega usada para Pedro é *petros*, que significa pequena pedra móvel. A palavra grega para pedra é *petra*, que significa massa imóvel ou rochedo. Usando o nome de Pedro, o Senhor faz um jogo de palavras aqui e diz: tu és Petros, e sobre esta petra edificarei a minha igreja. Você é uma pequena pedra e sobre esse rochedo maciço edificarei a minha igreja, ele diz.

Além disso, a palavra grega *Petros*, que é o nome de Pedro, refere-se a uma pessoa e está no *gênero masculino*. A palavra grega *petra* está no *gênero feminino* e não se refere a uma pessoa mas à deidade de Cristo que Pedro já havia confessado quando disse, no versículo 16, “tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”.

Se a intenção de Jesus Cristo era dizer que fundaria a igreja sobre Pedro, seria ridículo mudar para o gênero feminino no meio da declaração. Isso seria como dizer, tu és o *senhor* Pedro e sobre essa *senhora* pedra edificarei a minha igreja.

O Senhor Jesus fez duas afirmações distintas nesse verso. 1- Tu és Pedro e 2- Sobre essa pedra (a mudança de gênero indicando mudança de sujeito) edificarei a minha igreja. O Senhor faz uma distinção clara entre Pedro e a pedra aqui. Pedro *não era* a pedra sobre a qual Cristo fundou a igreja! Se a intenção do Senhor Jesus *era* dizer que Pedro era a Pedra, teria dito algo como: Tu és Pedro e sobre *você* edificarei a minha igreja!

A verdadeira fundação da igreja depende da identidade da Pedra, que é uma massa imóvel ou rochedo. Quem ou o que é a Pedra sobre a qual o Senhor diz que edificará sua Igreja?

A Pedra é simplesmente Cristo, a Quem as Escrituras repetidamente referem-se como a Pedra. Trinta e quatro vezes o Velho Testamento chama Deus de a Pedra, a Rocha ou, em vários versículos, o rochedo de Israel, como em Salmos 18.31. “Porque quem é Deus senão o Senhor? E quem é rochedo senão nosso Deus?”.

Sendo Cristo o Deus Filho e o Filho de Deus, quando a Pedra nas Escrituras referem-se a Deus, falam de Cristo. Em passagens messiânicas do Velho Testamento, Cristo é chamado a Pedra ou a Rocha na qual o homem deveria acreditar. Isaías 8.14, por exemplo, diz: “Então *ele vos será* por santuário; mas servira de *pedra de tropeço, e rocha de escândalo*, às duas casas de Israel”. Salmos 118.22 diz: “A pedra que os edificadores rejeitaram tornou-se a cabeça da esquina”.

O Novo Testamento cita essas passagens e aplica-as a Jesus Cristo, além disso, várias passagens no Novo Testamento falam especificamente de Cristo como a pedra ou a rocha. O próprio Pedro diz, em Atos 4.10-11, “Seja conhecido de vós todos, e de todo o povo de Israel, que em nome de *Jesus Cristo, o Nazareno*, aquele a quem vós crucificastes e a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, em nome desse é que este está são diante de vós. *Ele é a pedra* que foi rejeitada por vós, os edificadores, a qual foi posta por cabeça de esquina”. Em I Coríntios 10.4, Paulo diz que a pedra da qual Israel bebeu no deserto tipificou Cristo. “Porque bebiam da pedra espiritual que os seguia; e a pedra era Cristo”.

A igreja não é fundada sobre Pedro, um homem pecador, fraco e vacilante, mas sobre Jesus Cristo, o divino filho de Deus! A Pedra sobre a qual Cristo fundou sua igreja não foi Pedro mas a grande verdade, a qual o Senhor há pouco havia revelado a Pedro, que Jesus era o Cristo, o filho do Deus vivo. Paulo confirma isso, quando, em I Coríntios 3.11, diz, “Porque ninguém pode pôr outro fundamento além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo”. Sem essa verdadeira fundação de Jesus Cristo, o Filho de Deus, não poderia existir a igreja verdadeira.

E Pedro? Ele reivindicou ser a Pedra? Em I Pedro 2.4-8, verificamos o que Pedro pensa sobre a Pedra ou Rocha. “E, chegando-vos *para Ele* (O Senhor Jesus Cristo), *pedra viva*, reprovada, na verdade, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa, vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo. Por isso também na Escritura se contém: Eis que ponho em Sião *a pedra principal da esquina*, eleita e preciosa; e quem *nela* (a rocha, Jesus Cristo) crer não será confundido. E assim para vós, os que credes, *é* preciosa, mas para os rebeldes, *a pedra* que os edificadores reprovaram, essa foi a principal da esquina, e uma pedra de tropeço e rocha de escândalo, para aqueles que tropeçam na palavra, sendo desobedientes; para o que também foram destinados”. Constata-se que Pedro chama Cristo de pedra, a pedra principal da esquina. Ele chama todos os

crentes de pedras vivas, edificados casa espiritual, tendo Cristo por cabeça da esquina, e, para si, Pedro não reivindica *nada*.

Em nosso texto, Pedro observava uma verdade essencial básica em relação à pessoa de Cristo e o Senhor aprovou nele essa percepção espiritual, mas está muito diferente poder dizer que a igreja foi fundada sobre Pedro. De acordo com as Santas Palavras de Deus, Jesus Cristo, o filho do Deus vivo, é a fundação da igreja verdadeira e, sendo edificada sobre Cristo o filho de Deus, os portões do inferno não prevalecerão contra ela.

Há uma diferença inadmissível entre a Palavra de Deus e os católicos no que se refere à fundação da igreja. O Catolicismo diz que Pedro é a fundação da igreja enquanto que a Palavra de Deus diz que é Cristo.

A NATUREZA DA IGREJA

que o Senhor Jesus disse que edificaria. Entre aqueles que se julgam cristãos hoje há três visões básicas sobre a natureza da igreja que Jesus Cristo edificou. Há a visão Católica Romana de uma igreja universal/visível, há a visão Protestante de uma igreja universal/invisível e há a visão do Novo Testamento e Batista de uma igreja local/visível.

A visão Católica da igreja como uma instituição universal e visível significa que todas as igrejas católicas nesse mundo são sujeitas ao Papa e, nessa maneira unidas, elas, coletivamente, constituem uma única igreja de Cristo sobre a terra. A palavra Católico significa universal no sentido de que existe no mundo inteiro. Na visão católica, a igreja é uma organização que existe no mundo inteiro. Uma única congregação, de forma alguma, é uma igreja, mas uma pequena parte de toda a igreja.

O catecismo católico *Ser um Cristão*, de Joseph V. Gallagher, diz, na questão 15, “Ela é a comunidade mundial dos seguidores de Jesus, unida pelo Papa”. Entretanto, o Novo Testamento não fala da igreja universal ou católica em lugar nenhum! Em lugar nenhum a Palavra de Deus apresenta a igreja como uma organização nacional ou mundial que inclui todas as pessoas em um território, nação ou em toda a terra! O Novo Testamento nunca se refere a todas as igrejas como “A Igreja”.

Segundo a visão protestante, a igreja é universal e *in*visível. Essa teoria da universalidade/invisibilidade da natureza da igreja começou durante a Reforma e foi criada pelos protestantes para se contrapor à teoria católica da universalidade/visibilidade.

Essa visão diz que a igreja é composta por todos os salvos em toda a terra. A qualquer tempo a pessoa salva torna-se membro desse grande e invisível corpo de Cristo.

Uma vez li sobre um homem que contou a um pregador que ele pertencia a uma grande igreja, o universal e invisível corpo de Cristo, a quem aquele pastor respondeu que no Novo Testamento podia localizar-se as igrejas e escrever para elas. Eu quero escrever a sua igreja. Dê-me o endereço dela e o nome do seu pastor!

Recentemente tem surgido uma espécie estranha de cristãos que se autodenominam Batistas Reformados, o que é um oxímoro.

Num dia desses recebi pelo correio a confissão de fé de uma dessas igrejas chamada “Confissão de Fé de Hampton Road”. Veja o que essa confissão Batista Reformada diz sobre a igreja: “A igreja universal, todos os eleitos de Deus que já viveram, que estão vivos e que ainda viverão, compreende a verdadeira igreja universal ou Católica (...) em adição àquela Igreja Católica ou universal plenamente conhecida por Deus, Ele também fala nas Escrituras da igreja local (...) Toda igreja local, ajuntada por Deus, é independentemente uma igreja bíblica como um todo, e, também uma parte, uma expressão local da igreja verdadeira universal”. O maior problema que os protestantes e esses chamados Batistas Reformados têm é que em lugar nenhum o Novo Testamento fala sobre uma igreja invisível.

O terceiro ponto de vista sobre a natureza da igreja é o do Novo Testamento e Batista, segundo o qual a igreja é local e visível em sua natureza. A palavra grega traduzida como *igreja* na versão do Rei Tiago é *ecclesia*, que significa e só pode significar *uma assembléia convocada*, uma assembléia pública ou congregação. Essa palavra *sempre* conserva esse significado de assembléia em todas as Escrituras. A igreja é uma assembléia, um grupo de pessoas que se reúne em algum lugar. *Ecclesia* nunca é usada nem no grego bíblico nem no grego clássico num sentido diferente de assembléia.

O Novo Testamento não conhece nenhuma organização mais abrangente ou geograficamente ampla do que a igreja local. A palavra igreja é usada no Novo Testamento para se referir a uma congregação local e, quando se refere a mais de uma igreja, usa-se a palavra *igrejas* no plural. A palavra igreja, no singular, nunca é usada no Novo Testamento para se referir a mais de uma congregação local. No Novo Testamento, várias congregações sempre referem-se as muitas igrejas separadas, como as sete igrejas na Ásia, as igrejas em Acaia, as igrejas na Macedônia etc. As igrejas verdadeiras da

atualidade não são invisíveis dentro de igrejas visíveis, mas são assembléias de crentes verdadeiros moldadas a seguir o exemplo do Novo Testamento.

Vejamos mais detalhadamente como o Novo Testamento usa a palavra igreja, porque isso é muito importante para que se entenda exatamente qual é a natureza dela. Não nos esqueçamos de que a palavra sempre significa assembléia, sendo assim, precisamos notar três aspectos da palavra igreja segundo a forma como ela é apresentada no Novo Testamento.

Na maior parte dos casos, a palavra refere-se a uma assembléia local de crentes. Em alguns casos a palavra é usada para se referir a uma instituição ou de forma abstrata, e, em dois casos, é usada num sentido prospectivo ou escatológico.

A palavra igreja ocorre 113 vezes no Novo Testamento. Cinco delas referem-se a reuniões ou ajuntamentos não religiosos.

Em Efésios, por exemplo, toda a cidade reuniu-se no estádio, sendo incitada pelos espíritos dos inimigos de Paulo. Atos 19.32 diz, “Uns, pois, chamavam de uma maneira, outros de outra, porque o *ajuntamento* (Grego ecclesia) era confuso; e os mais deles não sabiam por que causa se tinham ajuntado”. Essa assembléia não faz referência a uma igreja, todavia a palavra significa assembléia ou reunião de pessoas.

Em Atos 7.38, Estevão menciona algo chamado a igreja no deserto. “Este é o que esteve entre *a congregação no deserto*, com o anjo que lhe falava no Monte Sinai e com nossos pais, o qual recebeu as palavras de vida para nos dar”. Essa palavra não se refere à igreja do Novo Testamento. Está referindo-se a Israel, no Velho Testamento, que *ajuntou* no Monte Sinai para receber as leis de Moisés. Os outros três usos dessa palavra, não se referindo à palavra igreja, no Novo Testamento, ocorrem em Atos 19.39, 41 e Hebreus 2.12.

A palavra igreja (ecclesia) é usada noventa e seis vezes no Novo Testamento em indubitável referência a uma congregação local ou uma assembléia de pessoas de Cristo.

A palavra é usada dez vezes em outro sentido, num sentido institucional, no qual usa-se o singular para o plural. Quando falamos do lar americano, não fazemos referência a nenhum lar americano em particular, mas ao lar como uma instituição em abstrato. É dessa forma que Paulo usa a palavra em Efésios 1.22 e Efésios 5.25.

Paulo fala de Cristo, que Deus “sujeitou todas as coisas a seus pés, e sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da *igreja*“ e, em Efésios 5.25, “Vós,

maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a *igreja*, e a si mesmo se entregou por ela”.

O Novo Testamento usa a palavra igreja duas vezes num sentido futuro ou escatológico para se referir a todos os salvos que estarão um dia reunidos num lugar no céu, a igreja na glória, como alguns preferem dizer. Vejamos ambos.

O primeiro é Efésios 5.27, onde Paulo está falando da igreja futura, quando diz “para a apresentar a si mesma *igreja gloriosa*, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível”. Isso se refere apenas ao momento da glorificação, quando os santos serão todos *levados juntos* ao encontro do Senhor no ar e glorificados.

Agora, vejamos Hebreus 12.23, onde Paulo fala da “universal assembléia e igreja dos primogênitos, que estão inscritos nos céus”. É importante lembrar que mesmo nessas duas instâncias a igreja é uma assembléia local e nada mais. Naquela ocasião futura, a igreja reunirá no ar e depois no céu, sendo um ajuntamento visível num lugar definido.

Atualmente a única igreja existente é um corpo local, independente e auto governável feito de crentes batizados. Nunca houve e nunca haverá uma igreja sem uma assembléia, e portanto, não há e nunca haverá uma igreja visível universal sobre a terra que não tem os seus membros ajuntados em um lugar. Biblicamente não se pode chamar de igreja a todas as igrejas católicas porque elas não podem reunir-se numa mesma assembléia. Biblicamente não se pode chamar de igreja a todos os salvos não reunidos numa mesma assembléia. As Escrituras estabelecem: sem assembléia, não existe igreja!

A igreja que Jesus Cristo estabeleceu era uma assembléia local e é essa igreja que Ele prometeu a perpetuar em Mateus 16.18, até que Ele volte. Há um abismo intransponível entre a Palavra de Deus e o Catolicismo em relação à natureza da igreja.

A IGREJA VERDADEIRA

Veja o que o *Catecismo de Baltimore* diz sobre qual é a igreja verdadeira. A resposta a essa questão #152, neste catecismo é: “A única Igreja verdadeira estabelecida por Cristo é a Igreja Católica”. A questão #165, no *Catecismo de Baltimore Revisado* diz: ”A Igreja é a congregação de todas as pessoas batizadas, unidas na mesma fé verdadeira, nos mesmos sacrifícios, nos mesmos sacramentos, sob o Santo Pai, o Papa ... (#75) ... *todos são*

obrigados a pertencer a Igreja Católica de alguma maneira ***para serem salvos***”.

De acordo com o Novo Testamento, porém, a igreja verdadeira, a igreja genuína é aquela que se conforma aos ensinamentos e aos padrões do Novo Testamento! A verdadeira igreja neotestamentária é uma congregação de crentes batizados que se unem para cumprir a grande comissão, que são fieis ao exemplo do Novo Testamento e das práticas das igrejas apostólicas. Isso inclui questões de organização, governo e disciplina.

No Novo Testamento, os verdadeiros crentes em Jesus Cristo foram chamados, não Católicos, mas, ***Cristãos***, como lemos em Atos 11.26 e 26.28. Há uma diferença irreconhecível entre o Catolicismo e o que ensina o Novo Testamento sobre como é a igreja verdadeira!

O GOVERNO DA IGREJA

O governo da igreja católica é adequadamente chamado de hierarquia e trata-se da gradação de oficiais, em ordem decrescente, do Papa aos cardeais aos bispos aos padres. O governo da igreja católica é também autocrático, o infalível papa é quem rege tudo. Igrejas em particular ou católicos individualmente têm pouquíssima senão nenhuma voz na constituição da organização. Nessa organização, crença e prática são reguladas por quem está acima.

A resposta à questão #137, no *Catecismo de Baltimore*, estabelece que “os evangelhos mostram que Cristo fundou uma igreja de sociedade visível e ***hierárquica***, ou seja, inventou subordinados e superiores que adequadamente comandam os subordinados. O Papa e os bispos são a hierarquia dominadora. A Igreja é também uma sociedade monárquica na qual o Papa governa soberanamente, isto é, com autoridade sobre toda a Igreja. Pedro foi o primeira cabeça da igreja fundada por Cristo”.

Mas as igrejas do Novo Testamento nunca tiveram a hierarquia e a monarquia que tem o Catolicismo! O governo da Igreja neotestamentária é o governo dos membros, pelos membros e para os membros da igreja local. Trata-se de uma democracia espiritual. Cada igreja neotestamentária é inteiramente independente das outras.

Tenhamos uma breve visão do governo democrático das igrejas do Novo Testamento: em Jerusalém a igreja toda elegeu um sucessor para Judas de acordo com Atos 1.15-26. Em Jerusalém a igreja toda elegeu seus diáconos de acordo com Atos 6.1-7. Em Antioquia, a igreja toda ordenou Paulo e Barnabé como missionários e enviou-os à obra conforme Atos 13.1-3. À essa

igreja congregada em Antioquia Paulo e Barnabé responderam quando terminaram a primeira viagem missionária conforme Atos 14.27.

As ações da igreja local são definitivas porque não há outro nível de autoridade no Novo Testamento. Não há nenhuma réplica às decisões da igreja segundo Mateus 18.15-17. O Senhor Jesus Cristo nunca deu às suas igrejas o direito de mudar a forma de governo da igreja revelada na sua palavra. Há um abismo intransponível entre o Catolicismo e a Palavra de Deus em relação ao governo da igreja. A Palavra de Deus requer democracia enquanto que o Catolicismo requer uma monarquia sob o domínio do Papa.

Há uma lamentável e irreconhecível diferença entre a Palavra de Deus e o que ensina a Igreja Católica sobre a igreja. Determinaremos então que, com a ajuda do Espírito Santo, nós, como uma igreja, sermos fiéis ao que a Palavra de Deus ensina sobre a igreja!

Capítulo 3

CATOLICISMO E O PAPADO

“E a ninguém na terra chameis vosso pai, porque um só é o vosso Pai, o qual está nos céus” Mateus 23.9

Nesse terceiro capítulo, quero começar definindo alguns dos termos que usarei. O primeiro é **Papa**, que vem do Grego *papas* e, em Latim, *papa* significa pai. Esse termo refere-se ao oficial mais importante da Igreja, segundo o Catolicismo Romano. A palavra **papado** refere-se ao sistema de governo eclesiástico do qual o Papa é reconhecido como o cabeça suprema. A palavra **papal** significa do ou pertencente ao Papa. A palavra **Pontífice** é outro termo para Papa. A palavra **Vaticano** refere-se à sede do poder e da autoridade do Papa que está em Roma.

O ofício do Papa, e tudo o que está aí relacionado, não está sustentado pela Palavra de Deus. Esse ofício simplesmente não se encontra nela! Precisamos estabelecer esse fato logo de início. Os únicos dois oficiais que o Senhor Jesus estabeleceu em suas igrejas são o pastor (ou bispo ou presbítero, como também este ofício pode ser chamado) e o diácono.

O CATOLICISMO ENSINA QUE PEDRO FOI O PRIMEIRO PAPA

O *Catecismo de Baltimore*, Confraternity Edition, diz, na questão #147, “Em Sua Igreja, Cristo deu um poder especial a São Pedro, fazendo-o o cabeça dos apóstolos e o mais importante professor e administrador de toda a Igreja ... São Pedro foi reconhecido pelos primeiros Cristãos como o cabeça da Igreja”.

A questão #148 continua, dizendo, “Cristo não intentava que o poder especial do mais importante professor e administrador de toda a Igreja pudesse ser exercido apenas por São Pedro, mas intentava que esse poder pudesse passar a seus sucessores, o Papa, o Bispo de Roma, que é vicário de Cristo sobre a terra e o visível cabeça da Igreja”.

Por fim, a questão #159 diz, “...O supremo poder de São Pedro na Igreja tem passado por uma linha ininterrupta de seus sucessores na Santa Sé de Roma”.

O Catolicismo reivindica que Pedro foi Bispo, em Roma, de 42 d.C. a 67 d.C. (25 anos) e então crucificado pelo imperador Nero. A reivindicação do Catolicismo de que Pedro foi o primeiro Papa é crucial para todo o sistema

Católico. A reivindicação de ter uma origem apostólica sustenta-se ou derroca com o fato de Pedro ter sido o primeiro Papa.

A Palavra de Deus não ensina que Pedro foi o primeiro Papa. Ela também não ensina que Pedro tinha autoridade sobre os outros apóstolos. A Palavra de Deus nem sequer conta-nos que Pedro foi a Roma. O Senhor Jesus Cristo não deu a Pedro autoridade sobre os outros apóstolos nem sobre a Igreja.

Em Mateus 20.25-27, o Senhor Jesus está corrigindo os discípulos por procurarem posições de honra e poder sobre os outros. “Então Jesus, chamando-os para junto de si, disse: Bem sabeis que pelos príncipes dos gentios são estes dominados, e que os grandes exercem autoridade sobre eles. *Não será assim entre vós*; mas todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande *seja vosso serviçal*; e, qualquer que entre vós quiser ser o primeiro, *seja vosso servo*”.

Quem presidiu a única conferência das igrejas primitivas em Jerusalém, em Atos 15.13-21? Não foi Pedro. Foi Tiago! Pedro não falou primeiro, nem reivindicou o direito da direção e nem deliberou o veredicto final. Em Atos 8.14, encontramos Pedro, juntamente com João, *sendo enviado* pelos apóstolos a Samaria para cuidar de alguns assuntos. Pedro não está enviando aqui. Ele está sendo enviado. Essa é certamente uma indicação de que Pedro não era superior aos outros apóstolos.

Pedro foi repreendido e corrigido pelo apóstolo Paulo em Gálatas 2.11-21, portanto Pedro obviamente não era superior a Paulo, como o Catolicismo reivindica. Pedro não teve primazia sobre Paulo.

Nesse assunto é importante que descubramos exatamente o que Pedro reivindicou para si? Quando nos voltamos ao Novo Testamento, constatamos que Pedro nunca reivindicou supremacia sobre a Igreja ou sobre os outros apóstolos. Pedro nunca reivindicou ser o Papa. Em I Pedro 5.1, reivindicou ser presbítero entre presbíteros. Chama a si mesmo de presbítero, não Papa. “Aos presbíteros, que estão entre vós, admoesto eu, que *sou também presbítero* com eles...”.

No versículo 3, Pedro continua instruindo aos pastores a não terem domínio sobre as igrejas. “Nem como tendo domínio sobre a herança de Deus...”. E, em I Pedro 2.25, Pedro diz que Cristo é Pastor e Bispo das almas, não ele mesmo, nem algum Papa! “Porque éreis como ovelhas desgarradas; mas agora tendes voltado ao Pastor e Bispo das vossas almas”.

Numa ocasião em que as pessoas tentaram prostrar-se em adoração a Pedro, ele recusou tal adoração. Atos 10.25-26 diz, “E aconteceu que, entrando

Pedro, saiu Cornélio a recebê-lo, e, prostrando-se a seus pés o adorou. Mas Pedro o levantou, dizendo: ***Levanta-te, que eu também sou homem***". Essa é uma atitude contrária a dos Papas, que se sentam sobre o trono em suas coroações e são adorados pelos Cardeais ajoelhados, e que beijam suas mãos direitas e seus pés.

Pedro nunca menciona Roma em nenhuma de suas cartas no Novo Testamento. Isso é realmente estranho se Pedro foi o primeiro Bispo de Roma e o primeiro Papa. Em I Pedro 5.13, Pedro diz àqueles a quem está escrevendo: "A vossa co-eleita em Babilônia vos saúda..."

A fim de tentar reafirmar o ensinamento de que Pedro foi Papa de Roma, o Catolicismo diz que Babilônia nesse caso é uma referência obscura a Roma. Numa nota introdutória sobre o livro de I Pedro, a *Versão Fraternal da Bíblia da Igreja Católica* diz, "O lugar da composição é dado como Babilônia...uma designação obscura à cidade de Roma".

Pedro nunca foi metafórico nem apocalíptico naquilo que escreveu. Pelo contrário, foi direto, na verdade, quase rude, naquilo que tinha a dizer. A Babilônia que Pedro menciona aqui é literalmente a cidade Babilônia, no Rio Eufrates, e Pedro está simplesmente dizendo que o eleito da Babilônia manda recordações aos Judeus Cristãos a quem Pedro estava escrevendo. Babilônia aqui não é mais obscura do que "...Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia", a quem Paulo endereça sua carta em I Pedro 1.1. Em Apocalipse 17.5, Roma é chamada Babilônia, mas Apocalipse é um livro apocalíptico, com uma linguagem muito figurativa e simbólica, enquanto que I Pedro não o é. As cartas neotestamentárias de Pedro não são nem endereçadas a Roma nem partem de Roma.

O que Paulo tem a dizer sobre o fato de Pedro ser o primeiro Papa e Bispo de Roma? Em todas as suas 14 cartas, Paulo nunca menciona que Pedro seja o Bispo de Roma ou que Pedro esteja em Roma. Paulo escreveu sua epistola à igreja de Roma em 58 d.C. O Catolicismo reivindica que nessa mesma época em que Paulo escreveu à igreja de Roma, Pedro era Bispo ou Pastor lá. Mesmo assim Paulo não fez nenhuma menção sequer de Pedro no livro aos Romanos.

Em Romanos 1.11, Paulo diz aos membros da igreja de Roma, "Porque desejo ver-vos, para vos comunicar algum dom espiritual, a fim de que sejais conformados". Tal afirmação teria soado de forma rude e insultada para Pedro se ele fosse pastor lá há dezesseis anos, como ensina o Catolicismo. Em Romanos 16.3-16, Paulo manda recordações especiais a vinte e seis

peças da igreja de Roma individualmente, nome por nome, mas não menciona Pedro.

Em outras epístolas neotestamentárias que Paulo envia de Roma, ele manda recordações a dezessete indivíduos, nome por nome, mas *nunca* menciona Pedro. Se Pedro estava em Roma quando Paulo escreveu de Corinto à igreja que estava lá, ou quando Paulo escreveu de Roma para Colossos, Éfeso, Filipos e para Filemom, Timóteo e Tito, por que não menciona Pedro uma vez sequer? Paulo não menciona Pedro em suas cartas à igreja de Roma ou em suas cartas de Roma PORQUE PEDRO NÃO ESTAVA LÁ, NEM NUNCA TINHA ESTADO LÁ!

A história de Lucas sobre as igrejas primitivas, no livro de Atos, descreve o trabalho de Pedro em Jerusalém, Samaria, Lida, Jope, Cesaréia e Antioquia, mas não diz uma palavra sobre Pedro estar em Roma. Uma vez que Paulo entra em cena, Lucas dá pouca atenção a Pedro em sua história, no livro de Atos. Isso não faz sentido se Pedro era superior a Paulo, sendo Papa sobre ele. Apenas uma tradição posterior, e não a Palavra de Deus ou a história, localiza Pedro em Roma.

A maioria dos historiadores não-católicos concordam que Gregório I ou Gregório o Grande, como ele é conhecido na história, foi o primeiro Papa que reinou como “bispo universal”. Gregório reinou como o primeiro Papa de 590 a 604 d.C. Isso ocorreu muito, muito tempo depois que Pedro já tinha saído de cena, na verdade, cerca de seis séculos.

A primazia de Pedro sobre a Igreja *não* é um conceito bíblico. Tudo o que se refere a Pedro como Papa permanece como lenda e tradição. Nada disso vem da Palavra de Deus.

O CATOLICISMO ENSINA QUE O PAPA É O VERDADEIRO VICÁRIO DE CRISTO SOBRE A TERRA E, PORTANTO, O CABEÇA DA IGREJA

O termo *vicário* significa substituto ou representante. Nossa palavra vigário está relacionada a ela. Nosso Senhor Jesus Cristo foi o substituto e representante dos seus eleitos em sua vida perfeita e justa, e em sua morte sofrida e sangrenta de cruz.

O *Catecismo de Nova York* diz, “O Papa ocupa o lugar de Jesus Cristo na terra ... por direito divino o Papa tem poder amplo e supremo, em relação à fé e às morais, sobre todo e qualquer pastor e seu rebanho. Ele é *o verdadeiro vicário de Cristo*, o cabeça *de toda a Igreja*, pai e professor de todos os cristãos. É o governador infalível, aquele que funda dogmas e autor

e juiz de conselhos; o governador universal da fé, árbitro do mundo, supremo juiz de todos, não sendo julgado por ninguém. ***É o próprio Deus sobre a terra***”.

O Papa João XXIII disse em sua coroação, em Novembro de 1958, “Ninguém pode entrar no aprisco de Jesus Cristo se não for guiado pelo Supremo Pontífice. Os homens só podem chegar à salvação quando estão unidos a ele, isso porque o ***Pontífice Romano é o Vicário de Cristo e Seu representante na terra***”.

Se realmente o Papa é Vicário de Cristo sobre a terra, deveria haver muita similaridade entre os dois, mas isso não é realmente constatado quando observamos a Palavra de Deus. ***Cristo*** usou uma coroa de espinhos, o ***Papa*** usa uma coroa tríplice incrustada de jóias. ***Cristo*** disse, “Meu reino não é deste mundo”, o ***Papa*** reivindica soberania espiritual e temporal no mundo. ***Cristo*** lavou os pés dos discípulos, exibindo um espírito de humildade digno a ser imitado por seus seguidores, o ***Papa*** apresenta o seu pé para ser beijado e requer genuflexões e que se ponham de joelhos aqueles que tem audiências com ele. ***Cristo*** era pobre e humilde, tanto que não tinha nenhum lugar para sequer deitar sua cabeça, mas a riqueza material do ***Papa*** é de bilhões. ***Cristo*** disse: a ninguém na terra chameis vosso pai, porque um só é o vosso Pai, o qual está no céus, mas o ***Papa*** requer que todos o chamem de Santo Pai e seus padres sentem-se insultados se as pessoas não os chamam padres. ***Cristo*** viveu uma vida pura e modesta, ***muitos Papas*** têm vivido vidas notoriamente imorais e pecaminosas.

O verdadeiro vicário de Cristo sobre a terra não é o Papa, mas o Espírito Santo.

Em João 14.26, o Senhor Jesus está falando aos seus discípulos os preparando para quando Ele for para o céu e, nessa mesma ocasião Ele fala do Espírito Santo quando diz: “Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito”. Devido ao trabalho do Espírito Santo no mundo, o ofício do Papa como Vicário de Cristo não é necessário nem desejável.

O Catolicismo diz que o Papa é o cabeça da Igreja. *Um Catecismo de Doutrina*, de Thomas L. Kinkead, diz, na questão #496, “Nosso Santo Pai, o Papa, o Bispo de Roma, é o Vicário de Cristo sobre a terra e ***o visível cabeça da Igreja***”. O *Catecismo de Baltimore*, diz, na questão #280, “... o Papa, como sucessor do mais importante dos apóstolos, São Pedro, tem o direito de

criar leis para a Igreja Universal. O Pontífice Romano tem ampla ... e imediata jurisdição sobre a Igreja universal”.

Entretanto, o Papa não é o cabeça da igreja como reivindica ser. A Palavra de Deus diz que Cristo é o cabeça da Igreja! Efésios 5.23 afirma claramente, “Porque o marido é a cabeça da mulher, como também *Cristo é a cabeça da igreja...*”. Efésios 1.22-23 diz que Cristo é o cabeça sobre todas as coisas da igreja. Deus “sujeitou todas as coisas a seus pés, e *sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da igreja*, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos”. Colossenses 1.18 diz que Cristo, sozinho, deve ter preeminência na igreja. “E *ele (Cristo) é a cabeça do corpo, da igreja*; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha preeminência”.

As reivindicações do Catolicismo em relação ao Papa são nada mais do que blasfêmias. Isso é certamente parte da razão pela qual nossos antepassados Batistas fizeram fortes afirmações em relação ao Papa na Confissão de Fé da Filadélfia, de 1743. “O Senhor Jesus Cristo é o cabeça da igreja, no qual, pelo desígnio do Pai, todo poder para a chamada, organização, ordenação ou governo da igreja está investido de maneira suprema e soberana, nem o Papa de Roma pode, de forma alguma, ser o cabeça dela, porque ele *é ninguém outro senão o anticristo, o homem do pecado e filho da perdição*, o qual exalta a si mesmo na igreja, contra Cristo e tudo o que se chama Deus, quem o Senhor destruirá com o esplendor da Sua vinda”.

O ensinamento Católico de que o Papa é Vicário de Cristo sobre a terra e cabeça da Igreja também inclui o poder e a autoridade do Papa sobre os governos seculares desse mundo. O *Catecismo de Baltimore* diz, na questão #162, “O Papa, como cabeça suprema da Igreja, não pode corretamente estar sujeito a nenhum poder secular da terra. A presente posição do Papa como cabeça da cidade do Vaticano mostra ao mundo que ele e seu lar não estão sujeitos a outros poderes seculares”.

O mais autoritário de todos os credos Católicos é a afirmação do Conselho de Trento, que diz, em relação ao Papa, “Ele tem todo o poder sobre a terra ... Todo o poder secular é dele; o domínio, jurisdição e governo de toda a terra é dele por direito divino. Todos as autoridades da terra são suas súditas e devem submeter-se a ele”.

A Igreja Católica ensina que a coroa tripla que o Papa usa simboliza sua autoridade no céu, na terra e no inferno. A posição de Dono do mundo não foi o que o Diabo ofereceu a Cristo e a qual Cristo o respondeu, Vai-te, Satanás?

Jesus Cristo disse que seu reino não é desse mundo e se recusou a exercer uma autoridade mundana. O Papa, entretanto, é uma autoridade mundial, um reizito com seu próprio território, sistema jurídico, sistema monetário, serviço postal e corpo de guarda militar. Ele reina sobre o Vaticano, uma nação dentro da cidade de Roma, cobrindo um território que é aproximadamente 1/4 de 1 quilômetro, com uma população de mil pessoas e outros 2000 empregados. Essa nação envia embaixadores a outras nações, assim como também recebe embaixadores de outras nações. Em Mateus 17.24-27, o Senhor Jesus Cristo pagou os impostos de Pedro, uma indicação de que Pedro era sujeito a autoridade civil e não o contrário.

Vejam algumas perguntas importantes que todas as pessoas pensantes devem fazer: Por que a Palavra de Deus não nos fala que Ele iria mandar o Papa como Vicário de Cristo? Por que o Catolicismo quer que o Papa seja nosso professor em vez do Espírito Santo? Por que a Palavra de Deus não nos fala que Pedro é o cabeça da igreja? Por que o Catolicismo quer que o Papa seja o cabeça da Igreja em vez de Jesus Cristo?

O CATOLICISMO PREGA A INFALIBILIDADE PAPAL

Infalível significa incapaz de cometer erro e, quando aplicado ao Papa, significa que em certas circunstâncias o Papa não comete erros. Veja o que o *Dicionário Católico* diz, na página 29, sobre a infalibilidade do Papa. “Infalibilidade papal significa que o Papa não erra quando fala *ex cathedra*, isto é, quando fala como pastor e professor de todos os Cristãos, ele circunscreve doutrinas concernentes à fé e às morais a serem seguidas por toda a igreja”.

Tudo o que o Papa diz e requer quando fala *ex cathedra* deve ser considerado como tendo a mesma autoridade que a Palavra de Deus ou, na verdade, mais autoridade. Ninguém pode questionar o que o Papa diz *ex cathedra* porque nessa situação ele é infalível, incapaz de cometer erros.

Bem, Pedro certamente não era infalível! O Senhor repreendeu Pedro severamente por causa do seu ponto de vista sobre o sofrimento de Cristo, em Mateus 16.22-23. Quando o Senhor estava sendo provado, Pedro praguejou e jurou e negou-o três vezes (Mateus 26.69-75). Anos mais tarde, Paulo repreendeu Pedro por causa de um erro espiritual de Pedro, em Gálatas 2.11, onde Paulo diz, “E, chegando Pedro à Antioquia, lhe resisti na cara, porque era repreensível”. Você pode imaginar alguém repreendendo o Papa atual dessa forma?

Pedro nunca reivindicou ser infalível! Em lugar nenhum o Novo Testamento ensina nem sequer deixa isso implícito que algum homem é infalível. Na história, as cismas papais, quando vários papas governaram ao mesmo tempo, aniquilaram qualquer idéia de infalibilidade papal.

A Grande Cisma de 1378-1417 abriu caminho para o rompimento entre as facções italiana e francesa da Igreja Católica. Nesse conturbado período, ambas as partes elegeram um Papa. Passou a haver, então, dois Papas, um em Roma e outro em Avignon, França. Cada Papa pronunciava anátemas e maldições de Deus ao outro. Foi formado um Conselho da Igreja em Pisa, em 1409, para resolver as coisas. O conselho votou a deposição de ambos os Papas e elegeram Alexandre V como Papa. Mas ambos os Papas depostos recusaram o rebaixamento e a Igreja passou a ter três Papas. Quais dos Papas eram infalíveis, vendo que trabalharam uns contra os outros?

A iniquidade e a imoralidade dos Papas destrói qualquer reivindicação à infalibilidade. O Papa Alexandre VI, que governou de 1492-1503, tinha muitas amantes. Sua favorita era uma mulher que já tinha sido esposa de três maridos sucessivos. Ela deu a luz a alguns filhos a Alexandre que o Papa reconheceu abertamente como seus filhos. A infame Lucrecia Borgia foi a filha favorita do papa. Alexandre, na verdade, comprou o ofício de Papa para si e foi acusado de ter matado o marido de uma de suas amantes. Todas essas informações estão na Enciclopédia Britânica que eu possuo.

O efeito da doutrina da infalibilidade do Papa sobre o Catolicismo é que ela elimina o pensamento e a consciência individual e destrói o espírito de independência. Ela bloqueia o caminho que conduz à aquisição do verdadeiro conhecimento da Palavra de Deus e da salvação. Ele conduz a multidão a enxergar muito mais o Papa do que a Cristo.

Tudo o que a Palavra de Deus tem a dizer é que ninguém senão Cristo é infalível! A revelação de Deus nas Escrituras é o único guia infalível que os cristãos têm. “À lei e ao testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles”, diz Isaías 8.20.

Em seu livro *Batistas e Suas Doutrinas*, B. H. Carroll disse aos cristãos, em relação à autoridade infalível, “O Novo Testamento é a lei da Cristandade. O Novo Testamento é toda a lei da Cristandade. Todo o Novo Testamento é a lei da Cristandade. O Novo Testamento sempre será a lei da Cristandade”.

A Palavra de Deus é a única regra de fé e ordem e o Espírito Santo é o único interprete infalível da Palavra de Deus. O único Vicário infalível de Cristo sobre a terra é o Espírito Santo.

CONCLUSÃO

Em Mateus 23.9, o Senhor Jesus diz, “E a ninguém na terra chameis vosso pai, porque um só é o vosso Pai, o qual está nos céus”. Nem Pedro e nem os outros apóstolos *nunca* foram tratados como Santo Pai, Sua Santidade, Papa ou Nosso Santíssimo Senhor!

Somente Deus é santo, diz Apocalipse 15.4! Santo e tremendo *é o nome de Deus*, diz Salmos 111.9. Em João 17.11, em Sua grande oração intercessora, o Senhor Jesus refere-se a *Deus* como “Pai Santo”! Somente Deus é santo e, de acordo com Isaías 42.8, Deus não divide sua glória com ninguém! “Eu sou o Senhor; este é o meu nome; a minha glória, pois, a outrem não darei...”.

Capítulo 4

CATOLICISMO E MARIA

“Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem” I Timóteo 2.5

O catolicismo Romano dá grande notoriedade a Maria, mãe do Senhor Jesus Cristo. A Palavra de Deus apresenta Maria como uma mulher simples, humilde e religiosa e se refere a ela apenas cinco vezes. Essa “serva do Senhor”, como ela se autodenomina, tem sido tomada pelo Catolicismo e recebido lugar de divindade. Alguns dos muitos títulos que Maria tem recebido do Catolicismo são: Santa Mãe de Deus, Mãe de Nosso Criador, A Virgem mais Prudente, Porta do Céu, Conforto dos Aflitos, Rainha dos Anjos, Rainha de Todos os Santos e Rainha do Rosário.

Os católicos possuem imagens de Maria, beijam-nas, queimam incenso perante elas e, descobrindo suas cabeças, repetem orações especiais diante delas, ainda que Êxodo 20.4-5 diga, “Não fará para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te curvarás a elas nem as servirás; porque eu, o SENHOR teu Deus, sou Deus zeloso...”.

O Catolicismo tem cinco grandes doutrinas em relação a Maria: Maria é a mãe de Deus, Maria nasceu de uma imaculada concepção, Maria é uma virgem perpétua, a assunção corpórea de Maria e Maria é a Mediadora e co-redentora.

Essas doutrinas são todas afirmadas em seu *Catecismo para Adultos*. Referindo-se a Maria, o *Catecismo* diz, “Ela é chamada e é a verdadeira **Mãe de Deus**: conseqüentemente é nossa mãe espiritual; teve uma concepção imaculada – isenta do pecado original; foi **virgem antes, durante e depois do nascimento de Cristo** ... foi para o céu de corpo e alma; é a **Mediadora universal** e dispensaria da graça”. Nessa mensagem olharemos brevemente cada uma dessas cinco doutrinas católicas marianas e as compararemos com aquilo que a Palavra de Deus tem a dizer. Primeiro,

A CONCEPÇÃO IMACULADA DE MARIA

Quando o Catolicismo fala da Imaculada Conceição, quer dizer que Maria foi miraculosamente concebida por sua mãe e veio a esse mundo sem a mácula do pecado original e, como resultado dessa miraculosa concepção, nunca cometeu pecado durante sua vida terrena.

O *Catecismo de Baltimore*, Confraternity Edition, diz, na questão #62, “A Abençoada Virgem Maria foi **preservada do pecado original** pelo mérito do seu Filho Divino; e esse privilégio faz com que ela seja chamada de Imaculada Conceição ... Nossa Mãe Abençoada, **em toda sua vida, foi livre de todo pecado...**”.

Essa doutrina não foi oficialmente aceita pela Igreja Católica até ser declarada *ex cathedra* pelo Papa Pio IX, em 1954. A Imaculada Conceição de Maria é pura invenção do Catolicismo. *Nenhum versículo das Escrituras* relata que Maria foi concebida sem pecado!

A Palavra de Deus afirma repetidamente que todos os homens são pecadores, incluindo Maria. Romanos 3.23 diz, “... **todos pecaram** e destituídos estão da glória de Deus”. Não diz todos, menos Maria! Romanos 3.10: “não há nenhum justo, nem um sequer”. Romanos 3.12, “Não há nenhum que faça o bem, não há nem um só”. Eclesiastes 7.20, “...não há homem justo sobre a terra, que faça o bem, e nunca peque”. Em Lucas 1.47, a própria Maria fala de Cristo como “meu Salvador”, e somente pecadores necessitam de um Salvador. Lucas 2.22-24 conta-nos que Maria e José deram no Templo a oferta segundo a lei pelos seus pecados depois dos dias de purificação. De acordo com a Palavra de Deus, Maria foi uma simples pecadora salva pela graça e, se foi pecadora que necessitou de um Salvador, nenhum cristão deveria orar para ela! A segunda doutrina católica mariana é que

MARIA É A MÃE DE DEUS

O Catolicismo, algumas vezes, refere-se a Maria como o “Sustentadora de Deus” e freqüentemente a chama de Mãe de Deus. O *Catecismo para Adultos*, de James Albimore, diz, “A Virgem Maria ... é reconhecida e honrada como sendo verdadeiramente a Mãe de Deus e Mãe dos Remidos”.

No entanto, de acordo com a Palavra de Deus, Maria **não é, de forma alguma**, a Mãe de Deus! Como pode um Deus infinito e eterno, ter uma mãe? Maria foi uma criatura e não a mãe do Deus Todo Poderoso! Seria ilógico haver uma criatura que tivesse a habilidade de ser a Mãe de seu Criador! Quem surgiu primeiro? Deus ou Maria? Se Deus surgiu primeiro, então, como Maria pode ser sua Mãe? Deus não tem mãe! Ele é o Rei, eterno, imortal, invisível, como diz I Timóteo 1.17.

Jesus Cristo é, ao mesmo tempo, humano e divino. Maria não foi mãe da divindade de Cristo, mas de **sua humanidade**. Deus é o pai da **divindade** de Cristo. As Escrituras chamam Maria de “a mãe de Jesus”, mas, nunca, “a Mãe de Deus”. O fato é que “a mãe de Jesus” é o único título que a Palavra de Deus realmente atribui a Maria!

O Senhor Jesus nunca pregou que Maria era a Mãe de Deus ou que Sua mãe não fosse pecadora e nenhum escritor bíblico deixou alguma afirmação na Bíblia de que ela não tivesse pecado. Adicionalmente, é fato que, na Palavra de Deus, o Senhor Jesus nunca chamou Maria de “mãe”. Ele a chamou de “mulher”, mas não “mãe”. É nada menos do que uma blasfêmia deificar Maria como a Mãe de Deus. A terceira doutrina católica mariana afirma que

MARIA É UMA VIRGEM PERPÉTUA

Eles ensinam que Maria permaneceu virgem por toda sua vida. O Catecismo da Igreja Católica, de 1994, diz, acerca da questão #510, “Maria permaneceu virgem concebendo seu Filho, dando-lhe a luz, carregando-o e nutrindo-o em seu peito, sempre uma virgem”.

Essa doutrina é pura invenção do Catolicismo! Não há nenhum vestígio dela no Novo Testamento. Mas, ao contrário! A Palavra de Deus afirma claramente que Maria teve outros filhos além de Jesus Cristo, seu primogênito. Em Mateus 13.55-56, as Escrituras contam-nos que Maria teve outros quatro filhos homens e pelo menos duas filhas. “Não é este o filho do carpinteiro? E não se chama sua mãe Maria, e **seus irmãos** Tiago e José, e Simão, e Judas? E não estão entre nós todas as **suas irmãs?**”.

A quarta doutrina católica sobre Maria é

A ASSUNÇÃO DE MARIA

Essa doutrina reivindica que o corpo de Maria não entrou em corrupção no túmulo, mas foi ressurrecto, unindo-se a sua alma e indo diretamente ao céu três dias depois da sua morte. O Papa Pio XII declarou *ex cathedra*, em 1950, “Pronunciamos, declaramos e definimos ser um dogma revelado por Deus que a Imaculada Mãe de Deus, Maria, sempre virgem, no fim do seu percurso sobre a terra foi para o céu de corpo e alma”. O *Manual de Teologia Católica*, volume 2, diz, “a assunção corporal de Maria no céu está tão perfeitamente implicada na noção da sua personalidade dada pela Bíblia e no dogma que a Igreja não precisa conferir com estrita evidência histórica do fato”.

A Bíblia, no entanto, não diz a mínima coisa sobre a personalidade de Maria nem nada sobre sua morte, seu enterro ou sua ascensão! É incrível que milhões de pessoas digam acreditar na assunção de Maria sem que haja alguma evidência bíblica ou histórica disso!

Essa doutrina ainda inclui a reivindicação de que em sua assunção Deus lhe deu o título de Rainha de Todas as Coisas. O *Catecismo da Igreja Católica*, de 1994, diz, na questão #966, “Finalmente a Virgem Imaculada, preservada

livre de todo pecado e da mancha do pecado original, no encerramento do curso de sua vida terrena, teve corpo e alma arrebatados para a glória do céu *e foi exaltada pelo Senhor como Rainha de todas as coisas*". Porém, a Palavra de Deus nunca se refere a Maria como Rainha de nada! O céu não tem Rainha! É um *Rei* quem reina lá! Outra doutrina ensinada sobre Maria diz que

MARIA É A MEDIADORA E CO-REDENTORA

Mediadora é simplesmente o feminino de Mediador. O Catolicismo ensina que Maria, assim como o Senhor Jesus Cristo, é um Mediador entre Deus e o homem. O *Catecismo da Igreja Católica*, de 1994, diz, na questão #969 "... A Abençoada Virgem é invocada na Igreja como Advogada, Ajudadora, Benfeitora e **Mediadora**". O *Catecismo para Adultos* diz: "assim como temos um Mediador diante do Pai, que é Jesus Cristo, também temos uma Mediadora diante do Filho: A Santíssima Maria".

O Catolicismo acredita que toda a graça de Deus vem ao homem através de Maria. Mais uma vez, o *Catecismo para Adulto* diz: "A graça concedida ao homem compreende três passos sucessivos: Deus a comunica a Cristo, *de Cristo ela passa à Virgem e, através da Virgem, chega a nós*".

Uma oração Católica chamada "The Litany of Loretto", encontrada numa versão de bolso, publicada pelos Irmãos Benziger, inclui a seguinte referência sobre a suposta obra de Maria:

Santa Maria, orai por nós.
Santa Mãe de Deus, orai por nós.
Santa Virgem entre as virgens, orai por nós.
Mãe da divina graça, orai por nós.
Mãe imaculada, orai por nós.
Mãe de nosso Criador, orai por nós.
Virgem mais venerável, orai por nós.
Porta do céu, orai por nós.
Refúgio dos pecadores, orai por nós.
Conforto dos aflitos, orai por nós.
Rainha dos Anjos, orai por nós.
Rainha concebida sem pecado original, orai por nos.
Rainha do santíssimo rosário, orai por nós.

A oração mais famosa endereçada a Maria é a Ave Maria ou Salve Rainha! O Catolicismo ensina que é mais fácil vir a Maria do que ao próprio Cristo. O Cardeal Tiago Gibbons, em seu livro *A Fé de Nossos Pais*, disse, "... quão

irresistível é a intercessão de Maria, que nunca ofendeu o Deus Todo Poderoso com pecado ...”. Alphonsus Liguori, uma das maiores autoridades da lei canônica católica romana, diz, na página 248 das *Glorias de Maria*, que “freqüentemente obtemos mais prontamente o que pedimos rogando pelo nome de Maria do que invocando o nome de Jesus”.

Entretanto, Maria não é a Mediadora ou Mediador de forma alguma! Não há nenhum versículo em toda a Palavra de Deus que nos informe que Maria intercede com Cristo em nosso favor! Ao contrário, a Palavra de Deus diz que **Cristo é o único Mediador** entre Deus e o homem. I Timóteo 2.5 diz, “há um só Deus, **e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem**”. I João 2.1 diz que Jesus Cristo, não Maria, é nosso Advogado para com o Pai. “Se alguém pecar, temos **um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo**, o justo...”. Hebreus 7.25 diz, sobre Jesus, “Portanto, pode também salvar perfeitamente **os que por Ele se chegam a Deus**, vivendo sempre para **interceder por eles**”. Hebreus 9.15 diz, “E por isso [Cristo] é o Mediador de um novo testamento”. Hebreus 9.24 diz, “Porque **Cristo** não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém **no mesmo céu, para agora comparecer por nós perante a face de Deus**”. Hebreus 4.15 diz que Cristo é nosso grande Mediador que foi tentado como nós e por isso nos compreende e nos sustenta em nossa fraqueza. “Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém, um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado”. Efésios 3.12 diz, “**No qual [Cristo] temos acesso com ousadia e confiança**, pela nossa fé nEle”.

Nas Escrituras nem Cristo nem alguma outra pessoa nunca disse ao povo que orasse para Maria! Na Palavra de Deus, Maria nunca convida ninguém a orar para ela ou adorá-la. As Escrituras não nos ensinam a orar para Maria ou ao santos ou algum outro senão a Deus apenas! Em Mateus 6.9, o Senhor Jesus diz, “Portanto, vós orareis assim: “Pai nosso, que estás nos céus...”. Romanos 10.13 diz, “Porque todo aquele que **invocar o nome do Senhor** será salvo”.

Ao chamar Maria de co-redentora, o Catolicismo quer dizer que ela é um redentor feminino que está envolvido, juntamente com Jesus Cristo, na redenção dos pecadores. Este ensino quase estabelece Maria como uma verdadeira divindade. O Papa atual vem tentando declarar Maria oficialmente como Co-Redentora com Cristo.

A revista *Newsweek*, de 25 de agosto de 1997, cita esse Papa, dizendo, “Tendo criado o homem, macho e fêmea, o Senhor também quer colocar a

nova Eva ao lado do novo Adão na Redenção ... Maria, a nova Eva, portanto torna-se um perfeito ícone da Igreja. Podemos conseqüentemente voltar-nos à Virgem Abençoada com confiança, implorando sua ajuda, cientes do papel singular que lhe foi confiado por Deus, **o papel de co-operadora na Redenção...**”. Madre Teresa de Calcutá e o Cardeal John O’Conner, de Nova York, foram ambos artífices nesse percurso, para declarar Maria como sendo oficialmente Co-Redentora com Cristo. O autor do artigo acima mencionado da *Newsweek* disse perfeitamente que uma mudança desse tipo dar-nos-ia um Santíssimo Quarteto ao invés de uma Santíssima Trindade.

Mas a Igreja Católica já ensina que Maria participa na redenção alcançada pelo seu Filho. O *Catolicismo para Adulto* diz, “Maria foi ... cooperadora com Cristo na obra da redenção, portanto ela é nossa Co-Redentora...”. O *Catecismo da Igreja Católica*, de 1994, diz na questão #1172, “Ela (Maria) está inseparavelmente ligada à obra da salvação de seu Filho”. Na questão #968 esse mesmo *Catecismo* diz, “Sendo obediente, **ela se (Maria) tornou a causa da salvação** de si mesma e de toda a raça humana”.

Uma declaração chamada *Sobre a Igreja*, publicada pelo 2º Conselho do Vaticano, diz, falando sobre Maria, “de maneira singular, ela cooperou pela sua obediência, fé, esperança e fervorosa caridade no trabalho do Salvador de restaurar a vida sobrenatural às almas”. Em uma obra chamada *Devoção à Mãe dos Aflitos*, questionada pelo Convento Beneditino, em Clyde, Missouri, encontramos a seguinte citação, em relação a essa questão: “É por conta da excessiva tristeza e sofrimento que Maria suportou que ela merece nossa compaixão e grande estima ... Maria, de boa vontade, ofereceu seu Filho para nossa salvação: Sim, o sacrifício junto dEle foi tão grande que São Afonso diz, sobre isso, ‘os dois penduraram numa mesma cruz’”.

Ligouri diz, nas *Glórias de Maria*, que “falha e se perde quem não se refugia em Maria”, e, “Maria é chamada ... a porta do céu porque ninguém pode entrar naquele reino abençoado sem passar por ela”. Aqui também são relevantes as palavras descritas pelos rituais Católicos para serem ditas na morte: “Maria, Mãe da graça, Mãe de misericórdia, protege-nos do inimigo, e me recebe na hora da morte”.

A Palavra de Deus não diz absolutamente nada sobre Maria ter algum papel na salvação. De acordo com a Palavra de Deus, Maria não tem nada a fazer pela salvação da alma de ninguém. Há só um meio para ser salvo e é através do nosso Senhor Jesus Cristo! “Eu sou o caminho, e a verdade e a vida”, diz Jesus, em João 14.6. “Ninguém vem ao Pai, senão por mim”. “E em nenhum outro há salvação”, diz Pedro, em Atos 4.12, “porque também debaixo do

céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos”. “*Eu sou a porta*; se alguém entrar por mim, salvar-se-á”, diz o Senhor Jesus, em João 10.9.

CONCLUSÃO

Como foi visto, as cinco doutrinas Católicas sobre Maria são: Maria é a Mãe de Deus, Maria teve uma concepção imaculada, Maria é uma virgem perpétua, Maria foi assumida ou tomada corporalmente no céu pouco depois de sua morte e Maria é Mediadora e Co-Redentora. *Nenhuma* dessas doutrinas Católicas sobre Maria se encontra na Palavra de Deus. Nenhuma!

O Novo Dicionário Universitário Webster define Mariolatria como adoração da Virgem Maria. A Mariolatria Católica é absolutamente não-bíblica, ainda que ela seja a pessoa mais adorada na Religião Católica. O Catolicismo rebaixa Cristo e exalta Maria por dá-lhe um lugar que só pertence a Jesus Cristo. Na verdade, o Catolicismo é muito mais a religião de Maria do que a religião de Jesus Cristo.

O Papa João Paulo II asseverou que Maria, na forma de nossa senhora de Fátima, salvou sua vida durante um atentado, em 1981. O lema do papa João Paulo faz referência a Maria. **Totus tuus** ou literalmente **totalmente vossa. Não totalmente de Cristo, mas totalmente de Maria!**

Certa ocasião o Senhor Jesus Cristo corrigiu uma mulher que tentou exaltar a sua mãe. Lucas 11.27-28 diz, “E aconteceu que, dizendo ele estas coisas, uma mulher dentre a multidão, levantando a voz, lhe disse: **Bem-aventurado o ventre que te trouxe e os peitos em que mamaste. Mas ele disse: Antes** (em vez disso) bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a guardam”.

A mensagem do evangelho não é: Adore Maria, mas é: Adore Cristo! Mateus 4.10 diz, “Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a Ele servirás”. Deus é zeloso e não aceita a adoração de outra criatura, ainda que seja a mãe de Jesus Cristo.

Na Palavra de Deus, nunca alguém adorou Maria. Orar ou adorar Maria é fazer o que Romanos 1.12 condena como uma evidência da depravação do homem: adorando e servindo a criatura mais do que o Criador. Em Filipenses 2.9-10 a Palavra de Deus nos diz quem se deve adorar quando, falando de Cristo, “Por isso, também Deus **O** exaltou soberanamente, e **Ihe** deu um nome **que é sobre todo o nome**; para que ao nome de **Jesus se dobre todo o joelho** dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra”. A mensagem do evangelho não é: Vem a Maria, mas: Vem a Cristo!

O *Catecismo para Adultos*, do Catolicismo, diz: “No perigo, nos problemas, na dúvida, pense em Maria, chame por ela. Não a deixe afastar-se do seu coração ... seguindo-a você não vai desviar-se do caminho; orando para ela, você não perde as esperanças; pensando nela, você não se engana. Se ela te sustenta, você não cai; se ela te protege, você não tem do que temer ... se ela é benigna para com você, você alcançará seus objetivos...”.

Porém, o que diz o Senhor Jesus? “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei”. Veja-se Mateus 11.28. Permitem nossos amigos Católicos lerem a Palavra de Deus. Nela, encontrarão vida, compaixão, redenção, a salvação de Cristo, mas muito pouco sobre Maria. Amigo pecador, o Catolicismo te desviará dAquele que está pronto para te salvar e suprir cada uma das suas necessidades. Desvie-se do Catolicismo e venha a Cristo hoje!

Capítulo 5

O CATOLICISMO E O SACERDÓCIO

“Por isso, irmãos santos, participantes da vocação celestial, considerai a Jesus Cristo, apóstolo e sumo sacerdote da nossa confissão.” Hebreus 3.1

Certa ocasião, perguntei ao sacerdote Católico que visitou a prisão onde foi Capelão como queria que o chamasse. O homem respondeu abruptamente: Pai. E acrescentou: a não ser, é claro, que você seja um daqueles fundamentalistas que não acreditam que se deve chamar um sacerdote de Pai! Minha réplica foi: sou um daqueles, portanto, como gostaria que o chamasse?

O que é exatamente um sacerdote Católico? Por que ele quer ser chamado de Pai? Qual é a sua função? A idéia básica que se tem de um sacerdote, é a de um mediador entre Deus e o homem. O homem pecador não tem o direito de chegar ao santo Deus nem tem habilidade para isso. Ele necessita de um sacerdote, um mediador, um árbitro em seu favor. Os sacerdotes fazem basicamente duas coisas: oferecem sacrifícios a fim de apaziguar Deus e intercedem em favor do homem diante de Deus. O *Catecismo Católico para Adultos*, de James Alberione, diz, na página 194, “Os sacerdotes são tomados dentre os homens e ordenados pelos homens em relação às coisas que se referem a Deus, a fim de oferecer dádivas e sacrifícios pelos pecados”.

O Catolicismo ensina que não há nenhum acesso a Deus exceto através dos sacerdotes. O *Catecismo de Baltimore*, Confraternity Edition, de acordo com as questões #453-454, diz, “Os efeitos da ordenação para o sacerdócio são: primeiro, um aumento da graça santificadora ... terceiro, uma virtude, permanecendo para sempre, que é uma **participação especial no sacerdócio de Cristo**, e que dá ao sacerdote poderes sobrenaturais especiais. Os poderes sobrenaturais mais importantes do sacerdote são: transformar pão e vinho no corpo e no sangue de Cristo no ato do Santíssimo *Sacrifício* da Missa e *perdoar pecados* no sacramento da penitência”.

Como se faz quanto a qualquer doutrina ou prática, nossa indagação deve ser: O que a Palavra de Deus tem a dizer sobre o sacerdócio? A Palavra de Deus é muito clara sobre esse assunto. A Palavra de Deus diz que Jesus Cristo aboliu o sacerdócio humano de uma vez para sempre.

No Velho Testamento, os sacrifícios se repetiam porque os sacerdotes eram mortais e também pecadores, necessitando eles próprios de um sacrifício. Mas Jesus Cristo, o incorruptível filho de Deus, que foi completamente Deus

e completamente homem em uma pessoa indivisível, ofereceu-se como sacrifício para satisfazer a Justiça de Deus. Isso pôs um fim a todos os sacrifícios pelo pecado, tornando-os desnecessários.

O livro de Hebreus, no Novo Testamento, apresenta-nos vários capítulos mostrando que o sacerdócio do Velho Testamento foi abolido e que não há, no Cristianismo, lugar para sacrifícios sacerdotais. Vamos ler vários versículos do livro de Hebreus que enfatizam esse grande fato, isto é, que Jesus Cristo, através do sacrifício de Si mesmo, aboliu o sacerdócio fazendo-se o último sacrifício pelos pecadores.

Hebreus 9.26, “Necessário lhe fora padecer muitas vezes desde a fundação do mundo. Mas agora na consumação dos séculos ***uma vez*** se manifestou, ***para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo***”.

Hebreus 10.10 diz, “Na qual vontade temos sido santificados pela oblação do corpo de Jesus Cristo, feita uma vez”. Hebreus 10.12 diz, “Mas este, havendo oferecido ***para sempre um único sacrifício pelos pecados***, está assentado à destra de Deus”.

Hebreus 9.12 diz, “Nem por sangue de bodes e bezerras, mas por Seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção”.

Hebreus 7.27 diz, “Que não necessitasse, como os sumos sacerdotes, de oferecer cada dia sacrifícios, primeiramente por seus próprios pecados, e depois pelos do povo; porque isto fez ele, uma vez, oferecendo-se a si mesmo”.

Os sacerdotes não são mais necessários, uma vez que Jesus Cristo ofereceu, de uma vez para sempre, o sacrifício de Si mesmo a Deus. Agora, Jesus Cristo é nosso único sacerdote. “Por isso, irmãos santos, participantes da vocação celestial, considerai a Jesus Cristo, apóstolo e sumo sacerdote da nossa confissão”, diz nosso texto, em Hebreus 3.1.

Apenas um único mediador é reconhecido pela Palavra de Deus, Jesus Cristo! I Timóteo 2.5 diz, “Porque há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem”. Nosso resurrecto e exaltado Salvador intercede diante de Deus em nosso favor. Os Cristãos bíblicos têm apenas a Cristo como seu sacerdote. Ele desempenha a função de sacerdote por todos os crentes.

A Palavra de Deus não ensina que hoje existe um sacerdócio humano. Nas Escrituras, não há nenhuma menção de algum sacerdócio mediador ou santificador depois de Cristo! No Novo Testamento, não há nenhuma alusão

sequer ao conceito de um sacerdócio humano pelo qual sacerdotes ofereçam sacrifícios pelo pecado e intercedam pelo povo de Deus hoje.

Os apóstolos nunca foram **chamados** de sacerdotes na Palavra de Deus. Os sacerdotes não são mencionados nas listas de ministros e oficiais da igreja, no Novo Testamento. Efésios 4.11-12 talvez seja a mais conhecida dessas listas. “E ele mesmo deu uns para **apóstolos**, e outros para **profetas**, e outros para **evangelistas**, e outros para **pastores e doutores**, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo”. Não há nenhuma menção a sacerdotes aqui!

O Catolicismo tenta fazer com que seus sacerdotes sejam iguais aos anciãos de que fala o Novo Testamento frequentemente, mas as palavras **sacerdote** e **ancião** são totalmente diferentes nos originais do Novo Testamento em Grego. O correspondente grego para ancião é *presbuteros*, significando mais velho e maduro; a palavra grega correspondente a sacerdote é *hiereus*, um termo técnico usado para se referir a alguém que, na adoração, oferece sacrifícios e orações. No Novo Testamento, *hiereus* sempre tem o significado de sacerdote, e nunca ancião! O sacerdócio Católico retrocede ao cerimonialismo do Velho Testamento através do sacerdócio do sacrifício humano. O sacerdócio Católico é uma invenção puramente humana que nem até o século terceiro e quarto depois de Cristo aparecia no Cristianismo. Neste capítulo, consideraremos três coisas em relação a natureza do sacerdócio Católico Romano. Primeiro, veremos

A CONFISSÃO AURICULAR E O SACERDÓCIO

A quem devemos confessar nossos pecados? Quem pode nos absolver dos pecados? O Catolicismo diz que devemos confessar nossos pecados a um sacerdote e que isso é necessário para nossa própria salvação. No *Catecismo da Doutrina Cristã*, de Thomas L. Kinkead, temos a seguinte definição de confissão: “Confissão é o ato de contar nossos pecados a um sacerdote devidamente autorizado com o propósito de obter o perdão”.

A confissão *auricular* é a confissão de pecados ao ouvido de um sacerdote. Você já viu um confessionário, numa igreja Católica? Recentemente fomos ao México e lá vimos um. É algo como uma antiga cabine telefônica feita de madeira no qual o sacerdote entra, senta-se e fecha a porta que fica atrás de si. Há entre oito e dez orifícios redondos de uma polegada de diâmetro cada e uma cadeira do lado de fora, na qual a pessoa se senta para falar, através dos orifícios, estando o sacerdote dentro da cabine.

Absolver significa livrar de culpa, perdoar. *Absolvição* é o perdão do pecado. No livro *Explicação do Catecismo de Baltimore*, Thomas L. Kinkead diz, na

página 180, “O sacerdote tem o poder de absolver de pecado depois do batismo, porque Jesus Cristo garantiu esse poder aos sacerdotes da sua igreja quando disse: ‘Recebei o Espírito Santo ... àqueles que o retiverdes lhes são retidos’ ... Os sacerdotes da Igreja exercitam o poder de perdoar pecados ouvindo a sua confissão e lhes garantem perdão como ministros de Deus e em Seu nome...”. O *Catecismo de Baltimore* diz, na questão #381, “O sacerdote perdoa pecados com as palavras ‘Eu te absolvo de teus pecados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém’”.

Veja-se uma afirmação oficial do Conselho de Trento sobre esse assunto: “Se alguém nega que a confissão sacramental foi instituída ou necessária para a salvação ou diz que se confessar sozinho secretamente ... é contrário à instituição e ao comando de Cristo: **seja ele um anátema**. Se alguém diz que a confissão de todos os pecados ... é uma tradição humana que deve ser abolida pelos piedosos; ou que todos os fiéis em Cristo ... não são obrigados a isso uma vez ao ano, ... **seja ele anátema** ... conforme a instituição do grande Conselho de Lateran”. Anátema significa amaldiçoado por Deus.

Porém, vejamos o que a Palavra de Deus diz a respeito da confissão auricular. A Palavra de Deus diz que a confissão de nossos pecados e absolutamente necessária. Provérbios 28.13 diz, “o que encobre as suas transgressões nunca prosperará, mas **o que as confessa e deixa, alcançará misericórdia**”. I João 1.9 diz, “Se **confessarmos os nossos pecados**, ele é fiel e justo para perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça”.

A Palavra de Deus é específica no ensina que todo Cristão tem que confessar seus pecados. A questão aqui é: **A quem** devemos confessar nossos pecados? A Palavra de Deus ensina que Seu povo deve ir a Ele para confessar seus pecados e obter o perdão. Israel teve um sumo sacerdote quando Davi foi rei, mas Davi confessou seus pecados a Deus. Salmos 32.5 diz, “Confessei-te o meu pecado, e a minha maldade não encobri. Dizia eu: Confessei ao SENHOR as minhas transgressões; e tu perdoaste a maldade do meu pecado. (Sela)”. Devemos confessar nossos pecados a Deus, porque Deus é nosso Criador, Deus é nosso Juiz, Deus é contra quem cometemos pecado. Temos transgredido a lei de Deus com nossos pecados.

É sempre uma questão legitimada: Quem pode perdoar pecados a não ser Deus? (Marcos 2.7). Nenhum ser humano, não importa seu título, pode perdoar pecados! O perdão dos pecados vem exclusivamente através de Jesus Cristo. É absolutamente impossível para um ser humano pecador perdoar os pecados de outro indivíduo pecador como a si mesmo, porque este tem os seus próprios pecados para cuidar! O *Catecismo da Igreja Católica de 1994*

diz, acerca da questão #1493, “Aquele que deseja obter **reconciliação com Deus** e com a Igreja, depois de ter examinado sua consciência, *deve confessar a um sacerdote* todos os pecados graves que lembrar depois de um exame cuidadoso da sua consciência”.

Mas, de acordo com a Palavra de Deus, nenhum sacerdote pode reconciliar o pecador com Deus! A reconciliação é a obra de Jesus Cristo, e somente dEle. Hebreus 2.17 diz em respeito a Cristo, “Por isso convinha que em tudo fosse semelhante aos irmãos, **para ser** misericordioso e fiel sumo sacerdote naquilo que é de Deus, **para expiar os pecados do povo**”. Jesus Cristo, que é o grande sumo sacerdote do seu povo, é o Único que pode dizer, como disse em Lucas 7.48, “Os teus pecados te são perdoados”.

A confissão auricular nunca é mencionada na Palavra de Deus! Jesus Cristo nunca mandou a confissão auricular ser praticada, os apóstolos nunca praticaram a confissão auricular e nunca a ensinaram. Os apóstolos nunca perdoaram pecados e nunca requereram de alguém que lhes confessasse seus pecados. Quando Simão o mágico veio a Pedro querendo comprar o poder do Espírito Santo, Pedro não lhe disse que confessasse seus pecados. Em vez disso, disse a Simão que se arrependesse de seus pecados e os confessasse a Deus e pedisse a Deus que o perdoasse.

Atos 8.18-22 diz, “E Simão, vendo que pela imposição das mãos dos apóstolos era dado o Espírito Santo, lhes ofereceu dinheiro, dizendo: Dai-me também a mim desse poder, para que aquele sobre quem eu puser as mãos receba o Espírito Santo. Mas disse-lhe Pedro: O teu dinheiro seja contigo para perdição, pois cuidaste que o dom de Deus se alcança por dinheiro. Tu não tens parte nem sorte nesta palavra, porque o teu coração não é reto diante de Deus. **Arrepende-te, pois, dessa tua iniquidade, e ora a Deus, para que porventura te seja perdoado o pensamento do teu coração**”.

A confissão auricular, como todas as distintivas doutrinas Católicas Romanas, é totalmente desprovida da autoridade das Escrituras. A confissão auricular é pura invenção do Catolicismo. Na confissão auricular o sacerdote usurpa o lugar do Poderoso Deus, o único que pode perdoar o pecado. Na confissão o sacerdote usurpa o lugar de Jesus Cristo, o único Mediador entre Deus e o homem.

A confissão auricular é uma prática degradada! Um sacerdote humano não tem o direito de saber quais são os pecados da vida e do coração de uma pessoa! Isso não é da sua conta! Através da confissão, o sacerdote torna-se receptáculo do pecado e da sujeira acumulada por sua comunidade. Sabe de todas as sujeiras de todos!

Onde você irá para obter o perdão dos seus pecados? A um sacerdote católico pecador ou diretamente ao Deus Todo Poderoso, como ensinam as Escrituras? Na seqüência, vamos considerar

O CELIBATO E O SACERDÓCIO

Os sacerdotes (e as freiras) da Igreja Católica Romana são proibidos de se casar e devem permanecer celibatários por toda sua vida. O Cânon 10 do Conselho de Trento diz: “Qualquer um que afirmar que o estado conjugal é preferível a uma vida de virgindade e celibato, e que isso é melhor e mais condutível a uma felicidade do que permanecer na virgindade ou celibato, seja ele um anátema”.

Na *A Verdade do Catolicismo*, da Sociedade Literária Católica, há um capítulo chamado “Por que Sacerdotes Não Se Casam” e, na página 14, encontra-se a seguinte afirmação: “Porque Cristo, o grande exemplo do clero ... não se casou ...”.

Como vimos na afirmação acima do Cânon do Conselho de Trento, o Catolicismo tenta deixar a impressão de que o celibato é mais santo do que o casamento. O *Catecismo da Igreja Católica*, de 1994, diz, acerca da questão #1579, “O celibato é um sinal dessa nova vida ministerial para a qual o ministro da Igreja é consagrado; aceito com um coração alegre, o celibato proclama o Reino de Deus de forma radiante”.

No entanto, a doutrina do ministério celibatário é desconhecida, no Novo Testamento. O Novo Testamento nunca mandou o celibato ao ministério. Nem Cristo nem os apóstolos mandaram o celibato.

O casamento foi divinamente instituído no começo do jardim do Éden, depois que Deus disse, em Gênesis 2.18, “*Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele*”. Hebreus 13.4 diz *que “venerado seja entre todos o matrimônio”* e isso inclui líderes religiosos como sacerdotes e freiras. Provérbios 5.18 diz a todos os jovens: “Seja bendito o teu manancial, e alegra-te com a mulher da tua mocidade”.

I Coríntios 7.9 faz referência a pessoas solteiras quando diz: “mas, se não podem conter-se, casem-se. Porque **é melhor casar do que abrasar-se**” ou, então, é melhor casar-se do que ser concupiscente. Em I Coríntios 7.2, Paulo diz, “Mas, por causa da prostituição, cada um tenha a sua própria mulher, e cada uma tenha seu próprio marido”. Em I Coríntios 9.5, Paulo diz que ele e os apóstolos, mesmo Pedro, tinham o direito de se casar: “Não temos **nós** direito de levar conosco uma **esposa crente, como também os demais apóstolos, e os irmãos do Senhor, e Cefás?**”. I Timóteo 3.2 diz que os

Bispos ou pastores das igrejas devem ser maridos. “Convém, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma mulher ...”.

Contrário ao que ensina o Catolicismo, que apresenta o celibato como sendo espiritualmente superior à condição de casado, Paulo diz, em I Timóteo 4.1-3, que o celibato é uma doutrina de demônios. “Mas o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos apostataram alguns da fé, **dando ouvidos** a espíritos enganadores, e a **doutrinas de demônios**; pela hipocrisia se homens que falam mentiras, tendo cauterizada a sua própria consciência; **proibindo o casamento**, e ordenando a abstinência dos alimentos que Deus criou para os fiéis, e para os que conhecem a verdade”.

O celibato não é natural e é moralmente desastroso. A repressão sexual desafia a natureza que Deus deu ao ser humano macho, sendo assim, na mente de um sacerdote, na natureza do homem, encontra-se certa frustração e um ressentimento secreto, algo sexual e intelectualmente maligno. Não importa quão deslumbrantes e venerados o papa, os cardeais, os bispos ou qualquer outro sacerdote sejam, no fundo, há algo abnormal, pervertido e perverso para com o sexo conjugal.

A prática do celibato não produz outra coisa a não ser problema e tristeza a seus escravos. É difícil levar adiante essa idéia de celibato que Roma coloca ao homem porque Deus nunca recomendou isso e porque isso vai contra a própria natureza do homem. O celibato resulta numa grande solidão e conduz à tentação de uma grande imoralidade coisa que o homem comum é incapaz de resistir.

A doutrina do celibato a séculos tem minado a Igreja Católica com excessiva e extrema imoralidade. A fornicação foi um problema para sacerdotes, freiras e papas em todos os séculos em que o Catolicismo requereu o celibato.

No dia 30 de janeiro de 2000, o *Kansas City Star* reportou-se a um estudo extensivo feito com sacerdotes Católicos na América, e uma das aberrações encontradas nesse estudo é que “sacerdotes Católicos estão morrendo de AIDS em proporções muitas vezes maiores do que a população em geral...”. O que mais se poderia esperar como resultado desse requerimento perverso do celibato? A condição de virgindade perpetua não é mais sagrada do que o casamento!

Quão trágico é saber que centenas e milhares de sacerdotes e freiras da Igreja Católica Romana estão deixando de encontrar o gozo e o prazer de compartilhar suas vidas com um cônjuge legítimo, pensando que seu sacrifício agrada a Deus, quando, na verdade, estão seguindo doutrinas de demônios! Por último, veremos, neste capítulo,

A TIRANIA DO SACERDÓCIO

O Catolicismo requer grande reverência aos seus sacerdotes, uma reverência maior do que aquela permitida pela obra de Deus a qualquer homem. O *Catecismo de Baltimore* diz, na questão #455, “Os Católicos devem mostrar referência e honra ao sacerdote, porque ele representa o próprio Cristo e o despenseiro de Seus mistérios. Mostrando reverência e honra ao sacerdote, uma pessoa demonstra reverência e honra ao Próprio Cristo. O sacerdote, na verdade, é ‘outro Cristo’ ... é costume honrar sacerdotes chamando-lhes de ‘Padre’ [pai]”.

O Conselho de Trento faz a seguinte afirmação sobre a reverência aos seus sacerdotes: “Aquele que despreza o sacerdote, despreza Deus; aquele que escuta, escuta a Deus. O sacerdote redime pecados como Deus ... Por isso eles são chamados não apenas de anjos, mas também Deus, possuindo entre nós o poder e a autoridade do Deus imortal”. No entanto, o Senhor Jesus Cristo diz, em Mateus 23.9: “E a **ninguém** na terra chameis vosso pai!”.

Os sacerdotes Católicos possuem um poder tremendo sobre o seu povo. Os Católicos, especialmente os que vivem em países pobres ao redor do mundo, são caracterizados por um sentimento de veneração temerosa ao sacerdote e medo dele. O sacerdote dita a seu povo como deve ser a igreja, escola, casamento, filhos, laços familiares, política, material de leitura e tudo mais, podendo perguntar livremente sobre essas coisas no confessionário.

O sacerdote administra a extrema unção na hora da morte, guiando, portanto, a alma para a eternidade, devendo até orar para que alguém entre no céu. Quando, através do confessionário, o sacerdote fica sabendo dos segredos de um líder público, controla-o e pode tanto silenciá-lo como colocá-lo sob o comando da Igreja.

Um sacerdote disse a uma senhora que estava tentando vir à igreja, cuja filha, Católica, conversou com minha mãe, que se ela entrasse num prédio da igreja Batista, o telhado cairia sobre sua cabeça.

Os sacerdotes têm, na verdade, um controle tirano sobre o seu povo, um controle tirano que nosso Senhor claramente condena em Marcos 10.42-43. “Sabeis que os que julgam ser príncipes dos gentios, deles se assenhoreiam, e os seus grandes usam de autoridade sobre elas; mas entre vós não será assim; antes, qualquer que entre vós quiser ser grande, será vosso serviçal”.

CONCLUSÃO

Qual sacerdote você vai seguir? Em qual sacerdote você vai procurar perdão para os seus pecados? No sacerdote Católico, que tem uma posição não-

bíblica? Ou Jesus Cristo, o Único Grande Sumo Sacerdote que ofereceu o eterno sacrifício do Seu próprio sangue pelos pecados do Seu povo e sempre vive a interceder por ele?

Capítulo 6

O CATOLICISMO E O BATISMO

“E, indo eles caminhando, chegaram ao pé de alguma água, e disse o eunuco: *Eis aqui água; que impede que eu seja batizado? E disse Felipe: É lícito, se crês de todo o coração. E, respondendo ele disse: Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus. E mandou parar o carro, e desceram ambos à água, tanto Felipe como o eunuco, e o batizou. E, quando saíram da água o Espírito do Senhor arrebatou a Felipe, e não o viu mais o eunuco; e, jubiloso, continuou o seu caminho*”. Atos 8.36-39.

Às vezes, as pessoas dizem que a única diferença significativa entre os Católicos e os Batistas está na quantidade de água que requerem para o batismo. Dizem, até concordamos nas coisas essenciais como a divindade de Jesus Cristo, a Trindade de Deus e a morte, sepultamento e ressurreição de Jesus Cristo e, acima de tudo, isso é o que realmente importa!

Na verdade, não há maior diferença ou abismo mais intransponível entre os Católicos e os Batistas do que na questão do batismo. Devido às muitas e abrangentes ramificações dos seus ensinamentos com relação ao batismo, os Batistas *nunca* podem concordar espiritualmente com os Católicos Romanos.

Focaremos três coisas que o Catolicismo ensina sobre o batismo e veremos, então, o que a Palavra de Deus diz sobre cada uma. Primeiro,

O CATOLICISMO ENSINA QUE O BATISMO SALVA

Freqüentemente chamaremos de regeneração batismal a doutrina segundo a qual o batismo salva o pecador. Os Católicos Romanos acreditam na regeneração batismal. Batizam seus bebês para os salvar. Aspergem sobre os corpos dos mortos para tentar salvar as almas daquelas pessoas do inferno.

Citarei várias afirmações dos Catecismos Católicos referentes à crença Católica de que o batismo salva a alma. Os Católicos vão longe para assegurar que não estão mal-entendidos quando dizem que alguém deve ser batizado para ser salvo. Em suas confissões de fé, usam quase que todos os termos bíblicos que descrevem a salvação e dizem que todos provêm de uma forma ou de outra do batismo.

O *Catecismo de Baltimore*, na questão #117, diz, “Os **sacramentos do Batismo** e a penitência foram instituídos principalmente para **dar graça**

àqueles que não a possuem”. O batismo é, dessa forma, chamado de sacramento. Um sacramento é um sinal visível que confere graça, um ato ou uma cerimônia que tem eficácia salvadora. *Ser um Católico*, um catecismo de Joseph V. Gallagher, diz, acerca da questão #2: “Como ocorre o **novo nascimento? Através do batismo** e do Espírito”. A questão #148 diz: “O batismo **tira o pecado original; e também os pecados atuais**, se há algum, e **toda a punição que lhes é devida**”. O *Catecismo para Adultos*, de James Alberione, diz, na página 92: “O **Batismo confere a graça da justificação** ... no batismo, os seguidores de Cristo **tornam-se verdadeiramente filhos de Deus** e compartilham da natureza divina”.

Ser um Católico diz, acerca da questão #7: “Qual é o **resultado do batismo?** Uma pessoa é **reconciliada** com Deus: **seus pecados são perdoados, ele recebe a vida de Deus** e torna-se parte do povo de Deus”. A questão #114 do *Catecismo de Baltimore* diz: “Aqueles que não fazem uso da razão não podem optar por cooperar com a graça de Deus. **Podem**, entretanto, **ser salvos através do batismo**”.

A Palavra de Deus tem uma visão absolutamente oposta e contrária na relação do batismo com a salvação. Na Palavra de Deus, a vida eterna é prometida à fé, não ao batismo! João 3.16 diz: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito, para que todo aquele que **nEle crê** não pereça, mas **tenha a vida eterna**”. As Escrituras não dizem absolutamente nada sobre o batismo quando fala de como receber a vida eterna. João 3.36 diz a mesma coisa. A vida eterna é prometida à fé, não ao batismo. “Aquele que **crê** no Filho de Deus tem a **vida eterna**”.

De acordo com a Palavra de Deus, o batismo não precede a fé e nem concede fé. Pelo contrário, o batismo segue a fé. O Novo Testamento inteiro ensina que a fé deve preceder o batismo e que os únicos sujeitos adequados para o batismo são aqueles que já se arrependeram de seus pecados e confiaram em Jesus Cristo.

Nosso texto, em Atos 8-36.37, deixa claro: aqueles que seriam batizados deveriam, antes de tudo, crer de coração em Jesus Cristo para a salvação. “E, indo eles caminhando, chegaram ao pé de alguma água, e disse o eunuco: Eis aqui água; **que impede que eu seja batizado?** E disse Felipe: **É lícito, se crês de todo o coração**”.

Atos 2.41 nos diz que no dia do Pentecostes Pedro batizou aquelas pessoas que receberam ou creram na Palavra de Deus: “De sorte que foram **batizados** os que de bom grado **receberam a sua palavra**”. Atos 9.6-18 nos diz que o

apóstolo Paulo creu e foi então batizado. Lídia, segundo Atos 16.16, creu e foi então batizada.

Segundo Atos 16.30-33 o carcereiro de Filipos creu e foi *então* batizado. Quando ele perguntou a Paulo: “O que devo fazer para ser salvo?”. Paulo não respondeu: “Seja batizado!”. Disse: “Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo ... e logo foi batizado”. “Senhores, *que é necessário que eu faça para me salvar?* E eles disseram: *Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo*, tu e tua casa. E lhe pregavam a Palavra do Senhor, e a todos os que estavam em sua casa. E, tomando-os eles consigo naquela mesma hora da noite, lavou-lhes os vergões; e logo *foi batizado*, ele e todos os seus”.

A questão aqui é: Somos salvos pela água ou por Jesus Cristo? A água morreu por nossos pecados? A água tem vida? A água é nossa Salvadora? A substância física, material e temporal da água não pode purificar a alma que é espiritual por natureza. Nem toda a água do mundo é suficiente para lavar o pecado original nem os pecados atuais da alma!

A salvação pelo batismo contradiz todo o sentido geral da Palavra de Deus. Uma obra é algo que alguém faz para receber, merecer ou efetuar a salvação. No ensinamento Católico, o batismo é uma obra, um ato que alguém deve receber a fim de efetuar a sua salvação. As Escrituras dizem, entretanto, que a salvação não se dá por obras. Não se dá por aquilo que o homem faz, seja o batismo, fazer parte de uma igreja, ter uma vida de retidão ou o que quer que seja.

A Palavra de Deus insiste que a salvação é um dom gratuito que as obras nunca podem comprar ou receber. Efésios 2.8-9 diz, por exemplo, “Porque *pela graça* sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós , é *dom de Deus. Não vem das obras*, para que ninguém se glorie”. É absolutamente impossível uma experiência espiritual resultar do desempenho de um ato físico!

De acordo com as Escrituras, uma pessoa não deve ser batizada para ser salva! O malfeitor morto na cruz nunca foi batizado, mesmo assim, segundo Lucas 23.43, foi para o céu com Cristo. “E disse-lhe Jesus: Em verdade te digo que *hoje estarás comigo no Paraíso*”.

Por outro lado, igualmente verdadeiro, uma pessoa pode ser batizada e, apesar disso, *não* ser salva! Atos 8.13-23 relata que Simão o mágico foi batizado mas não foi salvo.

Se o batismo fosse necessário para a salvação, o apóstolo Paulo nunca teria dito, em I Coríntios 1.14: “Dou graças a Deus, porque a nenhum de vós

batizei, senão a Crispo e a Gaio”. Seria ridículo pensar que Paulo ficasse agradecido a Deus pelo fato de algumas pessoas não serem salvas, uma vez que o batismo as pudesse salvar! Se a salvação se desse pelo batismo, por que Paulo teria dito, em I Coríntios 1.17: “Porque ***Cristo enviou-me, não para batizar***, mas para evangelizar”? Tem-se dito que enquanto o Catolicismo ensina que o batismo é essencial para a salvação, a verdade bíblica é: a salvação é essencial para o batismo! Um segundo ponto com relação ao Catolicismo e o batismo é:

O CATOLICISMO ENSINA QUE A ASPERSÃO É O BATISMO

O Catolicismo ensina que o modo adequado de batizar é a aspersão ou, em alguns casos, derramar água sobre a pessoa que é batizada. A questão #150 do *Catecismo de Baltimore* diz: “Eu posso batizar derramando água sobre a testa da pessoa a ser batizada dizendo, enquanto a derramo: ‘Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo’”.

Mas, o que a Palavra de Deus diz sobre o modo de batizar? Antes de tudo, o simbolismo do batismo testamentário requer um e apenas um modo de batizar que não é a aspersão nem o derramamento. O batismo simboliza ou representa certas verdades abençoadas em relação ao crente que se submete a ele. O batismo representa a morte, sepultamento e ressurreição do crente para o pecado e sua antiga vida de desobediência.

Romanos 6.3-6 diz: “Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte? De sorte que ***fomos sepultados com Ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida***. Porque, se fomos ***plantados juntamente com Ele na semelhança da sua morte, também o seremos na da Sua ressurreição***; sabendo isto, que o ***nosso homem velho foi com ele crucificado***, para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado”.

Essa passagem também conta-nos outra coisa que é representada pelo batismo, isto é, a ressurreição dos crentes com a finalidade de andar em novidade de vida em Cristo. Essa passagem também conta-nos uma terceira coisa simbolizada pelo batismo que são o sepultamento e a ressurreição de Cristo. Vejam-se novamente os versículos 4 e 5. “De sorte que fomos sepultados com Ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida. Porque, se fomos plantados juntamente com Ele na semelhança da sua morte, também o seremos na da Sua ressurreição”.

O batismo, devidamente observado, simboliza os grandes fatos ressaltados pelo evangelho; a morte, sepultamento e ressurreição de Jesus Cristo! A imersão do crente em água simboliza e ilustra a morte, sepultamento e ressurreição de Jesus Cristo pelos pecados.

Em seu grande livro *A Fé Batista e o Catolicismo Romano*, W. H. Rone destaca seis coisas que a Palavra de Deus diz sobre o batismo e que descrevem o modo de imersão em água. Diz:

1. O batismo escriturístico requer água. Em nosso texto o Eunuco perguntou a Felipe, “Eis aqui água; que impede que eu seja batizado?”;
2. O batismo escriturístico requer muita água. João 3.23 diz que João foi batizado em Enom, junto a Salim, porque havia ali muitas águas;
3. O batismo escriturístico requer imersão na água. Atos 8.38, descrevendo o batismo do eunuco etíope, diz: “E *desceram ambos à água*, tanto Felipe como o eunuco, e o batizou”;
4. Romanos 6.5, que lemos a pouco, diz que o batismo escriturístico requer um sepultamento na água;
5. De acordo com Romanos 6.5, o batismo escriturístico requer uma ressurreição da água e
6. O batismo escriturístico requer emersão da água, de acordo com Atos 8.39. “E, quando saíram da água, o Espírito do Senhor arrebatou a Felipe”.

Se todas essas coisas são requeridas pelo batismo escriturístico, mudar o modo de batizar é o mesmo que mudar o significado e a importância do batismo. O descarte da imersão em favor da aspersão destrói o simbolismo da morte, sepultamento e ressurreição. Quando se destrói a representação ou substitui alguma coisa dela, destrói-se o batismo!

A Palavra de Deus também nos diz qual é o modo adequado de batizar, através do verdadeiro significado da palavra batizar. A palavra grega traduzida como batizar em nossa Versão do Rei Tiago é *baptizo*, que significa, e só pode significar, mergulhar, submergir ou imergir. A palavra *baptizo* significa imergir, mas nunca, aspergir.

Fica evidentemente claro por esses fatos que o batismo escriturístico é um ato que envolve imersão em água. A Palavra de Deus ensina que, sem imersão em água, não há batismo. De acordo com a Palavra de Deus, nenhuma forma de aspersão ou derramamento é batismo! Os batismos Católicos Romanos são, portanto, nulos e inválidos porque falta neles um

sujeito escriturístico, isto é, um crente em Jesus Cristo e também falta neles um modo escriturístico que é a imersão.

O CATOLICISMO BATIZA BEBÊS

O batismo infantil é uma doutrina essencial do Catolicismo. A grande maioria dos Católicos é batizada na infância.

O *Catecismo da Igreja Católica*, de 1994, diz, acerca da questão #1250: “A Igreja e os pais negariam à criança a inestimável graça de ser tornar um filho de Deus se não lhe *conferissem o batismo pouco tempo depois do seu nascimento*”. Os Católicos e aqueles que batizam bebês são, às vezes, chamados pelo nome técnico de pedobatistas, que significa literalmente: batizadores de bebês.

Mas, veja comigo o que a Palavra de Deus diz sobre o batismo de bebês.

1. A Palavra de Deus nunca ordenou que crianças fossem batizadas. Todas as ordenanças positivas e Cristãs requerem o mandamento positivo das Escrituras, mas a ordenança positiva do batismo de crianças não se encontra em lugar nenhum da Palavra de Deus. Não há nenhuma ordenação sequer de Cristo ou de um de seus apóstolos, para o batismo de bebês;
2. A Palavra de Deus não dá nenhum exemplo de batismo infantil. Na Bíblia toda não há nenhum exemplo sequer de uma criança sendo batizada. Ao contrário, nas Escrituras, todos os batizados eram adultos. João o Batista nunca batizou uma criança. Nem o Senhor Jesus Cristo nem seus discípulos nunca batizaram uma criança. No Pentecostes, Pedro não disse nada sobre o batismo infantil e dentre os 3.000 crentes que lá foram batizados, não houve nenhum batismo infantil. Se houvesse ainda que fosse uma ordenança ou exemplo de batismo infantil em toda a Palavra de Deus, seguramente Roma a teria encontrado nesses últimos 14 ou 15 séculos de existência;
3. Não há nenhuma instrução ou direção na Palavra de Deus de como o batismo infantil deve ser administrado, o que seguramente haveria se isso fosse algo que Deus quisesse!;
4. O batismo infantil não é sequer mencionado na Palavra de Deus. Nem sequer uma vez!;
5. Mais do que isso, o batismo infantil não é sequer sugerido na Palavra de Deus. Não se encontra batismo infantil na Palavra de Deus!

O batismo infantil é errado porque:

1. A aspersão, usada no batismo infantil, não é o modo escriturístico e, como temos visto, o modo de batizar não pode ser mudado sem mudar o significado do seu simbolismo;
2. O batismo infantil é errado porque o seu motivo também o é, isto é, regenerar a alma, e esse não é o propósito do batismo escriturístico.
3. O batismo infantil é errado porque não envolve um sujeito adequado, ou seja, um crente, alguém que já é discípulo de Jesus Cristo. A Palavra de Deus diz que a fé precede o batismo. O batismo é para os crentes apenas. O real problema aqui **não** é o batismo de adultos versus o batismo infantil. A verdadeira questão é o batismo dos crentes versus o batismo dos descrentes.
4. O batismo infantil é errado porque não envolve uma voluntariedade pessoal, um ato consciente de obediência a Cristo pelo indivíduo envolvido, mas o batismo infantil Católico é um ato de coação e compulsão. O batismo infantil é oposto ao princípio da responsabilidade individual de cada alma humana a Deus. I Pedro 3.21 diz que o batismo é a resposta de uma boa consciência diante de Deus. As crianças não têm consciência ativa para tanto. O batismo infantil ignora a consciência como um todo.
5. O batismo infantil é errado porque traz o não-regenerado a ser membro da igreja, portanto, é subversivo à igreja e contrário a Deus.

Depois de tudo isso, fica claro que a aspersão sobre bebês não é o batismo escriturístico!

CONCLUSÃO

O batismo infantil é realmente a pedra fundamental do Catolicismo. Sem isso, todo o sistema Católico Romano entraria em colapso. É por isso que John Gill chamou o batismo infantil de “componente e pilar do papado”.

De onde veio a prática do batismo infantil? O *Catecismo da Igreja Católica*, de 1994, dá-nos a resposta com palavras próprias da Igreja Católica quando diz, acerca da questão #1252: “A prática do batismo infantil é uma **tradição imemorial da igreja**. Há testemunhos explícitos dessa prática do segundo século em diante ...”.

Esse catecismo admite que o batismo infantil não está baseado nas Escrituras, mas na tradição do homem. Nessa, como em todas as distintas doutrinas do Catolicismo, o mandamento de Deus é deixado em favor das tradições dos homens.

As palavras do Senhor Jesus Cristo aos Judeus, em Marcos 7.9, certamente descrevem a Igreja Católica em relação ao batismo infantil. “Bem invalidais o mandamento de Deus para guardardes a vossa tradição”. J. L. Dagg, em seu *Manual de Ordem na Igreja*, encoraja os Cristãos a “deixar os correntes impuros da tradição e beber da fonte de revelação pura”.

O Catolicismo diz que o batismo é necessário para a salvação, que a aspersion é o batismo e que bebês devem ser batizados. A Palavra de Deus diz que nada disso é verdade! ***Em qual você vai acreditar?***

Capítulo 7

O CATOLICISMO E A MISSA

“Nem também para a si mesmo se oferecer muitas vezes, como o sumo sacerdote cada ano entra no santuário com sangue alheio; de outra maneira, necessário lhe fora padecer muitas vezes desde a fundação do mundo. Mas agora na consumação dos séculos uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo”. Hebreus 9.25-26

Todo dia, a cada minuto, são oferecidas missas Católicas Romanas em algum lugar desse mundo. O sacrifício da missa é o ponto central na adoração Católica Romana. Até a pregação do evangelho tem um lugar inferior ao da missa, isso, se há pregação do evangelho. Neste capítulo esperamos responder às questões: O que é a missa e O que a Palavra de Deus tem a dizer sobre isso?

A MISSA É UM SACRIFÍCIO

Começaremos definindo alguns termos. Usaremos o termo *Eucaristia* que se refere ao sacrifício envolvido na missa. O termo *missa* refere-se à celebração da *Eucaristia* ou *sacrifício*. O Catolicismo ensina que, na missa, o pão e o vinho são transformados no corpo e no sangue de Cristo e então apresentados a Deus como sacrifício pelo qual Deus é tranqüilizado e se obtém a expiação dos pecados.

O Catolicismo ensina que o sacrifício do Senhor Jesus Cristo é oferecido vez após vez na missa. O *Catecismo de Baltimore* diz, acerca da questão #161, “A missa é como o sacrifício da cruz”.

O Catolicismo diz que o sacrifício da cruz é tão eficaz para tirar o pecado quanto foi o sacrifício do Calvário. O *Catecismo de Baltimore* diz, acerca da questão #154: “A Sagrada Eucaristia é um sacramento e um sacrifício; nela, nosso Salvador Jesus Cristo, corpo e sangue, alma e divindade, sob a aparência de pão e vinho, encerra-se, é oferecido e recebido”. A questão #356 desse mesmo catecismo diz: “Por que Deus dá-nos seu próprio corpo e sangue na sagrada Eucaristia?...para permanecer sempre em nossos altares como prova do Seu amor por nós e para ser adorado por nós”.

De acordo com o ensinamento Católico Romano, a Eucaristia envolve literalmente o corpo e o sangue de Cristo, *ainda que isso não pareça acontecer*. A questão #160 do *Catecismo de Baltimore* diz: “A missa é o

sacrifício da Nova Lei, na qual, Cristo, através do sacerdote, oferece a Si mesmo a Deus *sem sangue, sob as aparências de* pão e vinho”.

No *Catecismo de Baltimore* revisto, chamado “Catecismo da Doutrina Cristã”, lemos: “A Santa Missa é tão sacrifício como o da cruz, visto que Cristo, que ofereceu a Si mesmo como vítima sangrenta a Seu Pai Celestial, continua a oferecer-se no altar, *ainda que sem sangue*, através do ministério dos Seus sacerdotes”.

Segundo a freqüentemente chamada doutrina da transubstanciação, na missa, de alguma forma, o pão realmente torna-se o corpo de Jesus Cristo e o vinho, o sangue. A palavra transubstanciação significa simplesmente mudança de substância e, na missa, a substância do pão é supostamente transformada na substância do corpo de Cristo e a substância do vinho é supostamente transformada na substância do sangue de Jesus Cristo.

A questão #355 do *Catecismo de Baltimore* diz: “Os sacerdotes exercem seu poder de transformar pão e vinho no corpo e no sangue de Cristo repetindo, na consagração da Missa, as palavras de Cristo: ‘Isto é o Meu corpo...isto é o Meu sangue’”. Isso se refere ao trabalho miraculoso que os sacerdotes fazem quando transformam o pão e o vinho realmente no corpo e no sangue de Cristo e lhes oferecem como sacrifício pelos pecados.

Alphonsus Liguori, uma das principais autoridades sobre a Lei Católica Romana Canônica, diz, em seu livro *A Dignidade e Dever do Sacerdote*: “Quando eles pronunciam as palavras de consagração, o Deus encarnado obriga-se a obedecer e vir às suas mãos sob a aparência sacramental do pão e do vinho. Somos tomados pela admiração de que, em obediência às palavras de Seus sacerdotes, ... o Próprio Deus desce ao altar, de que Ele vem sempre que O chamam, tão freqüentemente que O chamam, e toma lugar em suas mãos ainda que sejam Seus inimigos. Depois de ter vindo, permanece inteiramente ao seu dispor e eles O movem de um lugar a outro como lhes agrada”.

De acordo com essa doutrina Católica, quando uma pessoa comunga na missa de maneira apropriada, realmente come o corpo de Jesus Cristo e, quando o sacerdote toma o cálice, realmente bebe o sangue de Jesus Cristo.

Na missa, a hóstia e o vinho transformados devem ser adorados ou venerados assim como Cristo. Referem-se àquela massa consagrada e transformada como *hóstia*. A hóstia é levantada pelas mãos do sacerdote para ser adorada e venerada pelo povo.

O Catolicismo tenta basear essa doutrina da transubstanciação nas palavras do Senhor Jesus Cristo em Lucas 22.19, onde ele diz, com relação ao partir do pão na Ceia do Senhor: “Isto é o meu corpo”. A questão #156 do *Catecismo de Baltimore* diz: “Quando nosso Senhor disse: ‘Isto é o meu corpo’, o pão transformou-se em Seu corpo; e, quando disse: ‘Isto é o meu sangue’, o vinho transformou-se em seu sangue”.

O Conselho de Trento declarou no Cânone 1, cujo título é *Sobre o Sacramento da Santíssima Eucaristia*, “Se alguém nega que, no sacramento da santíssima Eucaristia, encontram-se verdadeira, real e substancialmente o corpo e o sangue juntamente com a alma e a divindade de nosso Senhor Jesus Cristo e, conseqüentemente, todo o Cristo, e diz, ao contrário, que ele está lá apenas em forma de sinal, figura ou virtuosamente: seja um anátema”.

A Missa era desconhecida até aproximadamente 800 d.C., quando foi proposta por um monge beneditino chamado Radbertus, mas não se tornou parte oficial do Catolicismo até ser oficialmente reconhecida pelo conselho de Lateran, em 1215, quando ao papado do Papa Inocêncio III.

A MISSA É UM SACRAMENTO

Um sacramento é um sinal visível que confere graça a uma pessoa. É algo que possui eficácia salvadora. É algo do qual alguém participa a fim de ganhar ou ajudar a ganhar a salvação.

O *Catecismo de Baltimore*, acerca da questão #154, diz: “A Santíssima Eucaristia **é um sacramento** e um sacrifício”. O *Catecismo da Igreja Católica*, de 1994, diz, acerca da questão #1393: “Por essa razão a Eucaristia não pode unir-nos a Cristo sem que, ao mesmo tempo, limpar-nos de pecados futuros”. Vê-se que a Igreja reivindica que a missa tanto une uma pessoa a Cristo como a limpa de pecados.

A missa realmente põe a salvação nas mãos do sacerdote. Os supostos corpo e sangue de Cristo são, na missa, levantados diante do altar pelas mãos do sacerdote e oferecidos a Deus pelos pecados, tanto dos vivos quanto dos mortos. A questão #1371, do *Catecismo da Igreja Católica*, de 1994, diz: “O sacrifício da Eucaristia é oferecido também pelos fiéis que partiram em Cristo, que estão mortos, mas que não são totalmente purificados, podendo assim tornar-lhes capazes de entrar na vida e paz de Cristo”.

Grandes somas de dinheiro são coletadas pela Igreja Católica para celebrar a Missa para os mortos. Se alguém paga ao sacerdote uma quantia prescrita, ele celebra uma missa para aliviar o sofrimento da alma do ente querido no purgatório.

O QUE A PALAVRA DE DEUS DIZ SOBRE A MISSA

Muito brevemente podemos dizer que a Palavra de Deus não diz absolutamente nada sobre a Missa ou sobre a transubstanciação! Não há nenhum versículo que autoriza a missa ou a transubstanciação. Na Palavra de Deus não há nenhuma referência sequer a celebração de missas. Na Palavra de Deus não há nenhuma promessa, nenhuma ordenança e nenhum exemplo de que tenha havido missas ou transubstanciação. Essas coisas nunca foram ensinadas por Cristo ou seus apóstolos. O Novo Testamento não nos dá absolutamente nenhuma instrução de como celebrar missas. O Senhor Jesus Cristo enviou seus discípulos a fazer, batizar e ensinar discípulos, não a rezarem missas! No Novo Testamento, a Ceia do Senhor nunca é chamada de sacrifício e nunca são mencionados altares, sacerdotes e consagrações nas igrejas do Novo Testamento em respeito a Ceia do Senhor. Sacramentos, altares e sacerdotes são resíduos do Judaísmo que o Senhor Jesus aboliu com sua morte na cruz.

Mais de 100.000 missas são rezadas em todo o mundo a cada dia. Isso significa, de acordo com a doutrina Católica da missa, que o Senhor Jesus Cristo sofre as terríveis agonias do Calvário mais de 100.000 vezes por dia nesse mundo!

Porém, de acordo com a Palavra de Deus, não é possível repetir o sacrifício de Cristo. O Novo Testamento anuncia o término de todos os sacrifícios estabelecendo que apenas Cristo é nosso verdadeiro sacrifício e que Ele se ofereceu uma vez para sempre, encerrando para sempre, portanto, todos os sacrifícios. Segundo a Palavra de Deus, há apenas um sacrifício pelo pecado. De acordo com as Escrituras, o perfeito sacrifício de Cristo expia o pecado de todos os eleitos de Deus em todos os tempos e nunca mais será repetido.

O livro de Hebreus, no Novo Testamento, tem muito a dizer sobre o sacrifício de Jesus Cristo na cruz, sendo, uma vez, o sacrifício final pelo pecado. É como se esse livro tivesse sido escrito com o propósito de refutar a doutrina Católica da missa. Vejamos várias passagens do livro de Hebreus que nos dizem que o sacrifício de Cristo na cruz pelo pecado de todos foi uma vez para sempre, portanto, o sacrifício final pelo pecado e, que por esse sacrifício, o Senhor Jesus obteve eterna redenção para nós.

Veja primeiro Hebreus 7.27. Fala-se do Senhor Jesus. “Que *não necessitasse*, como os sumos sacerdotes (os sacerdotes do Velho Testamento), de *oferecer cada dia sacrifícios*, primeiramente por seus próprios pecados, e depois pelos do povo; porque *isto fez ele, uma vez, oferecendo-se a si mesmo*”. Veja agora Hebreus 9.11-12. “Mas, vindo

Cristo, o sumo sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação, nem por sangue de bodes e bezerras, mas **por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado** (o verbo está no passado, ele já a obteve) **uma eterna redenção** (a redenção obtida por Cristo na cruz tem duração eterna e, por isso, não precisa ser repetida)”.

Veja, na seqüência, Hebreus 9.26-28. “De outra maneira, **necessário lhe fora padecer muitas vezes desde a fundação do mundo**. Mas agora na consumação dos séculos **uma vez** (significando ‘uma vez para sempre’) se manifestou, para **aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo**. (O pecado não precisa ser repetidamente aniquilado porque já foi tirado para o povo de Deus) E, como aos homens está ordenado **morrerem uma vez**, vindo depois disso o juízo, assim também **Cristo, oferecendo-se uma vez para tirar os pecados de muitos**, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para salvação”.

Veja agora Hebreus 10.10-18. “Na qual vontade temos sido santificados pela **oblação do corpo de Jesus Cristo, feita uma vez**. E assim todo o sacerdote aparece a cada dia, ministrando e oferecendo muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca podem tirar os pecados; mas este, **havendo oferecido para sempre um único sacrifício pelos pecados**, está assentado à destra de Deus, daqui em diante esperando até que seus inimigos sejam postos por escabelo de seus pés. Porque **com uma só oblação aperfeiçoou para sempre os que são santificados**. E também o Espírito Santo no-lo testifica, porque depois de haver dito: esta é a aliança que farei com eles depois daqueles dias, diz o Senhor: porei as minhas leis em seus corações, e as escreverei em seus entendimentos; acrescenta: e jamais me lembrarei de seus pecados e de suas iniquidades. Ora, onde há remissão destes, **não há mais oblação pelo pecado**”.

Alguma coisa poderia ser mais clara do que o fato de que o sacrifício de Jesus Cristo oferecido na cruz do Calvário valeu de uma vez por todas e que, por isso, não necessita ser repetido? Mas, se Cristo é oferecido a cada vez que uma missa é rezada, os versículos que temos visto até então não são verdadeiros. O Catolicismo reivindica continuar um ato que a Palavra de Deus diz ter-se completado 2.000 anos atrás. A missa Católica Romana é, portanto, um grave insulto à obra que Cristo terminou na cruz!

O Catolicismo nega a suficiência do sacrifício de Cristo. Contradizem Romanos 6.9, que diz: “Sabendo que tendo sido Cristo ressuscitado dentre os

mortos, já não morre; a morte não mais tem domínio sobre ele”. Fazem o que Hebreus 6.6 condena, crucificam o Filho de Deus e o expõem ao vitupério!

O Catolicismo ensina que a transubstanciação ocorre na missa ainda que o pão e o vinho continuem parecendo pão e vinho. Ensinam que a transubstanciação é fato, ainda que não o pareça. Lemos pouco atrás uma declaração oficial do Catolicismo que chama a missa de “sacrifício não sangrento”. Que tipo de sangue é não sangrento? Desde que o Catolicismo admite que não há sangue na missa, ela não pode ser sacrifício por pecado algum, porque Hebreus 9.22 diz que “sem derramamento de sangue não há remissão” de pecados. Um sacrifício sem sangue é um sacrifício ineficaz.

Como apontamos no início, o Catolicismo tenta justificar suas doutrinas de transubstanciação referindo-se a Lucas 22.19, onde o Senhor Jesus disse sobre o pão, na Ceia do Senhor: “Isto é meu corpo”. Mas, como poderia o Senhor literalmente dizer que aquele era seu corpo, se seu próprio corpo estava segurando o pão naquele momento? Cristo tinha dois corpos quando disse: “Isto é meu corpo”?

Não, o que Jesus Cristo quis dizer quando falou Isto é meu corpo foi: Isto *representa* meu corpo, isto parece meu corpo! Não disse: Isto se *transforma* em meu corpo ou Isto se tornou meu corpo, mas Isto representa meu corpo, Isto se parece com meu corpo! A Igreja Católica não pode interpretar “Isto é meu corpo” literalmente, a não ser que também possa interpretar literalmente outras afirmações similares, como Eu *sou* a porta e As sete vacas *são* os sete anos.

Qual a diferença entre a transubstanciação e o canibalismo? Canibalismo é a prática que alguns seres humanos possuem de comer carne humana e/ou beber sangue humano. A Palavra de Deus proíbe o canibalismo em versículos como Levítico 17.10-12. Vejamos. “E qualquer homem da casa de Israel, ou dos estrangeiros que peregrinarem entre eles, *que comer algum sangue, contra aquela alma porei a minha face, e a extirparei do seu povo.* Porque a vida da carne está no sangue; pelo que vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas; porquanto é o sangue que fará expiação pela alma. Portanto tenho dito aos filhos de Israel: *Nenhum dentre vós comerá sangue, nem o estrangeiro, que peregrine entre vós, comerá sangue*”.

É importante que, em conexão com a doutrina Católica, tenhamos idéia de onde o corpo de Jesus Cristo está neste momento. Jesus Cristo tem um corpo finito. Um corpo finito apresenta-se num determinado lugar num

determinado momento, portanto, se o corpo de Jesus está no céu, não pode estar sobre essa terra ao mesmo tempo.

O corpo de Cristo está num lugar neste momento, e esse lugar é o céu. Hebreus 1.3 diz, sobre Cristo: “havendo feito por si mesmo a purificação dos nossos pecados, assentou-se à destra da majestade nas alturas”. Hebreus 10.12, que lemos a pouco, diz: “Mas este, havendo oferecido para sempre um único sacrifício pelos pecados, está assentado à destra de Deus”.

É verdade que, num certo sentido, ele está em todo lugar, mas na Pessoa do Seu Espírito Santo. Seu corpo está no céu neste momento e não pode ser visto ou tocado, muito menos oferecido mais uma vez como sacrifício sobre o altar e comido pelos Católicos comungantes! O corpo de Cristo está no céu, onde nunca pode ser humilhado outra vez e onde certamente não pode estar presente sobre milhares de altares Católicos ao redor do mundo ao mesmo tempo! Jesus Cristo tem apenas um corpo, e não muitos corpos, ao mesmo tempo, como requer a transubstanciação Católica Romana! O ressurrecto corpo de Jesus Cristo está, neste momento, sentado à direita do Pai no céu e lá permanecerá até que volte corporalmente para julgar os vivos e os mortos.

Em Mateus 24.26, o próprio Senhor Jesus diz: Não acredite naqueles que te dizem que Ele voltou à terra! “Portanto, se vos disseres: Eis que ele está no deserto, não saiais. Eis que ele está no interior da casa; *não acrediteis*”.

A missa Católica é uma complicada perversão da Ceia do Senhor, na qual os comungantes vão à frente da igreja, ajoelham-se, fecham seus olhos e abrem suas bocas, na qual o sacerdote coloca uma pequena massa, que é supostamente a hóstia. A cerimônia da missa é bastante complicada. Nela, o sacerdote faz o sinal da cruz 16 vezes, vira-se para a congregação 6 vezes, levanta seus olhos para o céu 11 vezes, beija o altar 8 vezes, junta as mãos 4 vezes, golpeia seu peito 10 vezes, abençoa o altar com o sinal da cruz 30 vezes, põe sua mão aberta sobre o altar 29 vezes, ora secretamente 11 vezes, ora em voz alta 13 vezes, cobre e descobre o cálice 10 vezes, vai para frente e para traz 20 vezes e MUITAS outras coisas!

Contrastando a cena acima, quando o Senhor instituiu a Ceia foi tudo muito simples. Paulo esboça tudo em quatro versículos, em I Coríntios 11.23-26. Na ordenança da Ceia do Senhor, no Novo Testamento, há apenas quatro ações referentes ao pão e duas em relação ao cálice.

Segundo o Novo Testamento, a Ceia do Senhor é simplesmente um memorial da morte do Senhor até que ele retorne. I Coríntios 11.23-26 diz: “Porque eu recebi do Senhor o que também vos ensinei: E que o Senhor

Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e, havendo dado graças, o partiu e disse: Tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto *em memória de mim*. Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este é o novo testamento no meu sangue; *fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim. Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice anunciais a morte do Senhor, até que venha*”. É isso! Essa é a descrição do Novo Testamento para a Ceia do Senhor.

Não foi dada para ser um sacrifício. Ela comemora o término do sacrifício do Calvário. Um memorial não é a realidade. É apenas para nos lembrar do real. Posso mostrar uma foto e dizer: Esta é minha esposa. Você entenderia perfeitamente que aquela foto não é minha esposa, mas uma representação dela!

A Palavra de Deus nunca menciona a Eucaristia como algo que ajuda pessoas mortas. Na Bíblia, ninguém nunca recebeu a Eucaristia em favor de uma pessoa morta. Ao contrário, Romanos 14.12 diz que todos devemos dar conta de nós mesmos a Deus. “De maneira que cada um de nós dará conta de *si mesmo* a Deus”.

CONCLUSÃO

Ninguém pode seguir dois caminhos. Ninguém pode concordar com o Catolicismo e com a Palavra de Deus! É preciso escolher Hebreus 9 e 10 e um Salvador que morreu uma vez *ou* o Catolicismo com as suas constantes repetições não-bíblicas das missas. As pessoas deveriam lembrar-se de que, quando entram em Roma, deixam de fora um sacrifício completo, perfeito e eterno por Cristo!

Capítulo 8

O CATOLICISMO E A IDOLATRIA

“Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque eu, o SENHOR teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam. E faço misericórdia a milhares dos que me amam e aos que guardam os meus mandamentos”. Êxodo 20.4-6

Meu primeiro contato com a idolatria Católica Romana foi em uma Catedral, em Juarez, no México, em 1954. Lá, vi algo horrível em forma de uma estátua de cera de um Cristo morto num caixão de vidro. A adoração de imagens e relíquias é parte central da religião Católica Romana.

Neste capítulo, a primeira coisa que temos que fazer é definir alguns termos que usaremos: *imagens*, *reliquias* e *venerar*. Na lição 17, o Catecismo Católico Romano de Baltimore define as imagens como “estátuas e quadros” e relíquias como “partes dos corpos dos santos ou objetos que eles usaram”. O *Random House Dictionary of the English Language* define venerar como tendo origem em uma palavra latina que significa reverenciar, adorar. A veneração, de acordo com o *Webster’s New Collegiate Dictionary*, é “um ato que expressa adoração”.

O USO QUE O CATOLICISMO FAZ DE IMAGENS E RELÍQUIAS

Os Católicos sentem a necessidade de ver um objeto tangível na adoração. O que alguém precisa fazer para compreender que os Católicos adoram imagens é abrir seus olhos. As imagens Católicas estão em todos os lugares desta cidade, nação e mundo. Às vezes visito nosso povo no Hospital São José, aqui em Kansas City, e, muitas vezes, estando lá, passo pela estátua de São José no átrio. Dirija pelas ruas na sua volta para casa essa manhã e verá Marias, santos e até estátuas de plástico de “Jesus” sobre o pára-lama dos carros de algumas pessoas. As pessoas têm, no peito, crucifixos e imagens com corações pagãos sangrando que supostamente representam o Senhor Jesus. As mulheres e as garotas Católicas sempre usam cruces nas correntes ao redor de seus pescoços. Em suas igrejas, os Católicos oferecem incenso diante de suas imagens, beijam-nas, encurvam a cabeça diante delas, descobrem suas cabeças diante delas, ajoelham-se diante delas para rezar e as carregam em procissões de tempo em tempo. Os Católicos pensam que suas

imagens têm poderes miraculosos para derramar lágrimas de verdade, às vezes sangrar, e até mesmo curar as pessoas doentes.

Quando alguns de nossos membros visitaram o Brasil alguns anos atrás, ficamos sabendo sobre a negra Virgem de Aparecida, uma imagem que é a santa padroeira da nação brasileira. Constantemente associam-se milagres a essa imagem. As pessoas deixam partes do corpo em plástico, como braços ou pernas, que representam os lugares em que querem ser curados. São levantadas altas somas de dinheiro com a venda dessas partes do corpo em plástico e ofertadas à Virgem que irá garantir a cura.

Em 1980, a imagem de Nossa Senhora de Fátima foi trazida de Portugal a São Louis. Em São Louis, o homem que estava encarregado pela visita dessa imagem disse ao St. Louis Globe Democrat, numa entrevista na edição do dia 2 de julho de 1980, que “milagres têm sido associados à estátua. Em 1978, durante a visita a Las Vegas, a estátua derramou lágrimas de verdade”.

Em cada igreja Católica Romana deve ter pelo menos uma relíquia. Outro dia fui atrás da seguinte lista de relíquias em exibição em São Pedro, Roma: pedaços da verdadeira cruz de Cristo, dois espinhos da coroa de espinhos do Salvador, frascos de sangue do Salvador, a lança que atravessou seu lado, o manto que ele vestiu, o berço em qual Maria balançou o Senhor e também, os ossos de Pedro. Lembro-me de que, quando criança, ter ouvido meu pai especulando que, se todos os pedaços da cruz que estão agora nas igrejas da Europa fossem ajuntados, seria o bastante para construir quarenta casas de oito cômodos cada uma. Incluem-se entre outras relíquias, de várias igrejas Católicas ao redor do mundo, os pregos da cruz, o anel de casamento de Maria, frascos com o leite de Maria e partes da casa de Maria que, de alguma forma, foi miraculosamente transportada para a Itália.

A igreja de Wittenburg, na Alemanha, nos tempos de Martinho Lutero, tinha uma das maiores coleções de relíquias do mundo fora de Roma. Tinham mais de 17.000 relíquias em exposição em doze naves laterais no prédio da igreja e dizia-se aos visitantes que seria diminuída 1.902.202 anos e 270 dias a sua estada no purgatório, depois da morte por ter pagado uma taxa para vê-las .

Assim como as imagens, pensa-se que cada relíquia Católica tem, em algum grau, algum poder sobrenatural ligado a ela, dependendo da extensão do nível de educação do adorador. Estórias fantásticas de curas são relacionadas a essas relíquias. As pessoas fazem peregrinação a relicários onde essas relíquias podem ser encontradas. Verdadeiramente, o Catolicismo hoje é como a Atenas nos dias de Paulo, completamente entregue à idolatria.

A TENTATIVA DO CATOLICISMO DE JUSTIFICAR O USO DE IMAGENS E RELÍQUIAS

É importante que consideremos aqui o pronunciamento oficial do Catolicismo concernente ao uso de imagens e relíquias na adoração. O Conselho de Trento afirmou que “as imagens de Cristo, da Virgem Mãe de Deus e de todos os santos, devem ser tidas e mantidas, especialmente nas igrejas, com a devida honra e *veneração* que lhes devem ser dadas”.

O *Catecismo de Baltimore*, Confraternity Edition, diz, acerca da questão #223: “De todas as imagens, a mais sagrada é a representação da morte de Cristo na cruz, o crucifixo. Este deveria encontrar lugar na casa de todo Católico. A veneradíssima relíquia da Igreja é a cruz sobre a qual nosso Salvador morreu. A sua maior parte é mantida na igreja da Santa Cruz, em Roma, e pequenas partes estão distribuídas entre diferentes igrejas mundo afora”. O Conselho de Trento disse: “O sagrado corpo dos santos mártires ... devem ser *venerados* pelos fiéis. Através dos seus corpos muitos benefícios são dados por Deus aos homens ... aqueles que afirmam que não se deve *veneração* e honra às Relíquias dos santos ... devem ser totalmente condenados”.

O Catolicismo dá várias razões para o porquê usa relíquias e imagens na sua adoração. A questão #223 do *Catecismo de Baltimore*, diz: “Não oramos para o crucifixo ou para as imagens e relíquias dos santos, mas *para a pessoa que eles representam*”. A lição 17 do *Catecismo de Baltimore* diz: Usamos pinturas, estátuas e crucifixos para *nos lembrar* de nosso Senhor, da Sua Abençoada Mãe e dos santos. Não oramos para as imagens e relíquias, mas para *as pessoas que elas nos fazem lembrar*”.

É significativo que adoradores de ídolos pagãos ao redor do mundo dão exatamente as mesmas explicações que os Católicos para o porquê encurvam a cabeça diante de estátuas e relíquias: suas imagens têm o propósito de lembrar-lhes de seus deuses e suas orações são, de fato, para as pessoas que as estátuas representam.

A questão #223 do *Catecismo de Baltimore* explica a veneração de imagens pelo Catolicismo da seguinte forma: “Encontramos nelas formas *de nos inspirar com afeição piedosa*, de nos lembrar dos santos e *de nos ajudar a orar com mais devoção*. É por isso que a casa de todo verdadeiro Católico deve manter figuras santas na parede ou imagens sagradas entre a mobília”.

Descendo a rua da casa de minha infância, em Oklahoma City, havia a Igreja Católica de Corpus Christi, cujo sacerdote era John J. Walde. Esse sacerdote escreveu um livrinho, *O que você deveria saber sobre os Católicos*, no qual

disse, com relação às figuras dos santos: “Ver suas figuras **recorda-nos de imitá-los**. Além disso, sendo eles agora amigos de Deus no céu, podem ajudar-nos intercedendo diante de Deus se lhes pedimos para nos ajudar”. A questão #219 do *Catecismo de Baltimore* diz: “Honramos as relíquias **porque são os corpos dos santos ou objetos relacionados aos santos ou ao nosso Senhor**”.

A tentativa Católica Romana de justificar sua veneração ou adoração de imagens e relíquias certamente requer algumas ginásticas hermenêuticas práticas. Hermenêutica significa método de interpretação das Escrituras e o Catolicismo realiza algumas ginásticas hermenêuticas consideravelmente criativas na tentativa de justificar suas práticas nessa área.

Tentam explicar sua posição aludindo aos dez mandamentos e interpretando-os e reinterpretando-os. Como o segundo dos dez mandamentos de Deus é manifestadamente contra o uso de imagens e relíquias ele requer uma explicação extensiva e complicada se imagens serão usadas na adoração.

O segundo dos dez mandamentos de Deus encontra-se em nosso texto para essa mensagem, Êxodo 20.4-6. “**Não** farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. **Não** te encurvarás a elas nem as servirás”. Muitos catecismos Católicos omitem esse segundo mandamento e renumeram o resto fazendo que o número três torne-se o número dois, que o número quatro torne-se o número três, até chegar ao décimo mandamento, que dividem em dois mandamentos distintos. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, número nove, e Não cobiçarás coisa alguma do teu próximo.

Veja-se o que o *Catecismo de Baltimore* diz acerca da questão #220: “O primeiro mandamento proíbe fazer e usar estátuas e gravuras apenas quando promovem falsa adoração”. No entanto, se alguém olhar sua Bíblia, encontrará que o primeiro mandamento não se refere especificamente a imagens. É o segundo mandamento que se refere a imagens, mas Roma tem omitido esse mandamento de seus catecismos. O segundo mandamento não faz nenhuma distinção entre verdadeira ou falsa adoração, proíbe, no entanto, qualquer tipo de imagem na adoração!

A questão #224 do *Catecismo de Baltimore* diz: “Qual é o segundo mandamento de Deus? O segundo mandamento é: Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão”. Mais uma vez, se alguém olhar sua Bíblia, encontrará que esse **não** é o segundo mandamento. Esse é o terceiro!

A versão Douay-Rheims das escrituras, uma versão Católica oficial, tem essa nota de roda pé em Êxodo 20.4: “Mas, por outro lado, imagens, gravuras ou

representações, ainda que na casa de Deus, ou em qualquer santuário não são necessariamente proibidas, mas são expressamente autorizadas pela Palavra de Deus”. Exige-se realmente algumas ginásticas hermenêuticas engenhosas para tal explicação do segundo mandamento!

De onde vem o uso de imagens e relíquias da adoração Católica? De sua própria admissão e, por fatos históricos, da tradição da igreja, e não da Palavra de Deus. A adoração de imagens foi oficialmente sancionada pela igreja Católica no segundo conselho de Niceia, em 787 d. C.. A declaração oficial do Conselho concernente ao uso de imagens é a seguinte: “Os cristãos *não deveriam só servir e honrar as imagens, mas venerá-las e adorá-las*”.

O QUE A PALAVRA DE DEUS DIZ SOBRE A ADORAÇÃO DE IMAGENS E RELÍQUIAS

A concordância de Cruden da Bíblia define a palavra idolatria assim como ela ocorre nas escrituras: “fazer alguma imagem ou semelhança de Deus ou alguma outra criatura para um fim religioso”. Essa é certamente uma definição bíblica de idolatria!

O argumento Católico de que realmente não adoram suas imagens mas as pessoas que elas representam não suporta um exame cuidadoso. Primeiramente consideramos a declaração oficial que lemos a pouco do Conselho de Niceia que afirma os Católicos adoram suas imagens.

A Palavra de Deus diz que *o uso de imagens e relíquias na adoração é idolatria!* De acordo com a Palavra de Deus, toda adoração de imagem é idolatria não importando quem ou o quê a imagem possa representar! A Palavra de Deus proíbe estritamente o uso de imagens na adoração. Centenas de referências da Palavra de Deus condenam fazer ou usar imagens. Segundo a lei moral eterna de Deus, nos dez mandamentos, fazer ou adorar imagens é um ato proibido por Deus.

O segundo mandamento de Deus é um dos mais claros e mais fáceis de todos os mandamentos para entender. Êxodo 20.4-6 diz: “*Não farás* para ti *imagem* de escultura, nem *alguma semelhança do que há* em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. *Não te encurvarás a elas nem as servirás*; porque eu, o SENHOR teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam. E faço misericórdia a milhares dos que me amam e aos que guardam os meus mandamentos”. É claramente contrário à lei moral de Deus fazer, encurvar-se, ou ainda possuir uma imagem de Deus, de Cristo ou de algum santo.

A santa Palavra de Deus proíbe absolutamente o uso de imagens. Levítico 26.1 diz: “Não fareis para vós ídolos, nem vos levantareis imagem de escultura, nem estátua, nem poreis pedra figurada na vossa terra, para ***inclinavos a ela***; porque eu sou o SENHOR vosso Deus”. Toda vez em que você vir a fotografia do Papa encurvando-se em frente a imagem de Maria, lembre-se apenas que o segundo mandamento de Deus diz: “Não te encurvarás a elas”!

Deuteronômio 4.15-16 e 23 expande o segundo mandamento de Deus. “Guardai, pois, com diligência as vossas almas, pois nenhuma figura vistes no dia em que o Senhor, em Horebe, falou convosco do meio do fogo; ***para que não vos corrompais, e vos façais alguma imagem esculpida na forma de qualquer figura, semelhança de homem ou mulher ...*** Guardai-vos e não vos esqueçais da aliança do SENHOR vosso Deus, que tem feito convosco, e ***não façais para vós escultura alguma, imagem de alguma coisa que o SENHOR vosso Deus vos proibiu***”. Isaías 42.8 diz: “Eu sou o SENHOR; este é o meu nome; a minha glória, pois, a outrem não darei, nem o meu louvor às imagens de escultura”. As estátuas de Maria, Pedro e “Jesus” são tão imagens de escultura quanto as estátuas de Buda e Baal!

Ainda que fosse verdade que os Católicos oram apenas para a pessoa representada pela imagem, também seria pecado usar os ídolos, porque Deus proibiu o uso de imagens na adoração e porque há apenas um mediador entre Deus e os homens. Esse mediador não é Maria, os santos nem suas imagens ou relíquias, mas o próprio Cristo. A adoração Católica de imagens e relíquias só pode ser chamada de uma coisa, de acordo com a Palavra de Deus, isto é, ***idolatria***!

A conferência de Jerusalém, em Atos 15.20, alertou contra a adoração de ídolos pelos Cristãos como algo que os poluem espiritualmente. I Coríntios 10.14 diz aos Cristãos: “Portanto, meus amados, ***fugi da idolatria***”. I João 5.21 alerta aos Cristãos: “Filhinhos guardai-vos dos ídolos. Amém”.

A Palavra de Deus conta-nos que ***Deus odeia a idolatria***! Na Palavra de Deus, um dos pecados mais horrendos na Israel do Velho Testamento era a adoração de imagens. Deuteronômio 16.22 diz que Deus odeia as imagens. “Nem levantarás imagem, ***a qual o SENHOR teu Deus odeia***”.

A palavra mais forte usada na Palavra de Deus para expressar algo detestável é ***abominação*** e, muitas vezes, a Palavra de Deus chama a adoração imitativa de ***abominação***. Por exemplo, I Reis 11.5 e 7 diz que as imagens que Salomão adorou por influência de suas esposas eram abominação aos olhos de Deus. “Porque Salomão seguiu a Astarote, desusa dos sidônios, e Milcom,

a abominação dos amonitas ... Então edificou Salomão um alto a Quemós, a abominação dos moabitas, sobre o monte que está diante de Jerusalém, e a Moloque, a abominação dos filhos de Amom”.

Em Deuteronômio 27.15 Deus lança uma terrível maldição sobre todos aqueles que quebram seu segundo mandamento. “Maldito o homem que fizer imagem de escultura, ou de fundição, abominação ao SENHOR, obra da mão do artífice, e a puser em um lugar escondido. E todo o povo, respondendo, dirá: Amém”.

A Palavra de Deus enfatiza a tolice que é usar imagens e relíquias na adoração. Por exemplo, Salmos 115.4-8 diz: “Os ídolos deles são prata e ouro, obra das mãos dos homens. Tem boca, mas não falam; olhos têm, mas não vêem. Têm ouvidos, mas não ouvem; narizes têm, mas não cheiram. Têm mãos, mas não apalpm; pés têm, mas não andam; nem som algum sai da sua garganta. A eles se tornem semelhantes os que os fazem, assim como todos os que neles confiam”.

Em seu grande livro, *O Catolicismo Romano*, Loraine Boettner descreve a tolice que é a adoração de imagens. PARA VIVER, O HOMEM ORA ÀQUELES QUE ESTÃO MORTOS. PARA A SAÚDE, ORA ÀQUELES QUE NÃO TÊM SAÚDE OU LONGEVIDADE. PARA UMA BOA VIAGEM, ORA ÀQUELES QUE NÃO PODEM MOVER UM PÉ. PARA HABILIDADE E SUCESSO, ORA ÀQUELE QUE NÃO PODE FAZER NADA. PARA SABEDORIA, DIREÇÃO E BENÇÃO, SUJEITA-SE ESTUPIDAMENTE A UM PEDAÇO DE MADEIRA OU PEDRA.

A Palavra de Deus nunca ensina o uso de imagens ou relíquias! O Senhor Jesus nunca usou ou possuiu qualquer imagem ou relíquia enquanto esteve sobre a terra. Nunca recomendou o uso de qualquer uma dessas coisas. Nenhuma igreja do Novo Testamento teve qualquer estátua ou relíquia dentro dela.

O Senhor Jesus disse que a adoração que Deus deseja das suas criaturas é uma adoração espiritual, não uma que envolve o uso de símbolos e objetos visíveis. Em João 4.23-24, o Senhor Jesus diz: “Mas a ora vem, e agora é, em que *os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade*”.

Na Bíblia, a única imagem do Deus invisível é o próprio Cristo, de acordo com Colossenses 1.15. Paulo está falando de Cristo aqui: “*O qual é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação*”. Jesus Cristo é a única representação visível do Deus invisível.

Hebreus 11.1 diz: “Ora, *a fé é* o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas *que se não vêem*”. A fé verdadeira não requer representações tangíveis e visíveis. I Pedro 1.8-9 diz, sobre Cristo: “Ao qual, não havendo visto, amais; no qual, não o vendo agora, mas crendo, vos alegrais com gozo inefável e glorioso; alcançando o fim da vossa fé, a salvação das vossas almas”. Imagens materiais visíveis não podem ajudar na adoração espiritual. Como alguém tem dito, as coisas materiais atuam como um não-condutor à adoração!

A Palavra de Deus conta-nos que os adoradores de imagens são pessoas não-regeneradas. Não nasceram de novo. Paulo diz, em Efésios 5.5-6: “Porque bem sabeis isto: *que nenhum* devasso, ou impuro, ou avarento, o qual é *idólatra, tem herança no reino de Cristo e de Deus*. Ninguém vos engane com palavras vãs; *porque por estas coisas* (incluindo a idolatria) *vem a ira de Deus* sobre os filhos da desobediência”.

CONCLUSÃO

Qual Cristo *você* está adorando? O Cristo de concepção artística humana ou o Filho do Deus vivo, revelado pela Palavra de Deus?

Capítulo 9

O CATOLICISMO E A SALVAÇÃO

“Porquanto, não conhecendo a justiça de Deus, e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus” Romanos 10.3

O modo como Deus aceita o pecador é o mais importante de todos os assuntos de qualquer hora e pela eternidade. A questão mais importante neste capítulo é: Como o homem pode ser aceito por Deus? O Catolicismo Romano diz que é por fazer certas obras. A Palavra de Deus diz que é unicamente pela fé. Veremos mais detalhadamente a resposta do Catolicismo para essa questão.

A SALVAÇÃO VEM PELA MANUTENÇÃO DOS SACRAMENTOS

Um sacramento é uma ação ou cerimônia que tem eficácia salvadora. É necessário para salvar ou ajudar a salvar um pecador. O Catolicismo ensina que há sete sacramentos: o batismo, a confirmação, a Santa Eucaristia, a Penitência, a Extrema Unção, as Ordenações Sagradas e o Matrimônio. O *Catecismo da Igreja Católica*, de 1994, diz, acerca da questão #1129: “A Igreja afirma que, para os crentes, são necessários os sacramentos da Nova Aliança para a salvação”.

O Conselho de Trento reuniu-se no século XV e declarou oficialmente as principais doutrinas da Igreja Católica, registrando-as por escrito. Os decretos desse conselho nunca foram repelidos nem renunciados pela Igreja Católica.

Veja-se uma declaração oficial do Conselho de Trento, em seus decretos, sobre os sacramentos, no Cânone IV: “Se alguém diz que os sacramentos ... não são necessários para a salvação, mas, ao contrário, supérfluos, e que, sem eles, os homens obtêm de Deus, por meio exclusivo da fé, a graça da justificação ... seja um anátema (ou literalmente, que a maldição de Deus esteja sobre ele)”. O Cânone VIII diz: “Se alguém diz que pelos sacramentos ... a graça não é conferida pela obra desempenhada, e que unicamente a fé na divina promessa é suficiente para a obtenção da graça: seja um anátema”.

A questão #17 do *Catecismo de Baltimore* diz: “Os sacramentos do batismo e da penitência foram instituídos principalmente para dar graça àqueles que não a possuem”. Em seus decretos sobre o batismo, o Conselho de Trento

afirmou, no Cânone V, que “se alguém diz que o batismo não ... é necessário para a salvação: seja um anátema”.

O Catolicismo ensina que a Ceia do Senhor concede graça às almas. O Cânone V do Conselho de Trento diz: “Se alguém diz ainda que o principal fruto da Santíssima Eucaristia não é a remissão de pecados ou que dela não resultam outros efeitos: seja um anátema”. O Catolicismo ensina, portanto, que uma pessoa pode ser aceita por Deus devido à observação de sacramentos.

A SALVAÇÃO VEM POR FAZER BOAS OBRAS

O Catolicismo diz que a salvação pode ser merecida, recebida ou atingida pelas obras de alguém. O Catolicismo ensina, além disso, que os homens podem, nesta vida, cumprir perfeitamente a lei de Deus. O Conselho de Trento diz, no Cânone XVIII: “Se alguém diz que os mandamentos de Deus são impossíveis de serem cumpridos, mesmo por alguém justificado e constituído na graça: seja um anátema”.

O Catolicismo ensina que as obras dos crentes são um pré-requisito essencial para sua justificação e que têm um caráter de conduzir à salvação. O Cânone XXIV do Conselho de Trento diz: “Se alguém diz que as obras são meramente frutos e sinais da justificação obtida, e não a causa da sua frutificação: seja um anátema”.

O Catolicismo ensina que as boas ações feitas pelos santos, que vão além do necessário para sua própria salvação, podem ser guardadas e usadas por outros. Essas boas ações, como a frequência a igreja, as missas, os rosários, jejuns, o uso de medalhas e crucifixos podem receber méritos passíveis e podem ser guardados para o uso de outras pessoas. Acerca da questão #440, o *Catecismo de Baltimore* diz: “A satisfação superabundante da Abençoada Virgem Maria e dos santos é aquela que ganharam durante seu tempo de vida mas não necessitavam, quais a igreja atribui aos seus membros companheiros da comunhão dos santos”.

Quem é da minha geração se lembrará do famoso Bispo Católico Fulton J. Sheen. Em seu livro *Paz da Alma*, Sheen diz, na página 208: “A Igreja tem um tremendo capital Espiritual ganho pelos séculos de penitência, perseguição e martírio; muitos de seus filhos oraram, sofreram e se tornaram merecedores de muito mais do que necessitavam para sua própria salvação individual”. A Igreja tomou esses méritos superabundantes e os colocou no tesouro espiritual, ao qual os pecadores arrependidos podem recorrer em

tempos de depressão espiritual. O papa pode supostamente dispensar esses méritos extras aos Católicos dependendo de como eles desempenham as obras determinadas pelos padres. Roma chama esses méritos extras de “obras da superrogação”.

O Catolicismo ensina que “os homens podem satisfazer a justiça de Deus através dos seus próprios sofrimentos”, citando a Seção V, capítulo 16, de Trento. O Catolicismo atribui muito da punição pelos pecados dos Católicos sobre o próprio pecador, no purgatório, lugar para onde vão quando morrem e expiam seus próprios pecados, sofrendo no fogo por períodos específicos de tempo. Portanto, o Catolicismo magnifica os méritos das obras dos homens ensinando que a salvação pode ser merecida, ganhada ou atingida como recompensa pelas obras dos homens.

A JUSTIFICAÇÃO É UMA OBRA FEITA NO CRENTE, NÃO PELO CRENTE

O Catolicismo ensina que, na justificação, o homem recebe uma *infusão* ou justiça pelo Espírito Santo e que Deus aceita o crente só por causa da obra que o Espírito Santo faz *nele*. A Seção VI, capítulos 7 e 16, de Trento diz que a justificação vem da *infusão* da justiça de Cristo *no* Cristão a fim de que realmente *torne-se* justificado. O Catolicismo ensina que o homem é justificado por Deus apenas quando o Espírito Santo dá-lhe uma *natureza* justa. O Catolicismo diz que a justiça de *Cristo flui para dentro* do crente especialmente através dos sacramentos.

Nos seus ensinamentos sobre justificação, o Catolicismo mistura e confunde justificação e santificação. O Catolicismo não vê nenhuma distinção entre santificação e justificação, entre operações subjetiva e objetiva de Deus, entre a obra do Espírito Santo *dentro de nós* e a obra do Pai *sobre* nós e *por* nós. *O Catecismo de Baltimore* diz, na questão #112: “Os principais efeitos da graça santificadora são: primeiro, ela faz que ... sejamos agradáveis a Deus ... e ... nos dá direito ao céu”. Biblicamente, entretanto, é a justificação, e não a santificação, que faz que um pecador agradável a Deus e lhe dá direito à vida eterna.

O QUE A PALAVRA DE DEUS DIZ SOBRE A SALVAÇÃO

Como temos visto, a Igreja Católica é construída sobre um sistema de salvação pelas obras, sobre o mérito humano, e não sobre méritos exclusivamente da perfeita e substitutiva morte de Jesus Cristo pelos

pecadores. Portanto, o Romanismo destrói o caráter puramente gracioso da salvação e substitui por um sistema de graça mais obras.

**A PALAVRA DE DEUS DIZ
QUE A SALVAÇÃO NÃO VEM
PELA MANUTENÇÃO DE SACRAMENTOS**

A doutrina bíblica da justificação pela fé pessoal em Jesus Cristo extermina pela raiz todo o sacramentalismo. É um fato que os chamados sacramentos não vêm de Deus. Não são ensinados pela Palavra de Deus. Em nenhum lugar na Palavra de Deus há essas coisas chamadas sacramentos ou é dito que são necessárias para a salvação. São invenções dos homens que têm sido incluídas na Palavra de Deus. Atos 5.29 diz: “Porém, respondendo Pedro e os apóstolos, disseram: Mais importa obedecer a Deus do que aos homens”.

**A PALAVRA DE DEUS DIZ
QUE A SALVAÇÃO NÃO VEM POR FAZER BOAS OBRAS**

Isaias 64.6 conta-nos que Deus pensa sobre todas as nossas obras, quando o profeta diz: “Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças como trapo da imundícia; e todos nós murchamos como a folha, e as nossas iniquidades como um vento nos arrebatam”. Em Lucas 17.10, o Senhor Jesus diz que, depois de fazer aquilo que é nosso dever, devemos, então, confessar que somos servos inúteis, porque fazemos apenas o que é nosso dever. “Assim também vós, quando fizerdes tudo o que vos for mandado, dizei: Somos servos inúteis, porque fizemos somente o que devíamos fazer”.

Repetidamente a Palavra de Deus diz que a salvação vem pela fé e não pelas obras. Romanos 3.28 diz: “Concluimos, pois, que o homem é justificado *pela fé sem as obras da lei*”. Romanos 4.5 diz: “Mas, àquele que não *pratica*, mas *crê* naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada como justiça”.

Em Mateus 7.21-23, o Senhor Jesus diz que nem mesmo muitas obras maravilhosas salvarão o pecador! “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! Entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? E em teu nome não expulsamos demônios? *E em teu nome não fizemos muitas maravilhas? E então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade*”.

Segundo a Palavra de Deus, a justificação é recebida pura e simplesmente mediante a fé. Romanos 1.16 conta-nos que a salvação é para aqueles que crêem. “Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para *salvação de todo aquele que crê*”.

De acordo com o Catolicismo, a salvação pode ser merecida pelo homem. Isso, entretanto, contradiz claramente a doutrina da graça da Palavra de Deus. Pelo próprio significado da palavra graça depreende-se que a graça não pode ser recebida como recompensa. O único significado da palavra é **gratuito**. Romanos 11.6 diz: “Mas se é por graça, já não é pelas obras; de outra maneira, a graça já não é graça. Se, porém, é pelas obras, já não é mais graça; de outra maneira a obra já não é obra”.

Efésios 2.8-9 diz claramente que a salvação não é uma questão de obras, mas graça. “Porque **pela graça** sois salvos, **por meio da fé**; e isto não vem de vós, é dom de Deus. **Não vem das obras**, para que ninguém se glorie”.

O uso de méritos na salvação caracteriza uma salvação somente e simplesmente pelas obras. Segundo a Palavra de Deus, a salvação verdadeira é baseada unicamente nos méritos de Jesus Cristo alcançados em Sua vida justa e pela Sua morte vicária, no lugar dos outros. Quando o homem contribui com alguma obra para sua própria salvação, rouba-se de Deus parte de Sua glória.

O Catolicismo diz que a fé mais as obras resulta em justificação. A Palavra de Deus diz que a fé resulta em justificação e obras. O livro de Tiago deixa claro que a fé viva sempre conduz a boas obras, que a fé produz obras e que, se as obras são inexistentes, então a fé não é genuína. O Catolicismo diz que as obras são necessárias para **ganhar** a salvação. A Palavra de Deus diz que as obras são necessárias **por causa da** salvação.

A PALAVRA DE DEUS ENSINA QUE A JUSTIFICAÇÃO VEM UNICAMENTE PELA FÉ

A justificação é o artigo da fé sobre o qual a Cristandade bíblica se sustenta, caso contrário, cai. Essa doutrina fundamental tem sido o campo de batalha entre Católicos, Batistas e todos os outros Cristãos há muitos séculos e essa batalha mantém-se ainda hoje.

Justificação é um termo legal. É uma transação legal que se localiza completamente fora de nós. Tudo é feito por Deus e nada é feito pelo justificado. A justificação é o oposto da condenação. Nela o pecador é declarado justificado, perdoado e lhe é dado direito ao céu. A justificação é baseada sobre a justiça de Jesus Cristo e não sobre alguma coisa que está no pecador ou que é feita pelo pecador.

O pecador culpado necessita de duas coisas: remover a culpa dos seus pecados e uma perfeita justificação, na qual podem se apresentar diante de Deus. Os pecadores que crêem recebem ambas essas coisas na justificação.

Um aspecto essencial da justificação bíblica é a questão da imputação. Imputar alguma coisa significa creditar algo em favor de uma pessoa ou considerar algo pertencente a uma pessoa. A justificação envolve a não imputação do pecado e a imputação da justiça a uma pessoa. Na justificação, os pecados de uma pessoa não são mais imputados a ela e a ela atribuídos, mas, ao mesmo tempo, a justiça de Jesus Cristo é imputada ou creditada em seu favor.

O Catolicismo diz que a justificação é um ato pelo qual um homem é *feito* justo, enquanto que a Palavra de Deus diz que a justificação é um ato de Deus pelo qual o crente é *declarado* e *computado* como justo. A Palavra de Deus rejeita o ensinamento de que um pecador é *feito* justo ou que ele *alcança* sua salvação por meio de suas próprias obras.

A santificação é o processo pelo qual os crentes são feitos participantes da santidade de Deus. O autor e produtor da santificação é Deus o Santo Espírito. A santificação é iniciada com a regeneração e continua até ser, no futuro, consumada na glorificação do corpo dos crentes, isto é, na vinda de Cristo. A justificação e a santificação não são a mesma coisa. A justificação e a santificação devem ser distinguidas uma da outra se uma ou ambas forem adequadamente entendidas. A Palavra de Deus ensina que a justificação é a imputação ou atribuição da justiça de Cristo *ao* crente, não a infusão da justiça de Cristo *no* crente.

Veja em Romanos 3.21-22 a importância das preposições *para* e *sobre*. “Mas agora se manifestou sem a lei a justiça de Deus, tendo o testemunho da lei e dos profetas; isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo *para* todos e *sobre* todos os que crêem”.

Paulo, no livro de Romanos, expõe publicamente uma verdade evangélica segundo a qual o pecador não é justificado por uma justificação *infusiva*, mas por uma justificação *imputada*, encontrada inteiramente fora de nós e a nós creditada.

Segundo a Palavra de Deus, um crente não é justificado pelo que Deus tem trabalhado *nele*, mas pelo que Cristo fez *por* ele. A obra de Cristo por nós foi feita inteiramente fora e independentemente de nós. Cristo viveu uma vida perfeita *por* nós e morreu *por* nossos pecados.

A Palavra de Deus diz que a justificação é uma obra de Cristo *por* nós, ao passo que a santificação é uma obra do Espírito Santo *em* nós. Na justificação, Deus imputa a justiça de Cristo. Na santificação, Deus Espírito infunde a graça e capacita o crente a fazer boas obras. Na justificação, o pecado é perdoado, enquanto que, na santificação, o pecado é subjugado. A

justificação é um ato feito uma única vez, sendo que a santificação é um processo contínuo. O evangelho é as boas novas do que Deus fez *por* nós através da vida e morte de Cristo.

Pessoas verdadeiramente justificadas não olham para dentro delas mesmas para encontrar a certeza de que Deus aceitou-as. Olham para fora delas, para a perfeita justificação de Cristo, com a esperança de serem aceitas por Deus. Deus aceita os pecadores e os declara justos quando aceitamos seu dom pela fé. A justificação pela fé é um dos principais pensamentos do livro de Romanos e dos escritos de Paulo.

João 3.18 é um versículo importante, pois diz que os pecadores são justificados pela fé. “Quem crê nele não é condenado; mas quem não crê já está condenado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus”.

A fé é o meio pelo qual se recebe a justificação de Deus. A fé em si não faz parte de nossa justificação. A fé não é a *causadora* da justificação. Pelo contrário, é *Deus* o causador da justificação.

A fé, enquanto nosso ato ou obra, não é o que nos justifica, porque seríamos então justificados por obras, por algo que fazemos, algo de nós mesmos. A fé não tem nenhum mérito em si para que pudesse merecer a justificação por nós. Ela é efetiva apenas como instrumento, apenas se apóia sobre Cristo e Sua justiça. Algumas pessoas dizem que não se tem um pobre merecedor de comida quando ele a toma da mão de um doador e não se tem um pecador merecedor da salvação quando ele a recebe como dádiva de Jesus Cristo.

Segundo a Palavra de Deus, a justificação vem unicamente pela fé. Sola Fide é como esse fato se descreve em Latim. O Catolicismo diz que a justificação vem pela fé *mais as obras*. A Palavra de Deus diz que a justificação vem *unicamente pela fé*. O Catolicismo diz que a justificação vem por Cristo *e* pelo pecador. A Palavra de Deus diz que ela vem *unicamente por Cristo*.

O Conselho de Trento condenou a doutrina Sola Fide, ou unicamente pela graça, dizendo que é como “a crença indolente dos heréticos”. Trento também disse isso sobre a justificação se dar unicamente pela fé na seção 6, Cânone IX: “Se alguém diz que o ímpio é justificado unicamente pela fé, querendo dizer, desse modo, que nada mais se requer como cooperação a fim de obter a graça da justificação e que isso não é necessário de forma alguma, estando ele preparado e disposto para o movimento de sua própria vontade, seja um anátema”.

Ao contrário, a Palavra de Deus diz, em Gálatas 2.16, que não somos justificados pelas obras, mas pela fé. “Sabendo que o homem *não é*

justificado pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo, temos também crido em Jesus Cristo, para sermos *justificados pela fé em Cristo, e não pelas obras da lei; porquanto pelas obras da lei nenhuma carne será justificada*". A justificação é recebida unicamente pela fé. Romanos 4.6 diz que "Deus imputa a justiça sem as obras".

Mais uma citação do Conselho de Trento. Essa está na seção VI, Cânone 12. "Se alguém diz que a fé justificadora é nada mais do que a confiança na divina misericórdia que redime o pecado através da salvação que vem de Cristo, ou que essa confiança é o *único* meio pelo qual somos justificados, *seja um anátema*".

O fato de a justificação vir unicamente pela fé tem uma importância crucial para a salvação de um pecador, e até alguns Católicos compreendem isso. O escritor Católico Philip Hughes, em seu livro *Uma História Popular da Igreja Católica*, diz, na página 176, que, se somente a fé salva, "toda a estrutura tradicional [do Catolicismo] é vazia e desnecessária, como a Missa, os sacramentos, o sacrificante sacerdócio, o ensino da hierarquia, as práticas da penitência, o asceticismo, o hábito de autoprivação, rezas. Essas coisas são um estorvo, um enorme engano, um terrível sistema de mentiras que, portanto, deve ser varrido e destruído por completo".

CONCLUSÃO

É seguramente significativo que o livro de Romanos, que tem muito a dizer sobre a justificação pela fé sem obras, tenha sido escrito para a igreja da cidade que mais tarde tornou-se o centro da religião Católica! É como se Romanos tivesse sido planejado como um permanente protesto de Deus contra os erros do Catolicismo.

Meus amigos, a escolha é um ou outro. Ou você crê no Evangelho e recebe, pela fé, o dom gratuito de Deus que é a salvação ou crê nas tradições da Igreja Católica de que a salvação deve ser recebida como recompensa a boas obras.

A simplicidade das escrituras está em completo contraste com a complexa resposta de Roma para a questão: O que devo fazer para ser salvo? A Palavra de Deus responde a essa questão em Atos 16.31. "**Crê** no Senhor Jesus Cristo e serás salvo!".

Capítulo 10

O CATOLICISMO, A IGREJA E O ESTADO

“Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, pelejariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui” João 18.36

Um dos motivos pelos quais os Católicos têm odiado os Batistas durante a maior parte dos 1500 anos de existência do Catolicismo é a objeção dos Batistas ao estabelecimento do Catolicismo como religião do Estado onde quer que o Catolicismo domine. O Catolicismo sempre creu e ensinou que a Igreja Católica encabeçada pelo papa poderia controlar os governos civis das nações desta terra.

DECLARAÇÕES OFICIAIS DE CRENÇAS CATÓLICAS CONCERNENTES A RELAÇÃO DA IGREJA COM O ESTADO

O Catolicismo ensina que neste mundo o papa reina tanto na igreja como no estado, que tanto o poder espiritual quanto temporal residem no papa e que o papa deveria estar sobre a igreja e o estado. O Catolicismo ensina que o estado deveria estar sujeito à Igreja Católica e que o papa deveria ser supremo sobre todos os governos civis.

No século XIII, o Papa Inocêncio III disse, em duas cartas, “O Senhor deu a Pedro o governo sobre não apenas a igreja universal como também sobre o mundo inteiro” e “Nenhum rei pode de fato reinar a não ser que sirva devotadamente o vicário de Cristo (o papa)”. Os decretos do Conselho de Trento são as mais autoritárias de todas as declarações das crenças Católicas, e dizem o seguinte sobre o papa: “Ele tem todo poder sobre a terra ... todo poder temporal é seu; o domínio, a jurisdição e o governo de toda a terra são seus por direito divino. Todos os governos da terra são seus súditos e devem submeter-se a ele”.

A Igreja Católica não acredita em liberdade religiosa para não-católicos. O mundo nunca deveria esquecer que o Papa Inocêncio III anulou e aniquilou a Magna Carta. Além disso, denunciou vigorosamente aqueles que forçaram o Rei João a assiná-la. Em 1832 o Papa Gregório XVI disse, em sua encíclica *Mirari Vos*: “Dessa fonte de indiferentismo flui a doutrina absurda e errônea ... que reivindica e defende a Liberdade de consciência para todos ... disso vem ... a pior praga de todas, a que mais deve ser temida pelo Estado, nomeadamente, a liberdade irrestrita de opinião e a liberdade de expressão”.

Em 1885, o Papa Leôncio XIII disse, em seu *Libertos Praeantissimum*: “Daquilo que foi dito, segue que não há meio legal para requerer, defender ou garantir liberdade incondicional de pensamento, fala, escrita ou religião como se estivessem entre os muitos direitos que a natureza humana deve ao homem”. Tal afirmação papal nunca será repelida, porque a Igreja, para fazer isso, teria que contradizer a doutrina Católica da infalibilidade papal.

Em 1939 George B. O’Toole, professor de Filosofia da Universidade Católica da América, disse, na *Ilusão Liberal*: “É claro então que nenhum Católico pode positivamente e incondicionalmente aprovar a política de separação da igreja do estado. Mas, dado um país como os Estados Unidos, onde abundam denominações religiosas e a população é em grande parte não-católica, é claro que a política de tratar todas as religiões igualmente torna-se, entre outras coisas, uma prática necessária, a única forma de evitar ficar num beco sem saída. Diante dessa circunstância, a separação entre a Igreja e o Estado deve ser aceita, não exatamente como a solução ideal, mas como *modus vivendi*”.

O Cardeal Gibbons, na página 226 de seu livro *A Fé de Nossos Pais*, diz: “A liberdade religiosa poderia ser tolerada quando sua repressão pudesse causar mais dano ao estado ou a comunidade.” A *Revista de Informação Oficial dos Jesuítas de Roma*, publicada em abril de 1948, diz: “A Igreja Católica Romana, convicta de suas prerrogativas divinas de ser a única igreja verdadeira, deve requerer o direito de liberdade para si exclusivamente porque tal direito poderia ser possuído apenas pela verdade, nunca pelo erro ... num estado em que a maior parte das pessoas é Católica, a igreja requererá que a existência legal do erro seja evitada e, se realmente existirem minorias religiosas, não passarão de uma existência, sem o direito de espalhar suas crenças”.

EXEMPLOS HISTÓRICOS DE PRÁTICAS CATÓLICAS

CONCERNENTES À RELAÇÃO DA IGREJA COM O ESTADO

Em 313 d. C. o politicamente astuto e pragmático Imperador Romano Constantino tornou o Cristianismo a religião do Império Romano e passou a apoiá-lo com o governo civil. Em pouco tempo alguns bispos Cristãos ambiciosos começaram a usar o governo civil para dominar todos os Cristãos que não concordassem com eles. Utilizando o governo civil, esses bispos passaram a fazer, pela força, que todos se conformassem ao seu tipo de Cristianismo. Aqueles que não se submetessem eram chamados de Novacianos, Donatistas, Paterinos, Valdenses e Anabatistas. Augustino acreditava, propagava e defendida a união da igreja ao estado feita por

Constantino, para que, quando o Catolicismo viesse a existir, em aproximadamente 600 d. C., adotasse a visão de Constantino e de Augustino.

A invenção do batismo infantil desempenha um importante papel, unindo a igreja ao estado em práticas Católicas. O batismo infantil é inseparável dessa união da igreja ao estado. É um fato que é sobre esse grande princípio que se baseia a união da igreja ao estado.

Nações inteiras são mantidas como nações Católicas, porque o Catolicismo requer que todas as crianças nascidas nessas nações sejam batizadas na Igreja Católica. Se somente pessoas regeneradas, que se arrependem de seus pecados e confiam em Jesus Cristo para a salvação fossem admitidas nas igrejas, nunca haveria uma igreja do estado em lugar algum.

Na história há incontáveis exemplos bem conhecidos de como o Catolicismo tem usado a união da igreja ao estado para seus propósitos. Em 1076 d. C., o Papa Gregório VII forçou o Rei Henrique IV da Alemanha e da Itália a deixar seu ofício de Rei por não aceitar o governo do papa sobre ele. Excomungou-o e disse aos seus súditos que não honrassem seus juramentos a ele, proibindo-lhes de obedecer-lhe como seu rei. Henrique tentou desesperadamente manter seu reinado, estando disposto a fazer o que pudesse para isso. O papa obrigou o Rei Henrique a permanecer esperando sem chapéu e descalço na neve por três dias até que recebesse o perdão e fosse restabelecido seu trono. Como humilhação maior, o papa obrigou Henrique a beijar seus pés e mendigar seu perdão.

Desde sempre o Catolicismo tem usado os exércitos das nações para conquistar reinos e espalhar a religião Católica. Todas as cruzadas foram inspiradas pelos papas que ordenavam aos reis e imperadores que as conduzissem. O principal argumento usado pelo Catolicismo para tentar justificar as cruzadas e a terrível matança de judeus e muçulmanos foi que os Cristãos devem tomar de volta o santo sepulcro de nosso Senhor dos infiéis, em Jerusalém!

Modernamente o Catolicismo trabalha para fazer que as nações da terra reconheçam sua autoridade sobre o governo civil, fazendo que mandem embaixadores para o Vaticano e, da mesma forma, recebam embaixadores do Vaticano. Era política dos Estados Unidos, nos governos dos Presidentes Roosevelt e Truman, indicar embaixadores e cônsules Católicos Romanos para representar os Estados Unidos em países da América Latina. Truman indicou um embaixador dos Estados Unidos para o Vaticano, mas o Senado indeferiu o plano. O Presidente Reagan finalmente conseguiu indicar um embaixador para o Vaticano, o que foi confirmado pelo Senado.

Apontar um embaixador para o Vaticano é uma negação total de nossa crença americana de separação entre a igreja e o estado. Mandar tal embaixador é reconhecer o Vaticano e a Igreja Católica Romana como uma entidade política tanto quanto religiosa. Essa prática não-bíblica e não-americana é confusa e rompe com a separação básica entre a igreja e o estado. Tal política apresenta a Igreja Católica como favorita sobre outras. Isso insulta as igrejas não-católicas e é uma reminiscência dos tempos medievais.

Há quatro conseqüências muito sérias resultantes da união da igreja ao estado, onde quer que ela ocorra na história:

1. A união da igreja ao estado resulta muito mais no uso da força do que do amor de divulgar o Cristianismo. Quando a igreja e o estado se unem sob as ordens do papa, usa-se muito mais a coerção do que a persuasão para fazer que as pessoas se conformem às doutrinas da igreja. O Catolicismo avança e isso se deve a ajuda do governo civil, o que significa forçar as pessoas, contra suas convicções, a aceitar as crenças e as práticas da religião Católica.

2. Outro resultado da união da igreja ao estado é que esse sistema de doutrinas falsas torna-se uma ofensa contra o estado e também contra a Igreja. A doutrina falsa torna-se um crime que deve ser punido pelo governo pelo fato de o governo estar unido à Igreja e influir nas suas decisões. Há séculos o Catolicismo tem usado o Estado para parar o ensino da Palavra de Deus por aqueles que estão fora da Igreja Católica.

3. Um terceiro resultado da união da Igreja ao Estado é a penalidade mortal para quem não se conforma aos ensinamentos do Catolicismo. O Catolicismo decretou que aqueles que concordam que a Igreja encontre seu próprio caminho sem os benefícios da cooperação do Estado deveria ser punido com a morte. Em 1558, o Papa Paulo IV disse, em sua bula papal *Cum Ex Apostalatus Officio*: “O Papa, como representante de Deus, tem todo o poder sobre as nações e reinos; julga a todos e não pode ser julgado por ninguém neste mundo. Todos os príncipes e monarcas, assim que caem em heresia, são depostos e decorre a *sentença de morte*”. Há séculos a Igreja Católica Romana tem convocado o governo civil para executar incomensuráveis milhões de Batistas e outros que não tenham concordado com eles e não se conformaram aos seus ensinamentos, desejando unicamente seguir a Cristo em santidade e obediência.

4. A união da Igreja Católica ao Estado também torna a Igreja um órgão político e seculariza-a. O papa e o Catolicismo reinam sobre os reinos

terrenos. A história do papado tem sido muito mais a história de uma instituição política do que de uma instituição espiritual.

O Vaticano é um Estado com governo civil próprio. Tem uma bandeira, selos postais, força policial, tribunais, moedas de ouro e prata e emite passaporte aos cidadãos. O Vaticano tem seu próprio corpo diplomático, com um Secretário de Estado e embaixadores chamados núncios. A Igreja Católica Romana é uma organização política que estabelece relações internacionais com outras comunidades políticas. Já dividiu países, continentes e oceanos e, como temos visto, humilha reis e guerreia contra nações.

O ENSINAMENTO DA PALAVRA DE DEUS CONCERNENTE À IGREJA E O ESTADO

A Palavra de Deus apresenta um ponto de vista totalmente diferente do Catolicismo Romano acerca da relação entre a Igreja e o Estado. A Palavra de Deus ensina que o reino de Cristo neste mundo é um reino espiritual.

Vejamos agora João 18.36: “Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, pelejariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui”. Nesse versículo, respondendo a Pilatos, que o havia perguntado se era o rei dos judeus, o Senhor Jesus explica qual é o caráter do reino sobre o qual preside neste mundo. Explica a Pilatos que não fez nenhuma reivindicação a nenhuma autoridade civil deste mundo. Evita qualquer reivindicação à autoridade civil deste mundo.

É importante notar aqui que o Senhor não diz: “Meu reino não está *neste* mundo”. Diz mais do que isso, “Meu reino não é *deste* mundo”. Os seguidores de Cristo não são *deste* mundo mas estão ainda *neste* mundo. O apontamento do Senhor nessa afirmação é de que ele não está procurando estabelecer um reino terreno.

A afirmação do Senhor (“Meu reino não é deste mundo”) é uma antítese direta aos ensinamentos e práticas da Igreja Católica Romana. Segundo nosso Senhor, nesse texto, seus servos não lutam em guerras e cruzadas para vir ao seu reino e cumprir sua vontade na terra. “O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, *pelejariam os meus servos*, para que eu não fosse entregue aos judeus”. Os reinos do mundo são propagados e mantidos pelos armamentos do mundo, pela força. O reino de Cristo é propagado e mantido por princípios celestiais. Meus servos pelejarão! Resistirão a minha detenção e usarão da força para resgatar-me se meu

reino fosse um reino terreno, disse o Senhor. Meu reino não será conquistado pela luta, terror e força de exércitos! O Senhor Jesus Cristo nunca empregou a força para divulgar seu reino neste mundo como *faz* o Catolicismo! Quando o Senhor Jesus foi tomado pelos amotinados e Pedro puxou a espada para defendê-lo, disse a Pedro, em João 18.11: “Ponha tua espada na bainha”.

O Novo Testamento ensina os Cristãos a abandonar completamente o uso de armas carnais para alcançar Suas finalidades espirituais. II Coríntios 10.4-5 diz: “*Porque as armas da nossa milícia não são carnais*, mas sim poderosas em Deus para destruição das fortalezas; destruindo os conselhos, e toda a altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo o entendimento a obediência de Cristo”.

Os verdadeiros servos de Cristo não lutarão para promover Seu reino nem pedirão por leis políticas para lutar por eles. O Evangelho de Jesus Cristo proíbe estritamente ao uso do governo civil ou secular para o avanço da causa de Cristo neste mundo.

O Novo Testamento conta-nos que o reino de Cristo conquista pela escolha, não pela força. A religião do Novo Testamento é de cunho voluntário. Requer-se uma mente pronta para uma intenção do adorador para atos religiosos e uma adoração que agrada a Deus.

O poder do governo não consegue mudar os corações dos homens em proporção alguma. Apenas Deus tem esse tipo de poder. A coerção legal, política, militar e policial não tem força para impedir que as almas concordem com as doutrinas e as leis de Cristo. O reino de Cristo é sustentado muito mais pelo amor e pela disciplina do que pela força. As igrejas do Novo Testamento *nunca* se apoiaram no governo secular para manter a fé verdadeira nem pela lei ou pela força nem punindo dissensores com a morte!

O Estado não tem o direito de punir dissensores religiosos. O governo não é responsável por proteger a igreja de falsas igrejas. A igreja protege a si mesma através da sua vigilância constante, pregando o verdadeiro evangelho e expondo as Escrituras.

A igreja protege-se daqueles que dentro dela não querem ser governados pela verdade excluindo-os dentre os seguidores. Os Cristãos não usam a espada que é do mundo e temporal. Usam a disciplina da igreja como é ensinada no Novo Testamento. Os Cristãos do Novo Testamento *nunca* recorreram à força a fim de impor sua disciplina. A dimensão do poder da igreja sobre um membro que está errado permite sua exclusão dentre os membros, como

ensina a Palavra de Deus em Romanos 16.17, Mateus 18.15-17 e II Tessalonicenses 3.6, 14-15.

O Senhor Jesus Cristo, a Grande Cabeça da igreja, ensinou sobre a separação entre a igreja e o estado, e não fez nenhum esforço para relacionar Seu reino e suas igrejas ao governo civil. O Senhor Jesus Cristo nunca instituiu o papado, nunca lhe deu controle espiritual ou temporal sobre as nações e nunca sequer sugeriu que seu povo se sujeitasse a ele.

De acordo com o Novo Testamento, a jurisdição do estado é puramente secular e civil. Questões religiosas estão fora de seu domínio! A igreja nunca deve voltar-se ao Estado para resolver obras que são dela. Nunca deve usar o Estado para guerrear, divulgar suas crenças ou punir aqueles que discordam ou se recusam submeter a igreja.

A Palavra de Deus ensina sobre a completa liberdade da igreja em relação ao controle do Estado. Uma igreja do Novo Testamento é uma igreja independente do Estado. Uma igreja do Novo Testamento não pode estar aliada à nação ou ao governo e, ao mesmo tempo, manter-se uma igreja espiritual! As igrejas de Jesus Cristo são independentes, auto-governáveis, auto-sustentáveis e auto-geradoras de seu corpo.

Por muito tempo questionei-me e preocupei-me pelo fato de que séculos atrás muitos Anabatistas da Europa recusaram-se a servir ao exército, fazer juramentos e possuir cargos políticos. Estudando a história Batista descobri que a razão para aqueles Anabatistas se recusarem a fazer tais coisas deve-se à união da Igreja Católica ao governo civil quando eles viveram. Essa aliança pecaminosa entre a Igreja e o governo civil puniu e perseguiu Anabatistas e tantos outros devido à audácia que esses tiveram de discordar da Igreja Católica e não fazer juramentos, não servir o exército e não possuir cargos políticos, o que seria o mesmo que cooperar com a religião do Estado e participar dela.

CONCLUSÃO

Grandes danos têm sido cometidos a causa de Cristo neste mundo como resultado da união da igreja ao estado sob o regimento do Catolicismo! A ligação não-cristã entre a igreja e o estado tem produzido mais danos a causa de Cristo do que todos os ataques dos evolucionistas, humanistas e ateístas combinados. A boa reputação do verdadeiro Cristianismo continua a sofrer mundo afora, especialmente entre os Islâmicos e os Judeus, por causa dos esforços do Catolicismo para controlar o Estado e eliminar aqueles que não se submetem a ele. As práticas do Catolicismo no passado e seus ensinamentos no presente poderiam levar as pessoas, em todas as nações, a

uma vigilância constante, com receio de que outra vez seja tomada nossa liberdade.

A julgar pelas afirmações de Roma, considerando seus quinze séculos, concluimos que sua atitude é: Você deve pensar o que pensamos e nunca por você mesmo! Os Batistas, por outro lado, acreditam e insistem na liberdade para todos.

A liberdade religiosa é o direito que todo indivíduo da raça humana tem de pensar, examinar, decidir e escolher por si próprio, em todos os assuntos, entre sua consciência e Deus! Toda pessoa tem o direito de crer ou não, de ser um Islâmico, Judeu, Batista ou Católico! Os Batistas ensinam com a Palavra de Deus que nenhuma pessoa deve ser prejudicada por seguir a Palavra de Deus se entende isso!

Os liberais e os Católicos de hoje sempre falam de *tolerância religiosa* como sendo uma das virtudes pelas quais eles toleram. Mas a tolerância implica desaprovação moderada com restrição caridosa! Tolerância significa permitir alguma coisa que não é totalmente aprovada. Isso pressupõe que aquele que tolera tem poder para garantir ou limitar a liberdade daquele que é tolerado no âmbito da religião. Essa é a essência do Catolicismo Romano! A liberdade religiosa não reconhece em nenhuma organização humana o direito ou poder de tolerar. A tolerância é uma concessão. A liberdade é um direito!

Capítulo 11

O CATOLICISMO E A PERSEGUIÇÃO

“E vi que a mulher estava embriagada do sangue dos santos, e do sangue das testemunhas de Jesus. E, vendo-a eu, maravilhei-me com grande admiração.” Apocalipse 17.6

O Catolicismo Romano sempre reivindica ter civilizado e cristianizado os povos das nações onde tem dominado. Os Católicos adoram dar ênfase às maravilhosas ações de caridade feitas em nome da Igreja Católica.

Entretanto, quando os Católicos falam sobre as bondades que estão fazendo, é preciso perguntar sobre as coisas ruins que fizeram no passado, perseguindo aqueles que não concordavam com eles. A história da Igreja Católica tem sido um grande horror há mil e quinhentos anos por causa disso. O Catolicismo determinou à morte as pessoas por causa das opiniões religiosas que essas pessoas possuíam! Precisamos alertar e instruir gerações futuras sobre os maus feitos do Catolicismo no passado de tal forma que esses feitos horrendos nunca sejam esquecidos.

A perseguição religiosa tem uma fortificação lógica, resultante da união da Igreja Católica ao Estado nas nações em que o catolicismo é a maioria. O Catolicismo Romano sempre pensou, ensinou e praticou que aqueles que discordam deles devem ser silenciados!

Na página 766, volume XIV, da *Enciclopédia Católica*, lemos: “A Igreja verdadeira (querem dizer a Igreja Católica) não pode tolerar nenhuma igreja estranha a ela”. O décimo quarto artigo do decreto do Papa Pio IV, que é uma forma abreviada dos decretos do Conselho de Trento, é citado na página 768 do volume XIV da *Enciclopédia da Católica*, afirma que “os heréticos não devem ser só excomungados como também justamente executados”. A espada, a tocha e a roda têm sido os instrumentos da Igreja Católica há séculos na evangelização e disciplina.

EXEMPLOS DA HISTÓRIA

A perseguição Católica daqueles que discordam deles vem desde o começo do papado, em aproximadamente 600 d. C.. Pedro de Bruys foi queimado vivo pela Igreja Católica, na França, em 1126, por acreditar que a igreja deveria ser composta apenas de pessoas regeneradas, por ensinar que as pessoas não deveriam ser batizadas até que viessem a usar a razão e por negar que a Ceia do Senhor é um sacramento.

Em 1177, o Papa Alexandre III determinou o extermínio de um povo chamado Valdenses. No começo do século XIII o Papa Inocêncio III ordenou uma larga cruzada contra os Albigenses porque rejeitaram o batismo infantil e a regeneração batismal. Os Albigenses eram Valdenses que tinham tomado seu nome de Albi, uma cidade do sul da França que foi o centro de suas influências. Durante a cruzada do Papa Inocêncio III contra os Albigenses, um exército de vinte e quatro mil soldados atacou Beziers, França, e mataram sessenta mil homens, mulheres e crianças. Segundo o livro de Thomas Armitage, *História dos Batistas*, muitos Albigenses morreram congelados, jogados de penhascos ou colocados em cavernas e feitas fogueiras nas suas entradas, sufocando suas vítimas com a fumaça. Alguns foram enforcados, afogados, serrados, desentranhados, tiveram seus membros esticados na roda, perfurados e crucificados de cabeça para baixo. O livro de Mártires de Foxe conta sobre uma instância em que quatrocentas mães que haviam se escondido na Caverna de Castelluzzo foram asfixiadas pela fumaça com seus filhos nos braços. O Catolicismo executou pelo menos um milhão de Albigenses na Europa, no século XIII, segundo Davi Benedito, na página 29 de seu *História Geral da Denominação Batista*.

Outro exemplo histórico de perseguição religiosa empreendida pelos Católicos é a Inquisição. A Inquisição foi o programa e encargo oficial da Igreja Católica responsável por encontrar, arrancar e punir todos os heréticos e outros culpados de discordar da doutrina Católica. O Papa Gregório IX estabeleceu a Inquisição em 1233. a Igreja Católica usou as autoridades civis para penalizar, aprisionar, torturar e confiscar propriedades e executar heréticos. As pessoas que discordassem da Igreja Católica eram tratadas pela Inquisição mais severamente do que se fossem assassinos. A Inquisição torturava e executava as pessoas acusadas de cometer crimes hediondos tais como recusar-se a oferecer orações pelos mortos, recusar-se a assistir missas, ensinar que apenas os crentes deveriam ser batizados e recusar-se a acreditar no purgatório depois da morte.

João Huss foi queimado vivo em 6 de julho de 1415 por ousar criticar a imoralidade e corrupção do papa, dos cardeais e dos sacerdotes, entre outros, da Igreja Católica. A Igreja Católica queimou William Tyndale vivo em 1536 pelo crime de traduzir a Bíblia para o Inglês.

Em 22 de agosto de 1572 ocorreu o que veio a ser chamado o Dia do Massacre de São Bartolomeu. Nesse dia os Católicos massacraram trinta e cinco mil não-Católicos chamados Uguenotes, na França. Era tão grande o ódio que os Católicos nutriam pelos Uguenotes que, quando notícias do

massacre chegaram à cidade de Roma, tocaram os sinos das igrejas e dançaram nas ruas.

Ao falar da Inquisição, podemos dizer que o holocausto de Hitler, ao matar seis milhões de Judeus, foi quase insignificante perto desse. Segundo Thomas Armitage, em sua *História Sobre os Batistas*, quinze milhões de pessoas foram cruelmente martirizadas pela Igreja Católica Romana durante a Idade Média. Armitage vai em frente e estima, na página 295, de seu livro, que desde este tempo o Catolicismo já derramou sangue o bastante para encher um rio de três metros de largura, três metros de profundidade e quarenta quilômetros de comprimento.

O Santo Ofício da Inquisição, como foi chamado, existe até hoje, mas seu nome foi mudado para Congregação para a Doutrina da Fé. É encabeçado atualmente pelo Cardeal José Ratzinger.

As cruzadas foram guerras santas inspiradas e conduzidas pela Igreja Católica. Os Seljuks islâmicos turcos tomaram a cidade de Jerusalém no ano 1071. As cruzadas foram expedições militares organizadas e promovidas pela Igreja Católica com o propósito expresso de tomar a Terra Santa e o sepulcro de Cristo das mãos dos turcos maometanos. As cruzadas duraram de 1096 a 1296 e envolveram tropas montadas na Itália, França, Inglaterra, Alemanha e Espanha.

Cruzada vem da palavra cruz. Tratava-se de soldados da cruz de Cristo e cada um usava uma cruz vermelha de pano costurada na sua manga e sobre seu peito. Literalmente a palavra cruzada significa usar uma cruz. A Igreja Católica deu a essa campanha militar o nome de cruzadas a fim de satisfazer suas ambições e conquistas na Idade Média. Muitos historiadores acreditam que houve nove cruzadas incluindo a mais difamada Cruzada de Crianças, em 1212.

O Papa Urbano II foi quem iniciou a primeira cruzada para a Terra Santa. Para promover essa cruzada, Urbano convenceu a nação de que era um insulto ao Cristianismo a Terra Santa e especialmente o santo sepulcro estarem nas mãos dos infiéis turcos. Urbano convocou todos os Cristãos a ir para a Terra Santa e resgatar a tumba de Cristo dos infiéis. Prometeu que todos os que morressem nessa cruzada iriam diretamente para o céu. Aproximadamente um milhão de Católicos responderam ao chamado de Urbano e tomaram parte na primeira cruzada.

Quando os exércitos Católicos da primeira cruzada conquistaram Jerusalém, executaram ambas as populações judaica e islâmica da cidade. O historiador H. G. Wells descreve a captura de Jerusalém na primeira cruzada assim: “A

matança foi terrível; o sangue dos conquistados escorria ruas abaixo, até os homens manchavam-se de sangue conforme passavam. Quando a noite caía, soluçando pelo excesso de satisfação, os soldados marchavam da matança até o Sepulcro e juntavam suas mãos sujas de sangue para orar”. Durante todo o tempo das cruzadas a Igreja Católica ordenou que judeus e sarracenos (como chamavam os inimigos islâmicos) usassem uma roupa distintiva para assegurar que todos soubessem quem eles eram.

Os Albigeneses e os Valdenses mantiveram-se contra a primeira cruzada e escreveram contra ela. O resultado de sua posição foi o Papa Inocêncio III ordenar uma cruzada que se mantivesse contra eles.

Roma é impiedosa na perseguição àqueles que têm procurado manter a verdadeira fé de Jesus Cristo e, em toda essa perseguição, a mortandade se faz em nome de Cristo! O *Livro de Mártires* de Foxe conta como os Batistas e tantos outros que discordavam de Roma levaram tiros, punhaladas, apedrejamentos, facadas, foram enterrados vivos, assados em espetos ou fornos, jogados em fornalhas e milhares de outras atrocidades.

Não é de se admirar que na Confissão de Fé da Filadélfia, de 1742, nossos antepassados Batistas tenham dito que “o papa de Roma ... é o anticristo, o homem do pecado e o filho da perdição, que exalta a si mesmo na igreja contra Cristo e tudo aquilo que se chama Deus”?

EXEMPLOS MODERNOS

A perseguição religiosa empreendida pelos Católicos Romanos não se extinguiu com o advento da Reforma Protestante nos séculos XV e XVI. Ela continua a existir modernamente, porém, com menos amplitude, ainda presentes diariamente em alguns lugares.

Recentemente, em 1959, a Confederação Evangélica da Colômbia, na América do Sul, reportou 700 casos de violência cometidos por Católicos contra Cristãos não-Católicos. Os prédios de quarenta e nove igrejas foram parcial ou totalmente destruídos e trinta e quatro outros foram confiscados. Na maior parte dos casos, a massa opositora foi conduzido pessoalmente ou individualmente pelos sacerdotes Católicos locais. Membros de oitenta e nove igrejas não-Católicas foram assassinados durante o período que se liga a esses eventos. Quando um sacerdote conduzia uma massa opositora contra a Primeira Igreja Batista, atacada em 22 de dezembro de 1951, o Embaixador dos Estados Unidos, que estava em frente o vão da porta do prédio da igreja, foi atingido na cabeça com um pedaço de tijolo. Em 1951, quarenta igrejas não-Católicas foram fechadas pelo governo Colombiano que era dominado pela Igreja do Estado, isto é, o Catolicismo Romano.

Recentemente, quando Justice e eu visitamos a cidade de Catanduva, no Brasil, encontramos uma senhora que é membro de um grupo com o qual o missionário Calvin Gardner trabalha. Essa senhora foi uma freira Católica e tem servido o Senhor gloriosamente. Seu nome é Gilda Brandi Curtu. Tiramos uma fotografia dela. Contou ao irmão Gardner como viu e participou da queima de Bíblias em duas grandes fogueiras acendidas por sacerdotes Católicos na cidade de Catanduva.

A revista *Reportagens do Mundo Cristão*, de outubro de 1993, disse que membros da Igreja Batista de São Nicolau de Guadalupe, perto da Cidade do México, foram atacados em 27 de junho de 1993 por um grupo irado de quatrocentos Católicos gritando “Não queremos religiões evangélicas em nossa cidade!”. Dezenas de homens, mulheres e crianças foram injuriados pelas pedras jogadas pelo povo, a casa de adoração foi queimada e os carros dos adoradores foram destruídos. Um oficial da Igreja Católica, Bráulio Martinez, levou o povo armado com pedras e porretes para dentro da propriedade onde a igreja se encontrava e alegou que era apoiado pelo sacerdote “Padre João”, como o chamou.

Em 1998 alguns homens da Igreja Batista Sherwood, da cidade de Oklahoma, foram a uma viagem missionária com o missionário Danny Roten em uma vila montanhosa perto da Posa Rica, no México, distribuir panfletos e testemunhar às pessoas. Certo dia, no fim da noite e primeiras horas da manhã, o som de um caminhão começou a circular ao redor do vilarejo dizendo às pessoas para não ouvir os evangélicos e para rasgar sua literatura. O chefe da polícia chegou à casa onde esses homens estavam ficando e disse-lhes que o melhor era deixar a cidade porque lá não estavam seguros.

No último ano alguns homens de nossa própria igreja experimentaram um pouco do sabor da perseguição Católica no México. Enquanto distribuíamos panfletos religiosos de porta em porta num vilarejo na montanha, fomos apedrejados por algumas mulheres Católicas iradas que gritavam que deveríamos sair porque estávamos lá para enganar as pessoas com mentiras.

A PALAVRA DE DEUS

E A PERSEGUIÇÃO CATÓLICA

Apocalipse 17. 6 diz: “E vi que a mulher estava embriagada do sangue dos santos, e do sangue das testemunhas de Jesus. E, vendo-a eu, maravilhei-me com grande admiração”. A identidade dessa mulher, cujo aparecimento no Apocalipse é futuro, não pode ser nunca separada da história da Igreja Católica Romana. Acredita-se amplamente entre os Cristãos conservadores

que essa mulher representa o surgimento de uma igreja mundial que será dominada pelo Catolicismo Romano e seu papa.

O verso 4 de Apocalipse diz que essa mulher estava vestida de escarlata. “*E a mulher estava vestida de púrpura e de escarlata*, e adornada com ouro, e pedras preciosas e pérolas; e tinha na sua mão um cálice de ouro cheio das abominações e da imundícia da sua prostituição”. A escarlata é a cor distintiva dessa grande prostituta, como João a chama em Apocalipse 17.1. A cor principal do Catolicismo é a escarlata. Os cardeais vestem escarlata. Os mantos do papa são escarlata. O quarto verso desse capítulo fala da prosperidade e riquezas dessa mulher e a Igreja Católica é certamente caracterizada por tal riqueza. Suas abominações e a imundice da fornicção expressam a idolatria e a imoralidade que têm caracterizado o Catolicismo há séculos.

No verso 6 essa mulher é mostrada como estando bêbada com sangue. É um espetáculo vergonhoso ver uma mulher bêbada! Mas vê-la bêbada com sangue é uma coisa chocante! No Velho Testamento dizer que um rei ou país ficava bêbado com sangue era algo comum quando causavam muitas mortes.

Jeremias 46.10 é um exemplo. “Porque este dia é o dia do Senhor DEUS dos Exércitos, dia de vingança para ele se vingar dos seus adversários; e a espada devorará, e fartar-se-á, e embriagar-se-á com o sangue deles; porque o Senhor DEUS dos Exércitos tem um sacrifício na terra do norte, junto ao rio Eufrates”.

Ainda pior, essa mulher não só estava bêbada com sangue dos homens como também com sangue dos santos e dos mártires de Jesus! O povo de Deus, os verdadeiros adoradores, os eleitos de Deus, aqueles por quem Cristo morreu e quem o Espírito santificou. Essa mulher, bêbada com sangue dos santos, expressa a sede de sangue do Catolicismo. Essa mulher perseguiu, torturou e martirizou de tal forma os verdadeiros santos que nosso texto diz que ela está *bêbada* com o sangue deles. A Igreja Católica tem manchado suas vestes com sangue de milhões de pessoas que permaneceram no evangelho de Jesus Cristo e a pureza da sua doutrina.

João ficou maravilhado quando viu essa mulher de escarlata. Ele ficou surpreendido e espantado ao tê-la em vista. “Maravilhei-me com grande admiração”, disse João, em nosso texto. Ele ficou surpreso com o vestido dela, que era rico, enquanto que a maior parte dos verdadeiros crentes dos dias de João era de pessoas pobres que vestiam roupas simples. Ele ficou surpreso com o fato de que ela representava uma igreja e tivesse atingido tal proporção de grandeza e poder porque as igrejas dos dias de João eram

pequenas e insignificantes aos olhos deste mundo. João ficou chocado e surpreso com o nome que estava na testa dessa mulher. Mais do que tudo João ficou chocado com a embriaguez dessa mulher com sangue dos santos, isto é, com sua desumanidade e total crueldade.

Quando olhamos para a história horrenda do Catolicismo, de tortura e matança dos Batistas e de tantos outros que discordaram deles, estremecemos também e nos enchemos de horror e espanto! O Catolicismo tem um passado repugnante! As perseguições, a Inquisição, as cruzadas e as perseguições modernas são uma mácula permanente de vergonha sobre a Igreja Católica!

De tempos em tempos o Catolicismo tenta justificar suas perseguições dizendo que essas coisas podem ser omitidas porque foram feitas numa época mais remota e menos esclarecida. Mas essa desculpa não cola! Durante todo o tempo em que Roma fez perseguições, alegou que seus papas eram infalivelmente corretos. Mas se o papa é infalível em questões de fé e prática como requer o Catolicismo, então os papas que ordenaram a Inquisição e as cruzadas eram infalíveis ao fazer isso?

O Catolicismo Romano não possui o conceito da compaixão do espírito de Cristo. Quando os discípulos de nosso Senhor quiseram destruir os descrentes pedindo que viesse fogo do céu sobre eles, o Senhor disse-lhes, em Lucas 9. 55-56 o que certamente se aplica à perseguidora Igreja Católica. “Voltando-se, porém, repreendeu-os, e disse: Vós não sabeis de que espírito sois. Porque o Filho do homem *não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las*”.

Leia-se a manchete do jornal de Santo Antônio (Texas), *Notícia Expressa*, de 13 de março de 2000: “João Paulo desculpa-se pelos erros da Igreja”. A mídia tem feito muito dessa apologia, mas uma olhada mais atenta revela que é muito vaga e não menciona instâncias ou episódios específicos de perseguições praticadas pelos Católicos. Não se faz menção aos muitos milhões de atrocidades cometidas pela Igreja Católica contra os Batistas no passado e até nos dias atuais.

É possível consertar crimes do passado sem sequer mencioná-los? E como pode uma igreja que reivindica que seus papas são infalíveis condenar as ações passadas desses papas? Alguém pode se desculpar em alguma proporção, detalhamento ou com alguma sinceridade e ainda considerar corretos assassinos os inescrupulosos daqueles que queriam apenas seguir a Cristo de acordo com sua própria consciência?

Capítulo 12

O CATOLICISMO E O ECUMENISMO

“E levou-me em espírito a um deserto, e vi uma mulher assentada sobre uma besta de cor de escarlata, que estava cheia de nomes de blasfêmia, e tinha sete cabeças e dez chifres. E a mulher estava vestida de púrpura e de escarlata, e adornada com ouro, e pedras preciosas e pérolas; e tinha na sua mão um cálice de ouro cheio das abominações e da imundícia da sua prostituição; e na sua testa estava escrito o nome: Mistério, a grande Babilônia, a mãe das prostituições e abominações da terra. E a mulher que viste é a grande cidade que reina sobre os reis da terra”. Apocalipse 17.3-5, 18

A MULHER DE ESCARLATA DE APOCALIPSE 17

Essa mulher de escarlata representa a imensa igreja mundial liderada pelo Catolicismo que ascenderá nos fins dos tempos. A verdadeira igreja de Jesus Cristo é às vezes representada na Palavra de Deus como sendo uma mulher. Essa igreja falsa também o é.

Conforme este décimo sétimo capítulo de Apocalipse, todos os religiosos desse mundo, exceto aqueles que têm a verdadeira fé de Jesus Cristo, unir-se-ão à imensa igreja mundial no fim dos tempos. Haverá uma união de todos os movimentos religiosos da terra e o domínio do Catolicismo sobre essa igreja mundial pode ser entendido em Apocalipse 17.

Segundo o verso 18, essa mulher vista assentada sobre a besta escarlata é uma grande cidade. “E a mulher que viste é a grande cidade que reina sobre os reis da terra”. Roma era obviamente a cidade que reinava sobre a terra quando foi proferido o livro de Apocalipse. O versículo 9 diz que essa mulher assenta-se sobre sete montanhas e é lendário o fato de que Roma assenta-se sobre sete montes.

Púrpura e escarlata são as cores usadas para descrever essa mulher e são também as cores proeminentes nas roupas usadas pelos papas e pelos cardeais da Igreja Católica. O cálice de ouro visto na mão da mulher de escarlata expressa o esplendor da adoração do Catolicismo Romano, que tem atraído muitos para suas garras. Pode referir-se também ao cálice de ouro no qual o Catolicismo diz aparecer o verdadeiro sangue de Cristo na missa. As cores, o cálice e a riqueza aqui apontados expressam a tentação mundana de Roma que apela às mentes sensuais e mundanas.

Como vimos no capítulo anterior, o verso 6 diz que essa mulher está bêbada com o sangue dos mártires de Jesus, o que expressa a perseguição de Roma e a matança indiscriminada daqueles que têm desafiado discordar dela.

O verso 4 menciona que muitas práticas abomináveis ou idólatras e moralmente imundas têm caracterizado o Catolicismo pelos séculos. No verso 1 essa mulher de escarlata é chamada de “a grande prostituta”. Uma prostituta, num sentido espiritual, é alguém que se entrega à idolatria. O Velho Testamento refere-se à idolatria como uma prática de adultério espiritual. Ezequiel 23.37 refere-se à idolatria de Jerusalém quando diz “E com os seus ídolos adulteraram”.

O verso 2 diz que essa mulher foi uma prostituta dos reis da terra e que os intoxicou com o vinho da sua prostituição. “Com a qual se prostituíram os reis da terra; os que habitam na terra se embebedaram com o vinho da sua prostituição”. Essa mulher tem influenciado e controlado os reis desta terra na Europa, na América Central e na América do Sul há aproximadamente 1500 anos. O grande poder dessa mulher de escarlata no fim dos tempos pode ser visto no fato de que ela cavalga sobre o lombo da besta que Apocalipse 13 identifica como sendo o Anticristo e seu revivido Império Romano. O fato de cavalgar sobre o lombo dessa besta indica que, por algum tempo, ela controlará os governos civis deste mundo como já ocorreu no passado.

Os eventos estão rapidamente se movimentando em direção à formação dessa imensa igreja mundial. O movimento determinado em direção a uma igreja mundial começou em 1919 com certos seminários e grupos de estudo, vindo a ser conhecido como Movimento Ecumênico. *Ecumênico* significa ‘todo o mundo habitado’. Esse termo é freqüentemente usado para descrever vários movimentos em direção a uma unidade dos Cristãos na Cristandade. O objetivo básico do Movimento Ecumênico é a união de todos os grupos religiosos sob o domínio e governo de Roma.

Em 1948 foi formado o Conselho Mundial das Igrejas que começou a trabalhar abertamente com o objetivo de chegar a uma igreja mundial. Nessa época o bispo Ivan Lee Holt, um antigo Presidente do Conselho Federal de Igrejas dos Estados Unidos, profetizou a igreja mundial da seguinte forma: “Primeiro as igrejas protestantes devem unir-se, então a Igreja Protestante poderia unir-se à Igreja Católica Grega e à Igreja Católica Romana e desenvolver um plano para uma Igreja Mundial”. Na formação do Conselho Mundial de Igrejas, em 1948, o bispo G. Bromley introduziu oficialmente um projeto para um Conselho Mundial e disse que os objetivos eram “formar

a Santa Igreja Católica que todos os Cristãos podem seguir”. Desde 1948 muitos dos líderes das maiores denominações dos Estados Unidos têm trabalhado pela união das igrejas e, mais do que isso, têm obtido sucesso. O progresso da união das igrejas tem ganhado força nos últimos vinte e cinco anos.

EXEMPLOS DE TENDÊNCIAS ECUMÊNICAS HOJE

A posição oficial da Igreja Católica Romana é de que todas as igrejas deveriam estar unidas em uma Igreja única e que essa Igreja é a Igreja Católica Romana. O Segundo Conselho do Vaticano, ou o Vaticano, publicou aquilo que chamou Decreto sobre o Ecumenismo, do qual cito uma parte aqui. No documento #42, cujo título é Reflexões e Sugestões Concernentes ao Diálogo Ecumênico, o princípio fundamental é lutar pela união dos Católicos com os não-Católicos e afirma-se que o seu propósito é “pouco a pouco, assim que os obstáculos à perfeita comunhão eclesial sejam superados, todos os Cristãos unam-se em uma mesma celebração da Eucaristia (Missa) na unidade de uma única Igreja ... Acreditamos que essa unidade reside na Igreja Católica como algo que ela nunca pode perder”.

Na página 150 do *Catecismo Católico Romano para Adultos*, de Joseph Alberione, o assunto são Protestantes que os Católicos agora chamam de “nossa irmandade separada”. “É somente através da Igreja Católica de Cristo que abarca ‘todos os meios da salvação’ que eles podem beneficiar-se completamente dos meios da salvação. Acreditamos que nosso Senhor confiou todas as bênçãos do Novo Pacto apenas ao colégio apostólico, do qual Pedro é a cabeça, a fim de estabelecer o único corpo de Cristo sobre a terra ao qual deveriam estar totalmente incorporados todos os que pertencem de alguma forma ao Povo de Deus”.

Na página 145 do mesmo catecismo afirma-se que “o Espírito incita em todos os discípulos de Cristo o desejo de estar pacificamente unido, da maneira como Cristo determinou, como um rebanho sob a orientação de um pastor e Ele os incita a procurar esse fim. A Mãe Igreja (a Igreja Católica) nunca cessa de orar, esperar e trabalhar para que isso aconteça”.

O clamor da Igreja Católica Romana em todos os diálogos e organizações ecumênicas dos quais participa não é para que haja uma posição de compromisso satisfatória para todos os grupos. Ao contrário, é para que todos *retornem* a Roma, *retornar* é a palavra-chave. Apesar de todas as reivindicações vigorosas e das conversas em alto tom que estão sendo feitas por Roma hoje, o fato é que Roma não moveu um palmo sequer de suas

reivindicações básicas e todo o movimento ecumênico existente caminha em direção a ela!

Até o momento presente há um forte e crescente desejo de união entre os Protestantes a fim de retornar a Roma, apesar da grave doutrina não-bíblica do Catolicismo. O primeiro exemplo que citaremos de movimento em direção a uma igreja ecumênica hoje é algo chamado *Evangélicos e Católicos Unidos*. Na primavera de 1994 um grupo de líderes Evangélicos e Católicos assinou um documento chamado *Evangélicos e Católicos Unidos*. Esse documento assevera que há uma única Igreja e que, portanto, todos os Cristãos devem trabalhar unidos na evangelização do mundo por Cristo e que todos devem concordar que não haverá nenhum roubo de rebanho ou proselitismo dos membros para deixar uma igreja e filiar-se a outra.

A grande doutrina bíblica da justificação é *Sola Fide* ou justificação *unicamente* pela fé. A Palavra de Deus ensina claramente, e sem dúvida nenhuma, a salvação pela graça, **unicamente** através da fé **somente** em Cristo. Há uma palavra-chave deixada de fora da declaração dos Evangélicos e Católicos Unidos concernente à justificação e essa palavra é *unicamente*. Essa palavra é essencial para a doutrina bíblica da justificação. A Igreja Católica Romana, entretanto, não aceita a doutrina da justificação *unicamente* pela fé.

A declaração dos Evangélicos e Católicos Unidos chama os Católicos de “irmãos e irmãs em Cristo” e concorda em não evangelizar Católicos. Entre os líderes religiosos proeminentes que assinaram esse documento incluem-se Chuck Colson da Prisão Fellowship, J.I. Packer, bastante conhecido como teólogo e escritor, Bill Bright, fundador do Cruzada do Campus por Cristo, Timothy George, cabeça da Southern Baptist Theological Seminary na Universidade de Samford e líder do movimento de Fundadores Batistas do Sul dos Estados Unidos, Richard Land, cabeça da Comissão de Ética e de Liberdade Religiosa da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, Pat Robertson, Max Lucado e Os Guinness. Richard Land e J.I. Packer mais tarde retiraram suas assinaturas quando se levantou uma tempestade de controvérsias sobre o documento mas, mesmo depois de retirar sua assinatura, Packer disse que “a intenção e direção dos Evangélicos e Católicos Unidos estava correta”.

Um segundo movimento, visando uma única igreja mundial hoje, é a Declaração de Juntura Luterana-Católico Romana sobre a doutrina da justificação. Trata-se de uma declaração oficial redigida por representantes da Igreja Católica Romana e da Federação Luterana Mundial da qual a Igreja

Luterana nos Estados Unidos faz parte. Essa declaração foi assinada por esses representantes dia 31 de outubro de 1999 como uma afirmação da junção de confissão. Essa Declaração de Junção afirma que “existe um consenso acerca da verdade básica da doutrina da justificação entre Luteranos e Católicos”.

Segundo o Catolicismo, uma pessoa deve realmente *ser feita justa* para que Deus a aceite. A Declaração de Junção diz, no parágrafo 22, que “a justificação é o perdão dos pecados e **o ser feito justo** de tal forma que Deus ‘concede o dom da vida nova em Cristo’”. Entretanto, em **lugar nenhum** da Palavra de Deus a justificação, de fato, significa *ser feito justo*. A justiça envolvida na justificação só pode ser comunicada ao pecador que crê através de *imputação*. O Catolicismo ensina que Deus justifica-nos quando tornamo-nos justos em nós mesmos.

A Palavra de Deus, no entanto, ensina que somos aceitos como justificados diante de Deus apenas por causa da justificação de Cristo *imputada* a nós ou *creditada a nosso favor* quando cremos no Evangelho. Quando um pecador crê no Evangelho, toda a perfeita obediência de Cristo à lei de Deus e todo Seu sofrimento e morte pelo pecado é creditado em favor desse crente. Essa justificação de Cristo não é colocada no crente mas é dada a ele e vestida sobre ele. É como Paulo disse em Romanos 3.22: “Isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo *para* todos e *sobre* todos os que crêem”. Pelo fato da justiça de Cristo ser revestida sobre o pecador que crê, quando Deus olha para esse pecador, vê Cristo, cuja justiça cobre o pecado das pessoas da visão de Deus.

A Declaração de Junção nunca menciona a justiça imputada! **Mas**, a Declaração de Junção diz, no parágrafo 28: “Confessamos unidos que, *no batismo*, o Espírito Santo une alguém a Cristo, *justifica* e verdadeiramente renova a pessoa”.

Nenhuma das afirmações da Declaração de Junção referentes à justificação é contrária àquilo que o Catolicismo ensina. Os decretos de Trento do Conselho Católico Romano foram reafirmados tanto pelo Vaticano I quanto pelo Vaticano II, que são os conselhos mais recentes da Igreja Católica Romana.

Veja-se o que dois desses decretos dizem sobre a justificação. O Cânone 9 da sexta sessão diz: “Se alguém diz que o pecador é justificado *unicamente* pela fé, querendo dizer, desse modo, que nada mais se requer como cooperação a fim de obter a graça da justificação ... seja um *anátema*”. Anátema significa amaldiçoado e condenado. O cânone 4 da sétima sessão

diz: “Se alguém diz que os sacramentos (da Igreja) ... não são necessários para a salvação, mas ... que, sem eles ... os homens obtêm de Deus, por meio exclusivo da fé, a graça da justificação ... seja um anátema”. O cardeal Edward Cassidy, Presidente do Conselho Pontífice do Vaticano para a Promoção da Unidade Cristã assinou a Declaração de Juntura e disse a esse respeito: “Não há nada nela que o Conselho de Trento condena”. Portanto, na Declaração de Juntura não foram os Católicos que desistiram de suas crenças!

Há ainda alguns indivíduos, organizações e movimentos que exercem influência na volta a Roma. O primeiro indivíduo que queremos destacar é Billy Graham. Tempos atrás, por volta de 1963, Billy Graham trabalhou com Católicos em seu empenho de evangelização. Um artigo do *New York Times* sobre a cruzada de Billy Graham em São Paulo, Brasil, datada de 25 de outubro de 1963 disse: “O evangelista recordou que durante uma cruzada recente de Graham em São Paulo, Brasil, os Bispos Católicos Romanos permaneceram ao seu lado e abençoavam os convertidos que vinham ao seu encontro”. Um artigo do *Los Angeles Herald Examiner* datado de 8 de outubro de 1964 disse: “Richard Cardinal Cushing, Arcebispo Católico de Boston, fez um apelo quarta-feira para que a juventude Católica para que os estudantes do colégio tomassem parte na cruzada do Reverendo Billy Graham em Boston Garden, acrescentando ... “sou 100% a favor do evangelista” e disse, “um Católico não pode fazer outra coisa para se tornar um Católico melhor senão ouvindo o Reverendo Graham””. Numa longa entrevista com James Michael Beam, numa edição de janeiro de 1978, da revista *McCalls*, Graham disse: “Tenho descoberto que minhas crenças são essencialmente as mesmas dos Católicos Romanos Ortodoxos ... apenas diferimos em algumas questões relativas às tradições mais modernas da igreja”.

Em 31 de maio de 1997, numa entrevista na TV com Robert Schüller, Billy Graham comentou sobre a morte do Cardeal Católico Fulton J. Sheen e disse: “Perdi um verdadeiro amigo e desde essa data todo o relacionamento entre mim e o meu trabalho, você e o seu trabalho, e a Igreja Católica Romana mudou. Abriram seus braços para nos receber e temos o apoio da Igreja Católica quase que em todos os lugares em que vou”. O panfleto de Wilson Ervin *A Assimilação do Evangelista Billy Graham pela Igreja Católica Romana* cita Graham dizendo que as atitudes e as decisões do papa “são baseadas em sua grande vida espiritual particular ... Ele baseia seu trabalho, mensagens e visão em princípios bíblicos”.

Consideremos duas das muitas organizações que são ecumênicas em propósito ou tendência, ou ainda em ambos. Uma é a organização de homens Cristãos Mantenedores da Promessa. O tema da organização de Mantenedores da Promessa de 1996 foi “Derrubar as Muralhas” que quer dizer as muralhas denominais que dividem os Cristãos dos Cristãos. A única verdade que importa, dizem eles, é que uma pessoa pode dizer que ama a Jesus! Qual é a muralha que nos separa como Batistas que crêem na Bíblia dos Católicos Romanos? É a muralha da **doutrina bíblica** que separa o povo de Deus do comprometimento e do falso ensinamento! Os Mantenedores da Promessa são cooperadores no movimento em direção a uma igreja mundial ajudando a quebrar as muralhas entre a verdade e o erro.

Os dois movimentos que estão contribuindo talvez mais do que tudo para a construção de uma imensa igreja mundial são as ***cruzadas evangelísticas*** e o ***movimento carismático*** ou Pentecostalismo. O povo de hoje frequentemente pergunta: Mas não podemos nos unir a outras denominações para fazer evangelismo?

Os Católicos Romanos nem sequer acreditam naquilo que acreditamos sobre a salvação, portanto como podemos cooperar com eles no evangelismo? Para onde irão os convertidos de tal evangelismo quando são salvos? Bíblica e conscientemente podemos dizer-lhes para ir à igreja de sua própria escolha, sendo que há tantas igrejas que estão mergulhadas no erro?

Na verdade, o conceito de cruzada evangelística interdenominacional não é bíblico, porque, segundo a Palavra de Deus, o evangelismo é uma obra da igreja local. A Grande Comissão que o Senhor Jesus deu às igrejas locais é o mandamento para qualquer evangelismo que é fazer discípulos, batizar e ensinar. Quando os participantes do evangelismo interdenominacional discordam acerca da verdadeira maneira da salvação, não podem ***fazer*** discípulos. As cruzadas de evangelismo não ***batizam*** seus discípulos e não ensinam esses discípulos a observar todas as coisas que Jesus Cristo mandou por causa da existência temporária das cruzadas, usualmente não mais do que uma noite ou uma semana, quando muito!

O outro movimento do Cristianismo moderno que tem apoiado grandemente o progresso do ECUMENISMO é o ***movimento carismático*** ou o que é mais precisamente chamado de Pentecostalismo. O Pentecostalismo tem se espalhado através das maiores denominações desde aproximadamente 1965. O ato de falar em línguas já pode ser encontrado entre Metodistas, Episcopais, Luteranos, Presbiterianos e Batistas da Convenção do Sul nos Estados Unidos. Igrejas liberais que nem sequer acreditam na inspiração das

Escrituras ou na ressurreição corporal de Jesus Cristo já falam em línguas. Mesmo o Catolicismo tem entrado no movimento carismático! Em 1972 a Igreja Católica Romana começou a realizar uma Conferência Anual sobre a Renovação Carismática no Campus da Universidade de Notre Dame e milhares de Católicos têm atendido essa conferência. O Pentecostalismo é um movimento unificador que tem juntado igrejas e denominações que outra coisa não pôde se unir.

OS BATISTAS DEVEM TRILHAR

ESSE CAMINHO ECUMÊNICO EM DIREÇÃO A ROMA?

Os Batistas têm mantido historicamente uma forte resistência contra qualquer envolvimento no Movimento Ecumênico em si e em atividades ecumênicas de qualquer natureza. Por que? Por que os Batistas não se juntam ao Movimento Ecumênico? Por que não nos unimos a igrejas de outras denominações?

Os Batistas não podem unir-se a Roma por pelo menos nove razões:

1. Nunca poderemos nos unir a Roma porque o *Catolicismo Romano coloca a autoridade da tradição da igreja acima da Palavra de Deus*, nós nos apoiamos unicamente na Palavra de Deus para todas as questões de fé e prática. As tradições do Catolicismo não significam nada para nós. “O que dizem as Escrituras ?” é o fator determinante para nós!

2. Os Batistas nunca poderão unir-se a Roma *porque o Catolicismo ensina que a justificação se dá pelas obras*, a Palavra de Deus diz que é unicamente pela fé mais nada, como comprova Efésios 2.8-9.

3. Os Batistas nunca poderão unir-se a Roma *porque o Catolicismo ensina que o papa é infalível*, acreditamos que a Bíblia é a única autoridade em qualquer questão de fé e prática.

4. Os Batistas nunca poderão unir-se a Roma porque *a esperança do Catolicismo para a salvação está na transubstanciação*. Acreditam que na Missa o pão e o vinho são de fato transformados no corpo e no sangue de Cristo toda vez que a Missa é oferecida e que comer essa “carne de Cristo” é ser salvo. A Palavra de Deus diz que a Ceia do Senhor é apenas uma ordenança simbólica que não possui eficácia salvadora.

5. Os Batistas nunca poderão unir-se a Roma *porque o Catolicismo pratica o batismo infantil*, a Palavra de Deus ensina o batismo dos crentes.

6. Os Batistas nunca podem unir-se a Roma *porque o Catolicismo ensina a regeneração batismal*, a Palavra de Deus diz que é o Espírito de Deus que regenera um pecador morto.

7. Os Batistas nunca poderão unir-se a Roma *porque o Catolicismo diz que a aspersão é o batismo*, a Palavra de Deus diz que a imersão é o batismo. Se deixássemos as bases sobre o batismo não poderíamos ser Batistas!

8. Os Batistas nunca poderão unir-se a Roma *porque o Catolicismo ensina que Maria é Co-Mediadora com Cristo*, a Palavra de Deus diz que há um único mediador entre Deus e os homens, o homem Jesus Cristo. É absolutamente impossível ter união espiritual com aqueles cujas crenças básicas são fundamentalmente opostas aos ensinamentos da Palavra de Deus!

9. Além do mais, os Batistas não podem unir-se a Roma porque, em primeiro lugar, os Batistas nunca fizeram parte de Roma! Os Batistas não são Protestantes! Os Batistas já existiram sob muitos e variados nomes desde o tempo de Cristo! Não é difícil para os Protestantes jogar tudo para o alto e juntar-se ao Movimento Ecumênico porque são filhos da Igreja Católica de alguma forma e isso seria simplesmente um retorno a sua Mãe. Muitos Protestantes também consideram o batismo e a Ceia do Senhor como sendo sacramentos ou como tendo eficácia salvadora, um conceito que é o coração e o âmago da teologia Católica Romana.

Nós Batistas não podemos, não vamos e não devemos nos submeter ou comprometer nossos princípios bíblicos nesses casos, coisa que teríamos que fazer se fossemos nos unir ao Movimento Ecumênico. Flertar com a mulher de escarlata do ECUMENISMO é perigoso e o alerta da Palavra de Deus em Provérbios 7.21-27 para os jovens evitarem a mulher imoral certamente aplica-se ao relacionamento das igrejas verdadeiras com a imensa igreja mundial encabeçada por Roma. “Agora pois, filhos, dai-me ouvidos, e estai atentos às palavras da minha boca. Não se desvie para os caminhos dela o teu coração, e não te deixes perder nas suas veredas. Porque a muitos feridos derrubou; e são muitíssimos os que por causa dela foram mortos. A sua casa é caminho do inferno que desce para as câmaras da morte”.

Capítulo 13

NOSSA RESPOSTA AO CATOLICISMO

“Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema. Assim, como já vo-lo dissemos, agora de novo também vo-lo digo. Se alguém vos anunciar outro evangelho além do que já recebestes, seja anátema” Gálatas 1. 8-9

De forma alguma eu poderia dar conta de todo o sistema de doutrinas Católico Romanas num breve volume como este, por isso procurei dar conta das doutrinas principais ensinadas pela Igreja Católica. Nestas páginas documentei cuidadosamente cada declaração de crenças Católicas, citando autoridades Católicas.

A primeira coisa que quero fazer neste capítulo conclusivo é dar uma visão geral do que aprendemos sobre o Catolicismo até aqui. Para facilitar esse trabalho, quero rever como o Catolicismo Romano vê em específico dez doutrinas.

COMO O CATOLICISMO VÊ

A PALAVRA DE DEUS

É um princípio muito importante para o sistema Católico Romano. A Igreja Católica reivindica três fontes de autoridade: 1) a Igreja; 2) as tradições da Igreja e 3) as Escrituras. O Conselho de Trento declarou que as tradições da igreja têm a mesma autoridade que a Palavra de Deus. Para o Catolicismo, as tradições da igreja, na verdade, suplantam a Palavra de Deus, porque a tradição se faz intérprete da Palavra de Deus. Ao invés de submeter-se à Palavra de Deus, a Igreja Católica subjugou-a.

Segundo John Gerstner, em seu livro *Um livro elementar sobre o Catolicismo Romano*, há dois erros que são inerentes e fundamentais ao sistema Católico Romano: a negação da autoridade suprema da Palavra de Deus e a divinização da autoridade humana.

As Escrituras, por outro lado, ensinam que a Palavra de Deus é a única regra de fé e ordem. Vejamos alguns claros exemplos. Isaías 8.20 diz: “À lei e ao testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles”. Em II Timóteo 3.16-17, o apóstolo Paulo diz: “Toda a *Escritura* é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja *perfeito*

(espiritualmente completo ou maduro), e *perfeitamente instruído* (completamente equipado) para *toda* a boa obra”. A Palavra de Deus é suficiente, diz Paulo. Não é necessário mais nada para dar continuidade à obra de Cristo neste mundo. “O que dizem as escrituras?” é a questão que o povo de Deus faz em relação a qualquer doutrina ou prática! Qual é a base da *tua* fé e prática? É a Palavra de Deus ou a palavra da Igreja Católica?

COMO O CATOLICISMO VÊ

A IGREJA

A Igreja Católica é de natureza universal e local enquanto que uma igreja Neo-testamentária é local e visível. O Catolicismo diz que Pedro é a Pedra sobre a qual a Igreja é fundada, enquanto que o Novo Testamento diz que o próprio Cristo é a pedra. O Catolicismo diz que o Papa é a cabeça da Igreja, enquanto que o Novo Testamento diz que Cristo é o Cabeça da igreja. A Igreja Católica Romana não é uma igreja bíblica porque suas doutrinas e práticas centrais são baseadas mais propriamente na tradição do que unicamente sobre o “Assim diz o Senhor”. Além disso, uma igreja Neo-testamentária verdadeira possui uma única regra de fé e ordem, que é a Palavra de Deus escrita.

COMO O CATOLICISMO VÊ

O ESPÍRITO SANTO

O Catolicismo ensina que o Papa, em Roma, é o “Vicário (ou representante pessoal) de Cristo na Terra”, mas o Senhor Jesus, em João 16.13-15, diz que o Espírito Santo é Seu representante pessoal sobre a terra. “Mas, quando vier *aquele Espírito de verdade*, Ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará de Si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há de vir. *Ele Me glorificará, porque há de receber do que é meu, e vo-lo há de anunciar*. Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso vos disse que *há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar*”. O ofício do Papa não é sequer mencionado na Palavra de Deus. É um fato que a palavra Papa significa papa ou pai, mas o Senhor Jesus diz, em Mateus 23.9: “E a ninguém na terra chameis vosso pai, porque um só é o vosso Pai, o qual está nos céus”.

COMO O CATOLICISMO VÊ

MARIA

O Catolicismo ensina que Maria, os santos e as imagens e relíquias devem ser venerados ou adorados. A Palavra de Deus diz, em Mateus 4.10, que apenas a Trindade de Deus deve ser adorada. “Ao Senhor teu Deus adorarás,

e só a Ele servirás”. O Catolicismo ensina que Maria não foi uma pecadora por causa da chamada “imaculada concepção” na sua mãe, mas a Palavra de Deus diz, em Lucas 1.47, que Maria foi sim uma pecadora, que reconheceu que ela própria necessitava de um Salvador. Maria diz, em sua canção de louvor, ao saber que o Senhor Jesus poderia nascer através dela: “E o meu espírito se alegra em Deus *meu Salvador*”.

COMO O CATOLICISMO VÊ O BATISMO

A Igreja Católica diz que o batismo deve se dar pela aspersão das crianças que não podem crer no Evangelho. A Palavra de Deus diz que o batismo deve se dar pela imersão e apenas dos crentes. Todos os casos de batismo no Novo Testamento envolveram um crente adulto. Todos os casos de batismo no Novo Testamento envolveram claramente o mergulho do sujeito em água.

Um exemplo claro e clássico é o batismo do Eunuco etíope, em Atos 8.36-39. “E, indo eles caminhando, chegaram ao pé de alguma água, e *disse o eunuco*: Eis aqui água; *que impede que eu seja batizado?* E disse Felipe: *É lícito, se crês de todo o coração*. E, *respondendo ele, disse: Creio* que Jesus Cristo é o Filho de Deus. E mandou parar o carro, e *desceram ambos à água*, tanto Felipe como o eunuco, e *o batizou*. E, *quando saíram da água*, o Espírito do Senhor arrebatou a Felipe, e não o viu mais o eunuco; e, jubiloso, continuou o seu caminho”. A palavra batismo, no Novo Testamento, significa, sempre significou e só pode significar mergulho, mergulhar ou imergir. O simbolismo do batismo, enterro e ressurreição, requer mergulho, imersão na água e emersão da água.

COMO O CATOLICISMO VÊ A CEIA DO SENHOR

O Catolicismo chama a celebração da Ceia do Senhor de Missa e ensina que, na Missa, o pão e o vinho são verdadeiramente transformados no corpo e no sangue de Jesus Cristo. Além disso, dizem que o sacrifício de Jesus Cristo é de fato oferecido a cada vez que uma Missa é celebrada.

O Novo Testamento ensina, por outro lado, que a Ceia do Senhor é uma ordenança da igreja, cujo objetivo é simbolizar e memorar a morte de Cristo até que Ele volte. I Coríntios 11.24-26 diz: “E tendo dado graças, *o partiu e disse*: Tomai, comei; *isto é* (ou isto representa) *o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim*. Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: *Este cálice é* (ou isto representa) *o novo testamento no meu sangue; fazei isto*, todas as vezes que beberdes, *em*

memória de mim. Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice anunciais a morte do Senhor, até que venha”.

Repetidas vezes o Novo Testamento, no livro de Hebreus, afirma que o sacrifício de Jesus Cristo na cruz foi um único sacrifício que nunca mais se repetirá. Dois exemplos são Hebreus 7.27 a Hebreus 10.10-12. Hebreus 7.27 fala sobre Cristo ou o Sumo Sacerdote. “Que *não necessitasse*, como os sumos sacerdotes, de oferecer *cada dia sacrifícios, primeiramente por seus próprios* pecados, e depois pelos do povo; porque isto fez Ele, *uma vez*, oferecendo-se a Si mesmo”. Hebreus 10.10-12: “Na qual vontade temos sido santificados *pela oblação do corpo de Jesus Cristo, feita uma vez*. E assim todo o sacerdote aparece *cada dia*, ministrando e *oferecendo muitas vezes os mesmos sacrifícios*, que nunca podem tirar os pecados; mas Este, *havendo oferecido para sempre um único sacrifício pelos pecados*, está assentado à destra de Deus”.

COMO O CATOLICISMO VÊ O SEGUNDO MANDAMENTO

O segundo mandamento de Deus está em Êxodo 20.4-5. “Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás”.

O Catolicismo venera e adora imagens de Maria e dos santos tanto quanto as relíquias. O *Catecismo de Baltimore* deixa de fora o segundo mandamento na sua exposição oficial dos dez mandamentos de Deus.

Não importa o quanto o Catolicismo tente explicar sua atitude, venerar imagens e relíquias é uma violação ao segundo mandamento de Deus e, portanto, é idolatria. A Palavra de Deus diz, no segundo mandamento, *Não farás, Não te encurvarás e Não servirás* imagens de escultura”! A Palavra de Deus diz ao povo de Deus, em I Coríntios 10.14: “Portanto, meus amados, *fugi da idolatria*”. Segundo Gálatas 5.19-21, a idolatria é uma das obras da carne que barra uma pessoa de chegar ao céu.

COMO O CATOLICISMO VÊ CRISTO

O Catolicismo coloca Maria, os padres e os santos como mediadores entre Cristo e o crente, portanto não há acesso a Cristo exceto através deles! Quando há mediadores entre o pecador e Cristo, infere-se que o próprio Cristo não é acessível ao pecador diretamente.

Jesus Cristo é muito acessível, pois Ele é tão humano quanto você e eu! Jesus Cristo pode ser contatado diretamente, sem mediadores, sem Maria, sem o padre, sem os santos ou o papa, porque ele é homem e, por isso, acessível. O afável convite do Senhor Jesus Cristo, em Mateus 11.28, é: “**Vinde a mim**, todos os que estais cansados e oprimidos, e **Eu** vos aliviarei”. Note-se que Ele não diz: Vinde a Maria ou através de Maria! Não diz: Vinde através dos padres, dos santos, do Papa ou da Igreja. Diz: “Vinde a mim”. Paulo diz, em I Timóteo 2.5: “Porque há um só Deus, e **um só Mediador** entre Deus os homens, **Jesus Cristo homem**”.

Além disso, o Cristo do Catolicismo não é forte, varonil, vivo, reinante, uma companhia diária amorosa que ouve os pecadores e lhes responde. O Cristo do Catolicismo é basicamente um bebê desamparado nos braços de sua mãe ou então um Cristo morto sobre um crucifixo. Com isso Roma tem efetivamente afastado Cristo dos pecadores.

O Catolicismo prega a insuficiência do sacrifício de Cristo ao o repetir freqüentemente na Missa. A Palavra de Deus, por outro lado, ensina que o perfeito e suficiente sacrifício de Cristo pelos pecadores foi único e eterno.

COMO O CATOLICISMO VÊ

A JUSTIFICAÇÃO

A Igreja Católica ensina que o homem é justificado pelas obras, pela manutenção dos sacramentos, por fazer penitências etc. O Catolicismo ensina que a justificação está baseada nos méritos dos santos e nos méritos das suas próprias boas obras, mas a Palavra de Deus ensina que a justificação está baseada na vida justa e na morte substituinte de Cristo na cruz. O Catolicismo ensina que, na justificação, a justiça é **infundida** ou **colocada dentro** do pecador e que ele, dessa forma, **faz-se justo**.

A Palavra de Deus ensina que, na justificação, a justiça é imputada ou creditada em favor do crente pecador. A Palavra de Deus ensina que o crente pecador é vestido com a justiça de Cristo que cobre seus pecados e torna-o aceitável pelo santo Deus. Romanos 3.22 descreve isso quando diz: “Isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo **para todos** e **sobre todos** os que **crêem**”.

A principal diferença entre o Catolicismo e o histórico Cristianismo Neotestamentário é a doutrina da justificação **exclusivamente** pela fé. A Palavra de Deus ensina que os pecadores são justificados exclusivamente pela fé, exclusivamente através de Cristo e com base exclusivamente nas Escrituras.

COMO O CATOLICISMO VÊ A LIBERDADE RELIGIOSA

O Catolicismo prega que o Estado e todas as pessoas que nele vivem devem se submeter ao que dita a Igreja Católica. Prega, portanto, a união da Igreja ao Estado, reinando a Igreja de forma suprema. Roma atribuiu-se a infalibilidade e requer que todos os homens ajoelhem-se diante dela e a sigam cegamente. Aqueles que se recusam conformar-se aos ensinamentos Católicos têm sido perseguidos, torturados e executados sobre princípios indistintos há mais de 15 séculos. Milhões de pessoas têm sido executadas e outras incontáveis torturadas pelo Catolicismo, acusadas pelo crime de discordar de seus ensinamentos! Pelos séculos milhares de pessoas morreram nas mãos da Igreja Católica Romana por dizer as mesmas coisas que estou dizendo para você neste livro!

A Palavra de Deus, por outro lado, prega uma absoluta liberdade religiosa para todos os homens. Prega a separação entre a Igreja e o Estado. Ensina que os Cristãos não devem usar a força na propagação do Evangelho. Em João 18.36, o Senhor Jesus deixa isso claro ao dizer: “O Meu reino não é deste mundo; *se o Meu reino fosse deste mundo, pelejariam os Meus servos*, para que eu não fosse entregue aos judeus; *mas agora o Meu reino não é daqui*”. Os Cristãos que agem de acordo com a Palavra de Deus não devem perseguir ou procurar executar aqueles que discordam deles. Quando Tiago e João pediram para que viesse fogo do céu sobre aqueles que não cressem na sua pregação, o Senhor Jesus respondeu-lhes em Lucas 9.55-56: “Vós não sabeis de que espírito sois. Porque o Filho do homem *não veio para destruir as almas dos homens*, mas para *salvá-las*”.

APLICAÇÃO

Ao procurar fazer aplicação pessoal de tudo isso, consideremos duas outras coisas. Primeiro, a questão *que conclusões devemos ter sobre o Catolicismo Romano*. A partir do que aprendemos nestes treze estudos, podemos concluir que o Catolicismo Romano é um sistema religioso falso e não-bíblico que propaga um falso evangelho. Os erros do Catolicismo que vimos não são menores. Estão ligados às principais doutrinas da fé Cristã. A Igreja Católica é sempre rápida para chamar os outros de “heréticos”, mas, como vimos, ela está permeada de heresias.

É inacreditável que um sistema religioso tão obviamente em conflito com a Palavra de Deus possa ter ganhado tanto poder e ter chegado tão longe! Muitos dizem que o papado é o mais bem sucedido de todos os sistemas de engano do mundo.

Este livro demonstrou que o evangelho pregado pelo Catolicismo não é o mesmo pregado no Novo Testamento por Cristo, Pedro, Paulo, João e muitos outros. O Catolicismo prega outro evangelho, não o Evangelho apresentado na Palavra de Deus, um evangelho que conflita com o Evangelho do Novo Testamento e que O contradiz. Paulo diz, em Gálatas 1.8-9: “Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie *outro evangelho além do que já vos tenho anunciado*, seja anátema. Assim, como já vo-lo dissemos, agora de novo também vo-lo digo. Se *alguém vos anunciar outro evangelho além do que já recebestes*, seja anátema”.

Como podemos responder ao Catolicismo Romano? O que podemos fazer a esse respeito? Sugiro cinco coisas rápidas e então termino com uma questão.

1. ***Devemos tornar conhecida a verdade sobre o Catolicismo.*** O mundo precisa saber fatos sobre o Catolicismo. Há coisas que estão cobertas há muito tempo. Os Católicos precisam saber dessas coisas individualmente. Em seu grande livro ***Catolicismo Romano***, Loraine Boettner disse: “Um em cada cem Católicos Romanos, padre ou leigo, conhece a verdadeira história de sua própria Igreja!”. Quando fui pastor na região de Oklahoma City, uma querida senhora Católica participava de nossas reuniões regularmente. Quando perguntei-lhe um dia sobre a perseguição dos Batistas e de outros pelo Catolicismo na história, respondeu como muitos Católicos responderiam: “Isso não ocorreu!”.

2. ***Deveríamos desafiar o Catolicismo a defender-se com base na Palavra de Deus.*** As doutrinas da Igreja Católica Romana não são as doutrinas do Novo Testamento. Podemos desafiá-los a justificar suas crenças por meio da Palavra de Deus, o que obviamente não podem fazer. Devemos pedir que nos mostrem sua Igreja infalível e sua salvação sacramental na Palavra de Deus.

3. ***Deveríamos desafiar os Católicos a ler e estudar a Palavra de Deus.*** Precisamos impulsionar nossos amigos e amados Católicos a ler a Palavra de Deus por si mesmos e encontrar lá as verdades de Deus! Isso não quer dizer que devemos perguntar-lhes se já perguntaram sobre algo ao seu padre. Digo que devemos perguntar-lhes se já procuraram a resposta para algo na própria Palavra de Deus. Precisamos perguntar-lhes se já investigaram essas questões alguma vez sozinhos, por si mesmos, procurando a resposta na Palavra de Deus! Precisamos questionar-lhes: “Você fará isso?” Se não, “por que?” Precisamos dar aos nossos amigos e amados Católicos passagens específicas da Palavra de Deus para ler, como I Timóteo 2.5, Mateus 11.28 e Hebreus 9.12.

4. ***Deveríamos redobrar nossos esforços para pregar e batalhar pelo verdadeiro Evangelho de Jesus Cristo.*** Nossas igrejas devem prender-se a temas do Evangelho da salvação pela graça soberana e livre de Deus, à inspiração verbal e à autoridade única da Palavra de Deus para todas as questões de fé e práticas, à justificação exclusivamente pela fé, à regeneração pessoal pelo Espírito Santo e o único e suficiente sacrifício de Jesus Cristo pelos pecados de Seu povo. Hoje em dia muitos Cristãos professos fogem de controvérsias e não ousam resistir em defesa da fé! A Palavra de Deus, porém, diz, em Judas 3, para “batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos”.

5. Finalmente, ***deveríamos orar pelos nossos amigos e amados Católicos e testemunhar para eles.***

Encerrarei com uma simples questão: a sua esperança na vida eterna está na Igreja Católica ou em Jesus Cristo?

BIBLIOGRAFIA SOBRE O CATOLICISMO ROMANO

Autor: Laurence Anson Justice

- ALBERIONE, James. **Catechism for Adults: Vatican II Edition**. Boston: Daughters of St. Paul, 1971.
- ARMITAGE, Thomas. **A history of the Baptists**. New York: Taylor & Co., 1887.
- BLANSHARD, Paul. **American Freedom and Catholic Power**. Boston: Beacon Press, 1949.
- BOETTNER, Loraine. **Roman Catholicism**. Philadelphia: The Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1962.
- CARROLL, J. M. **The Trail of Blood**. Lexington: Bryan Station Baptist Church, 1999.
- CATHCART, William. **The Papal System**. Boston: St. Louis, 1872.
- CHINIQUY, Charles. **Fifty Years in the Church of Rome**. London: The Protestant Truth Society, 1885.
- CHRISTIAN, John T. **A History of the Baptists**. Texarkana: Bogard Press, 1922.
- CONNELL, Francis J. **Revised Baltimore Catechism**. New York: Benziger Brothers Inc., 1949.
- CRISWELL, W. A. **These Issues We Must Face**. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1954.
- DOWNING, W. R. **The New Testament Church**. Sam Kpse: Pacific Institute For Religious Studies, 1982.
- FISHER, George Park. **History of the Christian Church**. New York: Charles Scribner's Sons, 1907.
- FOX, John. **Book of Martyrs**. Hartford: Philemon Canfield, 1831.
- GERSTNER, John H. **A Primer on Roman Catholicism**. Morgan: Soli Deo Gloria Publications, 1995.
- GILL, John. **Infant Baptism: a part and pillar of popery**. Paris: The Baptist Standard Bearer, 1987.
- HOWELL, R. B. C. **The Evils of Infant Baptism**. Watertown: Baptist Heritage Press, 1988.
- KETCHAM, Robert T. **Let Rome Speak for Herself**. Des Plaines: Regular Baptist Press, 1968.
- MCDANIEL, George W. **The Churches of the New Testament**. Nashville: Sunday School Board of the Southern Baptist Convention, 1921.

MCCLOUGHLIN, Emmitt. **People's Padre**. Boston: The Beacon Press, 1954.
PLUMER, William. S. **Early Hours: Rome against the Bible and the Bible against Rome**. Harrisonburg: Sprinkle Publications, 2000.
RONE, Wendell Holmes. **The Baptist Faith and Roman Catholicism**. Kingsport: Kingsport Press, 1952.
SCHAFF, Philip. **History of the Christian Church**. AP&A.
WELLS, H. G. **Crux Ansata**. New York: Free Thought Press Association, 1953.